

*PEQUENA BIBLIOTECA DIFEL*

Textos greco-latinos

IV

PLATÃO

Górgias  
OU  
A Oratória

Sob a direção do  
Prof. J. CAVALCANTE DE SOUZA

DIFUSÃO EUROPÉIA DO LIVRO

## G Ó R G I A S

Nascido na ilha de Egira por volta de 427 a.C., Platão é um dos pilares culturais da civilização ocidental, "a fonte inesgotável onde vão desembocar todos aqueles em que brilhou a estrêla de uma vida mais alta", no dizer de Georges Méautis.

Para muitos, o fascínio exercido pelos escritos de Platão consiste na combinação da sua filosofia com a finura literária com que a consegue expor, de forma a emprestar-lhe o bom gosto estilístico que se exige numa obra de arte. Suas idéias influenciaram Aristóteles, os estóicos, Cícero, Plutarco e os primeiros escolásticos. Só depois destes é que foram suplantadas pelas do primeiro, para de novo se afirmarem na Filosofia e na Poesia do Renascimento, na Itália e na Inglaterra. Elas ainda se fazem presentes nas indagações culturais do nosso tempo.

Em *Górgias*, como o faria mais tarde em *O Banquete*, Platão figura uma reunião cujos participantes se propõem um debate sobre determinado tema, no caso a Oratória, tão do agrado dos gregos de sua época e que, por aquela altura, degenerava em eloquência fútil, com prejuízo para a moral e a educação da juventude. Sócrates, presente à reunião, ouve serenamente as várias opiniões e, de posse da palavra, destrói conceitos e argumentos, e restabelece de forma irresponsável, o primado da Filosofia.

Como as demais obras que compõem a pequena Biblioteca Difel, esta mereceu dos editores a melhor das atenções, pois sua tradução, diretamente do grego, foi entregue a competente especialista, o Prof. Jaime Bruna, que a enriqueceu com judiciosa apresentação e grande número de notas que facilitam a compreensão do texto.

Tradução, apresentação e notas do  
Prof. JAIME BRUNA

Capa de  
JACQUES DOUCHEZ

---

Direitos exclusivos da  
*Diffusão Européia do Livro*  
Rua Bento Freitas, 362, 6.º — Rua Marquês de Itu, 79  
São Paulo

## APRESENTAÇÃO

... *debeo profecto, quantumcumque possum, in eo elaborare, ut sint opera, studio, labore meo doctiores ciues mei.*

Cícero, *De Finibus*, I, 10.

### 1. *Dedicatória*

Dedico esta tradução à mocidade, por vê-la agitada e sem norte; porque renegou o passado, ela desfruta mal o presente e descrê do futuro. Em consequência, efervesce, rebelada.

A ebulição juvenil não é fenômeno de hoje. Borbulhou assim no meu tempo. Minha geração clamou sua angústia nas ruas, com passeatas, enterros, arruaças, empastelamentos, insurreições — a de 1930, para deitar abaixo uma oligarquia firmada em eleições fraudulentas; a de 1932, para derrubar a tirania entronada pela primeira.

É sempre amargo o despertar de sonhos doces. As revoluções mais belas terminam como acabou a mais feia da História, a de Danton e Robespierre; no enxurro de sangue, ao pé da guilhotina, vinha rolando, despercebida, a coroa dos Bonapartes.

A rebelião paulista foi sufocada. Ainda bem; não ficamos com a culpa do que veio depois, na esteira da verdade eleitora — a mentira dos partidos e o fácil triunfo da demagogia.

Os moços de agora o que esperam da agitação? dos motins? das bombas? O eterno ideal da juventude, um mundo melhor.

Que lhes assegure sorte mais feliz que a das incontáveis gerações malcontentes da História? Hoje, nada, em parte alguma do planêta; mesmo de onde mordanças abafam os protestos, chegam até nós, surdos, os seus ecos. Algo, porém, a pode garantir amanhã: sua própria inteligência, um idealismo sadio e, nutrindo-se daquela para nutrir êste, uma cultura sólida.

Com os suspiros duma geração, refletia Machado de Assis, se amassam as esperanças de outra. O mundo de amanhã, não o construirão os homens cansados de ontem. Têm de erigi-lo os moços; cuidem de acabá-lo bem, pois nêle terão de morar.

A tarefa não é fácil, nem simples; importa, pois, aparelharem-se para ela, aferrando-se ao estudo e ao trabalho; ao estudo, quem pode estudar; ao trabalho, todos, que trabalho não é privilégio de ninguém. Sem ódios, que destróem; sem presunções, que enganam; com amor, que fecunda, e sinceridade, que sustenta.

Não consiste o estudo honesto na assimilação de *slogans* — essas pílulas anticonceptivas do espírito, obstáculo ao nascimento de idéias próprias; é, antes, reflexão profunda e modesta. Em vez de ideologias, esta os sortirá de idéias, habilitando-os à análise dos erros do passado, para os não repetirem, e dos acertos também, para os aperfeiçoarem. Fechados os ouvidos do entusiasmo a propagandas custeadas, a esconsas, por pessoas, emprêsas, partidos ou países interessados em explorar em proveito próprio os ardores ingênuos, verão como os ideais irrefletidos vêm fornecendo almôço e jantar aos canhões, desde quando troam canhões na Terra. A canção das utopias não devem dar ouvidos, senão amarrados ao mastro da ponderação, como escutou o canto das Sereias o sofri-

do Odisseu, cujos ossos, graças a essa prudência, não apodreceram ao sol e à chuva, no monte de carcassas que branquejava no ilhéu.

## 2. Platão, seu tempo e sua obra

Nimba e doira êste livro um atrativo especial; foi seu Autor um môço de gênio. Contava, quando o escreveu, vinte e dois anos de idade, segundo uns; trinta e dois, segundo outros. De qualquer modo, era um jovem, que, para pensar, não pedia emprestados os miolos do vizinho; usava os seus e isso lhe tem granjeado o amor e admiração de vinte e cinco séculos.

Em suas veias circulava a seiva de duas cêpas ilustres. Pelo lado paterno, descendia de Codro, rei de Atenas, que uma morte heróica celebrizou. Bati-se a Ática pela liberdade; um oráculo prometia a vitória aos dórios invasores, se poupassem a vida ao monarca. Codro meteu-se, disfarçado, no campo inimigo, provocou uma rixa e nela pereceu. Em consequência, os dórios retiraram, desesperançados. Em Atenas, ninguém foi julgado digno de suceder no trono o rei mártir. Instaurou-se, por isso, a república. Solução acertada; na república, o povo, em teoria, é o rei; na prática, um mártir.

Pelo lado materno, Platão procedia de Sólon. Filósofo, poeta, político e comerciante, êsse antepassado era bem um grego do século VI a. C. Reclamava-se a reforma da constituição ateniense, que, imparcial entre a opulência e a penúria, favorecia o crescimento de ambas. Não sendo êle nem rico nem pobre, apenas remediado, o encargo veio parar em suas mãos. De seus decretos, sem embargo de sábios, não se agradaram os ricos, desejosos de ver perpetuada a miséria, nem os pobres, ansiosos, ao inverso, por ver estancada a riqueza. A cegueira das pai-

xões propiciou o advento da tirania, hidra que Zeus, em sua sabedoria infinita, costuma despachar para as lagoas onde, trétegas demais, as rãs apupam os reis de pau.

Nosso jovem nasceu por volta de 427 a. C. Seu nome Aristocles, destinava-se à obscuridade; os ombros largos, porém, valeram-lhe a alcunha de Platão, de celebridade gloriosa.

Naquele tempo declinava a velha luta entre Atenas e Esparta pela hegemonia na Grécia. Uma peste, aliando-se aos espartanos, arrebatara Péricles, o grande estrategista. O império ateniense desmoronava.

Não desabava só; toda uma época estava ruindo. Desde o século anterior vinham os filósofos naturalistas raspando, às velhas crenças, a pátina venerável.

Tales, o mais antigo, foi o primeiro a empunhar a raspadeira. Nem uma linha de sua obra se preservou; contudo, Simplicio (*Physica*, 23, 21) suspeita-o de ateu e, segundo se depreende de Aristóteles (*Metaphysica*, 983-b), foi ele o Maomé do Materialismo, pois a maioria dos filósofos da escola por ele fundada acreditava serem únicos princípios de todas as coisas os de natureza material; além disso (*De Anima*, 411-a), a alma, segundo ele, estava misturada no universo e, por isso, todas as coisas andavam cheias de deuses.

Xenófanes de Colofão não admitia a multidão de deuses; existia um só, eterno, espiritual e, não obstante, esférico; não estranhava o antropomorfismo, porque, se vacas, cavalos e leões tivessem mãos aptas ao manuseio do pincel, pintariam deuses de aspecto vacum, cavalos e leonino; para ele, a alma era um sopro.

Igualmente para Heráclito de Éfeso deus só havia um, que não era Zeus, nem gostava desse nome; discordava de Xenófanes quanto à alma; não era um sopro, mas água.

Informa-nos Platão (*Apologia*, 26-d) que Anaxágoras de Clazômenas desendeusava Apolo e Ártemis, ou Hélios e Selene, afirmando ser o Sol de pedra e a Lua, de terra. Os atenienses, a princípio, horrorizados com semelhante blasfêmia, quase o sentenciaram à morte; salvou-o Péricles, com seu prestígio, obtendo que se limitassem a multá-lo e mandá-lo para fora. Isso foi em 450 a. C.

Mas quem pode exilar idéias? Algumas arraigam como a tiririca, que jardineiro nenhum extirpa; nem a queimada. Trinta anos depois, Sófocles (*Oedipus tyrannus*, 910) deplorava a decadência da religião: ἔρπει δὲ τὰ θεῖα. Ele próprio, no entanto, e os outros poetas trágicos, notadamente Eurípides, contribuíam para a desmoralização dos velhos credos, quando punham em cena, como que materializados debaixo dos olhos do povo encarapitado nos anfiteatros, os absurdos da mitologia de Hesíodo e Homero. Da mitologia e da moral.

As idéias motoras da História parecem imitar os lepidópteros: nascem lagartas, em cérebros clássicos; encasulam-se, como crisálidas, em corações românticos; depois, rompem a sêda e surgem borboleteando nas auras do realismo para acabar nos palpos dalguma caranguejeira abstracionista.

O papel de crisálidas coube, sem dúvida, aos sofistas e retores. Com eles aprendeu a Humanidade a conduzir, com segurança, pelas mais complicadas maranhas, o fio do pensamento, embebido, quase sempre, nalgum veneno sutil; ensinaram, também, como embair as inteligências e ganhar as vontades com artifícios de eloquência.

Numa república em que de obras, leis, confiscos, destros, penas capitais e até de guerras decidia o voto popular, feliz quem possuísse o dom de persuadir!

Esse privilégio prometiam a seus discípulos mestres acorridos a Atenas de todos os recantos do mundo helênico.

O primeiro a intitular-se sofista foi Protágoras, de Abdera; êle afirmava que "o homem é a medida de tôdas as coisas" e "quanto aos deuses, não tinha meios de saber se existiam ou não". Em aulas altamente remuneradas, ensinou durante quarenta anos como levar de vencida num debate a causa mais forte. Culto e eloqüente, excitava entusiasmos; à sombra de sua influência sentaram grandes figuras; entre elas, Péricles, que o recomendou para redigir a constituição da nova colônia de Túrios.

Deixemos de parte outros de menor porte, como Trásimaco, de Calcedônia, e Eveno, de Paros, e recordemos aqui Pródico, de Céos, e Hípias, de Élis.

Era Pródico um gramático. No *Protágoras*, Platão no-lo mostra esmiuçando distinções sutis, malabarismo que até hoje assegura o pão de cada dia aos continuadores da profissão. Era também um moralista. Xenofonte (*Memórias*, II, 1) reproduz o mito famoso, onde êle imagina Hércules numa encruzilhada, perplexo diante de duas mulheres de grande estatura, uma a chamá-lo para a triilha áspera da virtude, a outra a seduzi-lo para a vereda alegre do vício.

Uns mais, outros menos, os sofistas eram presumidos e vaidosos. A palma, porém, cabia, sem dúvida, a Hípias. Dotado de memória excepcional, senhor de tôdas as capacidades e conhecimentos, costumava ir a Olímpia, por ocasião dos jogos pan-helênicos; ali, metia-se no santuário de Zeus, à disposição de tôda gente, para responder a tôda e qualquer pergunta; certa ocasião, exibiu manto, túnica, cinto, calçado, pote de azeite e até o estrígil com que esfregava o corpo, tudo obra de suas próprias mãos! Moralista também, gostava de colhêr exemplos edificantes nos poetas, sobretudo em Homero. Orador disertado, conferencista, diplomata, ganhou fama e fortuna.

Debaixo de semelhante celagem chegou aos vinte anos nosso obscuro Arístocles. Efebo, lutara nas batalhas em

que se empenhava o povo ateniense e, no coração, com os borbotões de sangue dos Codros e Sólon, palpitavam-lhe naturais aspirações políticas.

Crátilo, discípulo de Heráclito, fôra seu primeiro mestre. Nas ruas da cidade, contudo, deparara um tipo singular, um velhote de nariz chato e olhos saltados, filho, segundo dizia, dum estatuário, Sofronisco, e duma parteira, Fenáreta. O nome Sócrates, pronunciavam uns com veneração, outros com despeito. Perambulava pelos becos e praças descalço, vestindo uma túnica surrada e por cima um manto bate-enxuga; cercavam-no, reverentes, pessoas de vária condição, idade, cultura e procedência. Velhos, como Querefonte, moços como Fédon; filósofos, como Euclides, iletrados, como Apolodoro; ricos, como Critão, pobres, como Hermógenes; mégaros, como Terpsião, cireneus, como Aristipo, seguiam-no atenciosos, ávidos de ensinamentos.

Em que consistiam êstes? Em que diferiam das lições e doutrinas de outros mestres?

Os filósofos do passado, desde Tales, investigavam os segredos da natureza, ansiosos de atingir o âmago da matéria e surpreender a substância primeira, de que tudo era feito; seria o fogo? a água? o ar? a terra? Como se misturariam os elementos, para dar em resultado, por exemplo, uma oliveira, uma tartaruga, um homem?

Perguntas pretensiosas, mas fecundas; encerravam a semente de conhecimentos, que suscitariam novas perguntas, numa série infinita, porque, na conquista da ciência, cada solução encontrada é nova esfinge fértil de enigmas.

Uma resposta agradara sumamente a Sócrates, a de Anaxágoras; para êste, não bastavam os quatro elementos identificados por Empédocles; de um caos primitivo, onde se entrebatiavam substâncias em número infinito, um ser dotado de inteligência e poder supernal formara o mun-

do como o conhecemos. Uma mente coordenadora, como causa universal dos sêres! Que achado maravilhoso! Contudo, prosseguindo na leitura, Sócrates desiluiu-se; o filósofo de Clazômenas não soubera utilizar a descoberta; na explicação dos fenômenos naturais, desgalgava das alturas e recorria, rasteiramente, como os antecessores, ao ar, ao éter, às águas e outras causas surdas, cegas, obtusas.

Desencanto, não desânimo. Dentro, no coração, uma voz segredava-lhe que persistisse; abandonasse a investigação das alturas e profundezas e pensasse no Homem, na sua origem, no seu destino, nas obrigações carregadas pela dádiva da vida e pelo privilégio da razão. Inspirava-lhe, assim, a Filosofia Moral.

Como a transmitia aos discípulos? De que princípios, teses, dogmas, a desenvolvia?

Estranho! Dogmas, teses, princípios básicos, tão insigne mestre não os trazia; sabia, sim, onde buscá-los: no íntimo de cada um, como os nascituros na matriz. Impunha-se partejá-los e, para isso, êle servia-se de um método, a que dava o nome de maiêutica, que é como quem diz obstetrícia.

Parteiras, elucidava êle, no *Teeteto*, de Platão, não são mulheres estéreis, nem matronas ainda fecundas; são aquelas que não podem mais conceber. Ora, conquanto não consumasse descobertas científicas, embora não planeasse sistemas doutrinários, apesar de não se proclamar um sábio, êle partejava os espíritos prolíficos, assistindo-os na parturição de verdades fecundas. Sem cobrar sequer um úbolo, perguntando e tirando das respostas novas perguntas, guiava as pessoas do êrro à descoberta das verdades. A primeira, não raro, amargava; era a verificação da própria ignorância.

Avezado a interpelar em público pessoas havidas por competentes em religião, como Eutifron, em moral, como

Hípias, ou ainda em política, artes, finanças, levava-as a contradições, convencendo-as de não serem tão sábias quanto supunham. Enquanto ídolos assim desanichados se ar-rancoravam, moços, entusiasmados por essa filosofia, tão diversa da cultivada pelos sofistas mais prestigiosos, imitavam-no, submetendo a sabatinas os mais velhos, desenganando-os de credices e superstições, recusando-lhes uma autoridade que só a maior soma de janeiros estribava. Quem mais lhe odiava as feições grotescas — já o notara o observador Aristocles — eram os impostores de todo tipo, sobretudo os intrujões da política. Atoardas desfavoráveis se espalhavam a seu respeito; calúnias avultavam: que êle não cria nos mesmos deuses que os outros atenienses; que êle introduzia novos deuses na cidade; que êle corrompia a juventude.

Platão, sincero consigo mesmo, anelava orientar um dia o seu povo para um destino feliz. Qual, porém, o rumo certo? Não ouvira, até então, uma resposta cabal; todos concebiam o poder como um meio de engrandecimento próprio, ninguém como um dever para com o povo, que o outorgava. Do velhote de cara de sátiro muito se falava desde muito tempo; até o poeta Aristófanes, anos passados, o metera a riso numa comédia. Teria êle a resposta certa às perguntas que gralhavam nas cogitações do jovem? Nada como verificá-lo. Fêz ouvidos de mercador à boataria; aproximou-se do mestre e deixou-se contagiar da magia de sua dialética e do fascínio das idéias que matinalava.

Como seria belo ascender ao govêrno e implantar os sábios ensinamentos da nova filosofia! Pensou nisso Platão a primeira vez sob o regime dos Trinta, impôsto a Atenas pelos espartanos vencedores; para tanto, porém, impendia ou apoiar os tiranos em seus crimes, e tal não lhe consentia a consciência, ou derrubá-los, e tal não lhe permitiam as fôrças. Pensou nisso de nôvo, quando, no

ano de 403, Trasíbulo, chefiando uma revolta, restaurou a democracia. Todavia, volvidos poucos anos, a assembléia popular condenava Sócrates à morte.

Decepcionado, decidiu correr mundo. Partiu primeiro para Mégara; dali foi visitar o Egito e a Líbia, onde conheceu Teodoro, o matemático; passando para o sul da Itália, travou relações com os pitagóricos; cruzou até Siracusa, esperando converter o tirano Dionísio, o Velho, à filosofia; mal sucedido, teve de abandonar a cidade; um navio espartano o desembarcou, prisioneiro, em Egina. Resgatado por Aníceris, um filósofo de Cirene, regressou a Atenas. Fundou ali, em 387, a Academia, escola destinada a durar nove séculos.

Em Siracusa, falecido o tirano, assumiu o poder outro Dionísio, o Mõço; seu tio, Dião, amigo e discípulo do filósofo, chamou-o para doutrinar o nôvo rei e ensaiarem a república ideal. Esperava-o, contudo, um segundo malôgro. Voltou dali à Academia e nunca mais interveio na política ativa. Dedicou-se ao ensino e à composição dos *Diálogos*, obras em que expõe doutrinas morais e políticas, atribuídas quase sempre a Sócrates, mas certamente em grande parte originais. Não são tratados massudos e magantes, em gíria hermética e insôssa, daqueles que pintam a filosofia na paisagem *triste e árida*, onde a conheceu Alexandre Herculano.

Muita gente, autores e leitores, imaginam que um tratado filosófico tem de ser insípido para ser digno; pesado, para ser profundo; desmazelado, para ser austero. Não assim Platão. Redigidos numa linguagem ao alcance de todos, seus diálogos são animados de verdadeiras peripécias, como as peças de teatro, com personagens vivas, cada qual com sua cultura e temperamento, debatendo temas fascinantes. De leitura leve, em suma, e, sem embargo, requintadamente artística, são todos importantes, atuais, enquanto o homem fôr homem, porque o seu alvo

é exatamente o Homem e seus destinos nesta vida e na outra.

Destacamos alguns pela beleza da forma, ou pelo momento do conteúdo, dentre os vinte e cinco considerados autênticos, todos êles belos e momentosos; a *Apologia* reproduz a defesa pronunciada por Sócrates no tribunal que o condenou à cicutá; o *Protágoras* investiga se a virtude pode ser ensinada; no *Banquete*, discutem o sentimento do amor a Filosofia, a Medicina, a Retórica, a Tragédia, a Comédia, a Sofística e até a Boêmia; o *Fedro* sabatina a arte da eloquência; no *Fédon*, Sócrates, em vias de ingerir o veneno, discorre sôbre a imortalidade da alma e seus últimos destinos; na *República* e nas *Leis*, concebe-se a organização dum estado ideal; o *Critão* nos ensina o dever da obediência às leis, mesmo quando nos ferem os interêsses ou nos arrebatam a própria vida.

Dessas obras, umas pertencem à velhice do Autor, outras à idade madura, algumas ainda à mocidade. Entre estas últimas, o *Górgias*.

### 3. O assunto e intuito da obra

Êste diálogo tem por assunto a oratória. Dela não trata como um manual de retórica; estuda-lhe o valor como programa de educação e instrumento de ação política.

O advento dos sofistas e retores descera a oratória, por assim dizer, ao alcance de todos. Certamente, sempre se ouviram arengas entre os gregos. Nestor, na *Iliada*, é um orador experiente e persuasivo; deve isso à longevidade, pois reina já sôbre uma terceira geração. Nem todos podem esperar tão longamente, muito menos em tempos de grandes mutações sociais.

O primeiro tratado de oratória, naturalmente rudimentar, veio à luz em Siracusa, por volta de 465 a. C. Foram seus autores Tísias e Córax.



Após a queda da tirania, inúmeras vítimas de arbítrios iníquos recorriam à Justiça, procurando a restauração de seus direitos, máxime no tocante a propriedades. Nos períodos de agitação social, os tribunais convertem-se, não raro, em esterquilínios férteis em tortulhos, entre os quais, pela leveza, colorido e curvas do zimbório, bem como pela graça da coluna que o sustenta, sobressai o cogumelo da oratória. Córax, um dos autores da derrubada, foi o primeiro a cultivá-la; passou, em seguida a ensiná-la e para isso compôs a cidadartinha. Aluno seu, nela colaborou Tísias, que, ao depois, fez concorrência ao mestre e chegou a derrotá-lo num processo; ganhou discípulos e foi tão feliz que entre eles são enumerados Lísias e Isócrates.

Os sofistas desenvolveram e aperfeiçoaram a oratória no fundo e na forma; criaram métodos para apurar o raciocínio e a imaginação, além de exercícios para o aprimoramento do estilo, extraindo da linguagem o maior rendimento possível.

Seu êxito imenso ameaçava seriamente a pedagogia antiga. Aristófanes, aferrado à tradição, compôs, nas *Nuvens*, um cômico debate entre o *Argumento Justo* e o *Argumento Injusto* a respeito do que hoje se chamaria estruturas arcaicas da educação e mentalidade revisionista, ou *aggiornamento*. Por onde se vê que o mundo dá voltas, sim, mas sempre em tórno do mesmo eixo: *plus ça change, plus c'est la même chose*.

A oratória pretendia absorver a educação; já não se formariam varões para a família, nem cidadãos para a pátria e sim apenas oradores para a política.

Assim estreita era a visão de Górgias, cujas lições caríssimas Isócrates fôra colhêr à Tessália, e tal a concepção expressa por êste no discurso *Contra os Sofistas*, espécie de plataforma com que, por volta do ano 393, lançou sua escola de oratória. Condenando o método erísti-

co e as pretensões dos sofistas, contrapunha-lhes o estudo da eloquência política. Para êle, filosofia significava cultura geral e esta, se não se confundia, pelo menos se fundia com a oratória; esta era a expressão e aquela o pensamento; moral e retórica eram como o fungo e a alga, de cuja simbiose resultava o líquen da educação.

No presente diálogo, Platão, aparentemente, sob o nome do mestre, combate de fato o discípulo. É incerta a data da composição; as hipóteses transitam numa trilha de vinte anos, entre os extremos de 395 e 376. Imagino-a posterior à abertura da escola de Isócrates e contemporânea da fundação da Academia, ou pouco anterior, entre os anos de 393 e 387. O exame de algumas dentre muitas correspondências não deixará dúvidas de que o *Górgias* é uma réplica ao *Contra os Sofistas*. Segundo êste discurso, "a maioria dos que filosofaram permaneceram ignorantes" e "são incapazes quer de falar, quer de dar um conselho"; são palavras quase textuais de Cálicles em 484-d, 485-e e 486-b; na opinião de Isócrates, as pessoas que refletem desprezam os entretenimentos dos sofistas, isto é, de Sócrates e seus iguais, "considerando-os cavaqueira e bagatelas, e não cuidado da alma"; é como se manifesta igualmente Cálicles em 486-c e 492-c. Dêles diz ainda o *Contra os Sofistas* que "de tão ousados, tentam persuadir os moços de que, chegando-se a êles, saberão o que fazer e graças a essa ciência serão venturosos"; ora, o ensinamento de Sócrates era justamente a preparação do homem para ser o melhor possível nesta vida e habitar as Ilhas Afortunadas na outra. Contrariando o pensamento de Platão no *Protágoras*, diz Isócrates: "Não pense ninguém que eu esteja dizendo que a justiça é coisa que se ensine; absolutamente não acho que exista arte que engendre sabedoria e justiça em indivíduos mal dotados de nascença para a prestância"; criticando queixas dos sofistas sôbre ingratidão dos alunos, declarava "inadmissível que, honestos e justos para com os outros, ha-

jam de falhar para com aquêles por quem foram tornados tais". Por um processo repetidas vêzes verificado no *Górgias*, Sócrates devolve essa crítica a Cálicles, pseudônimo, aqui, de Isócrates, mostrando que, sendo função do orador político melhorar os concidadãos, falharam Péricles e outros oradores, contra quem o povo se voltou. Outrossim, Górgias titubeia em asseverar (οἶμαι) que dêle os discípulos aprendam, de envolta com a oratória, as noções do bom e do mau, do belo e do feio, do justo e do injusto (460-a). Tal insegurança afigura-se-me uma crítica irônica à passagem do discurso-plataforma, *in fine*, onde Isócrates declara pensar (οἶμαι) que o estudo da oratória política implica uma exortação à prática (συμπαρακελεύσασθαί γε καὶ συνασκῆσαι) da sabedoria e da justiça.

O fito da obra é, com efeito, mostrar que a formação cultural alicerçada exclusivamente na eloquência política, ao invés de educar, destrói todo o senso moral.

#### 4. *As personagens*

Intervêm no debate Sócrates, Górgias, Polo e Cálicles.

Górgias, filho de Carmântides, natural de Leontinos, na Sicília, não se sabe ao certo em que ano nasceu, nem quando morreu. Que viveu longamente não há dúvida; Cícero (*De Senectute*, XIII) atribui-lhe cento e sete anos; Quintiliano (III, 1, 9, cento e nove). Na *Apologia* (19-e), Platão parece dá-lo como vivo em 399 a. C. São limites prováveis de sua existência os anos de 492 ou 483 e 384 ou 375. É de crer tenham sido seus mestres Tísias e Empédocles. Na mocidade, presume-se, travou conhecimento com os filósofos eleáticos; segundo testemunho

de Sexto Empírico e do Pseudo-Aristides, teria tentado, numa obra intitulada *Da Natureza ou do Não-Ser*, demonstrar, nos moldes daquela escola, que nada existe; se alguma coisa existisse, seria impossível conhecê-la e, se fôsse possível o conhecimento, não se poderia comunicar pela palavra. Granjeou em sua terra grande reputação de orador e professor de retórica. Leontinos, oprimida por Siracusa, em 427 a. C., viu nêle o embaixador ideal para ir a Atenas solicitar auxílio. Sua eloquência encantou os atenienses; em troca, maravilharam-no as belezas da cidade e as oportunidades oferecidas aos mestres de retórica. Mal prestou aos concidadãos contas da embaixada, voltou ali para dar exhibições e ganhar discípulos. Teve-os numerosos, moços e velhos das melhores famílias, ávidos de ouvi-lo, a despeito do custo exorbitante de seu curso, cem minas, mais de 43 quilos de prata! Todavia, não acumulou riquezas; casquilho e vaidoso, apesar de temperante, consta haver dedicado, no templo de Delfos, uma efígie sua, inteira de ouro; orando em Olímpia, em 408 a. C., sôbre a questão levantina, perante gregos de toda procedência, trazia, nos ombros, um manto de púrpura e, nos pés, sandálias douradas. Amigo de viajar, não se demorou muito em Atenas; parou mais tempo na Tessália, prestigiado pelos tiranos de Feras e de Larissa, sempre cercado de discípulos nobres e abastados; entre êles, Menão e Próximo, dois dos generais da famosa expedição dos *Dex Mil*, narrada por Xenofonte na *Anábase*; de Atenas, além de Isócrates, acorriam a ouvi-lo outras celebridades, como Tucídides, o historiador, Crítias, um dos Trinta Tiranos, Alcibíades, o guerreiro, e Antístenes, o fundador da escola cínica. Gozou, até o fim, de excelente saúde física e mental. Centenário, continuava operoso, amando a vida; perguntado por que lhe aprazia viver tão longamente, teria respondido, segundo Cícero (*op. cit. ibidem*): "*Nibil habeo quod accusem senectutem*". Suas últimas palavras, di-lo a tradição, foram

plácidas e... retóricas: "O sono começa agora a levar-me à sua irmã, a morte."

Além do tratado filosófico atrás referido, compôs discursos; sob seu nome chegaram até nós apenas duas pequeninas peças oratórias, cuja autenticidade é discutida: *Elogio de Helena* e *Apologia de Palamedes*. Negando tôda existência exterior, mas admitindo a do pensamento, portanto, a da opinião, se achava impossível a transmissão de conhecimentos, não negava a da persuasão e esta era a finalidade da oratória. A verdade, correspondência entre o pensamento e a realidade, era coisa sem sentido; importava convencer, mas não importava do quê. O condão da oratória era falar com beleza e vigor, captando o assentimento pela magia do verbo, mostrando aos ouvintes que o branco era preto e o preto era branco, o alto era baixo e o baixo era alto, o belo era feio e o feio era belo. Quem dispusesse dos segredos da eloquênciaalaria empolgante e persuasivamente sobre qualquer assunto, mesmo sobre aqueles de que nada entendesse.

Incrível? Mas não é o que praticam presentemente alguns jornalistas de escrever e de falar, alguns críticos literários, vereadores, deputados, senadores, ministros e que maior graduação alcancem em todos os climas de ambos os hemisférios? Em tempo: iam-me esquecendo os economistas de botequim.

Pesquisando os recursos dessa técnica, teve o mérito de atinar com a importância das figuras e da harmonia; a partir de suas lições se tornou o trabalho do estilo uma preocupação dos escritores em busca de beleza literária.

Quicá Platão o tivesse conhecido pessoalmente; não obstante, não valorizam garantias de autenticidade o retrato que dêle traça neste diálogo. Homem do mundo, elegante, cortejado e famoso, não se esquivava a um debate com Sócrates, cuja figura mal-ajambrada devia causar-

-lhe péssima impressão, se não repugnância; leva a condescendência ao ponto de aceitar a imposição da forma dialética da disputa; muito seguro, a princípio, dos condões preciosos da eloquência, não ensaia uma demonstração prática da apregoada eficácia dessa arte no assegurar o triunfo da causa mais fraca; diante das conclusões morais aterradoras de Sócrates, não as repele com arrogância, não esfria o tom cordial e afável, não magoa; testemunha com serenidade a derrota sucessiva de seus discípulos e chega a instar com Cálicles que não saia de chouto em meio da peleja, como um Xerxes espavorido, antes do completo desbarato. Essa modéstia lhe vale o tratamento, mais do que cortês, respeitoso da parte do contendor, mas não se aduna com mantos de púrpura e sandálias douradas.

Dessa virtude não se contagiara o discípulo Polo de Agrigento, que o acompanhava nas viagens com o fito de lhe aproveitar as lições e tornar-se conhecido; alimentava, talvez, aspirações à sucessão do mestre. Segundo Platão (*Fedro*, 267-b), era autor duma artinha sobre a linguagem artística, com capítulos sobre os conceitos, as imagens, a repetição e outros atavios do estilo; em sua composição teria colaborado Licímnio, ministrando-lhe um repertório de expressões. Não o mencionam, contudo, Longino e Demétrio em seus tratados sobre o estilo; não figura o seu nome tampouco entre os de mestres de eloquência enumerados por Cícero e Quintiliano.

Neste diálogo não é visto sob uma luz favorável; é um jovem petulante, impetuoso, tão enfatuado quanto imaturo, incapaz de concentrar-se num estudo e aprofundá-lo; ainda não acabara de assimilar as noções adquiridas, não refletira sequer sobre elas e já uma ousadia inflada na ordem inversa da competência o alçava à presunção de vencer qualquer debate, desde que pudesse

afogar o oponente num dilúvio de eloquência. Com essa meia cultura cem vezes mais daninha que uma ignorância inteira, que é como uma arma de fogo em mãos de criança, encarnava as deficiências educacionais do método retórico; a ele caberia, sem dúvida, a crítica de Eurípides (*Hipólito*, 989): “Os oradores que entre sábios não passam de medíocres são os mais eloqüentes ante as massas.”

Ufania dos brasileiros quando a grandeza se media por outros padrões que não a bola na rede ou a gritaria histórica de fãs de auditório, Ruy Barbosa anda hoje, se não desacreditado, mais ou menos esquecido; gerações de publicistas medíocres, não o podendo igualar nem diminuir, cuidaram de escondê-lo. Por isso poucos jovens conhecem a *Oração aos Moços*, um discurso de paraninfo que devia ser lido em toda festa de formatura colegial.

Há no mundo fartas reedições de Polo de Agrigento, inteligências capazes de ganhar os píncaros, não as houvessem orientado para as faldas. Para elas escreveu o grande Ruy estas palavras: “Os que madrugam no ler convém madrugarem também no pensar. Vulgar é o ler, raro o refletir. O saber não está na ciência alheia, que se absorve, mas, principalmente, nas idéias próprias, que se geram dos conhecimentos absorvidos, mediante a transmutação, por que passam no espírito que os assimila.” E logo adiante: “Já se vê quanto vai do saber aparente ao saber real. O saber de aparência crê e ostenta saber tudo.”

Polo julgava ter haurido nas lições de Górgias essa onisciência de boquiabrir basbaques e, em vez de buscar a verdade, procurava *ganhar a causa*, com o emprêgo de processos retóricos. Em sua formação faltava aquela noção do justo e do injusto, do bem e do mal, que o mestre não tinha plena certeza de inculcar no ânimo

dos discípulos. Por isso, admirava quem triunfasse na vida, embora ao custo de crimes horríveis. Não estava, porém, de todo em todo perdido; restava-lhe o senso do belo e por ali o fogueiro o gancho da dialética para guindá-lo, mau grado seu, ao terreno sólido e enxuto da moral.

No frigidar dos ovos, dizem os doutores em omeletas, se conhece a manteiga. O debate entre Sócrates, de um lado, e Górgias ou Polo, de outro, tinha pairado nas alturas da teoria; urgia baixar até os resultados práticos duma educação nos moldes da escola de Isócrates. Representa-os a figura de Cálicles. Platão não a colheu na vida real, ou porque, com poucos anos de existência, a escola rival ainda não produzira exemplares suficientemente conhecidos, ou por haver perigo em mencionar os de carne e osso; aliás, apesar de não lhe dar arrepios a assombração dos anacronismos, talvez temesse o ridículo de introduzir um contemporâneo num debate imaginariamente ocorrido algumas décadas atrás. Por isso, forjou uma personagem típica, mas nem por ser fictícia, para ele menos viva e real que os dois retores. Ao contrário, merece até maior relevo e vem desenhada a traços mais carregados.

Cálicles simboliza o tipo social e moral dos jovens seduzidos pelas promessas de Isócrates e a casta de políticos que ele poderia criar. De família abastada e aristocrática — de outro modo o teria repellido o custo incrível das lições, nem lhe teria Górgias aceito a hospitalidade — aspira a triunfos nas batalhas políticas, nas quais é arma imprescindível e poderosa a eloquência. Deu-lhe o berço os propósitos; a escola, os meios. *Culto*, citando Píndaro e Eurípides, conhece de sobejo os artifícios de argumentação eficazes numa tribuna; sua palavra, fruto opimo das aulas de retórica, é deveras cávida, nos dois sentidos do termo, e persuasiva; faltam-lhe,

contudo, convicções e, por isso, coerência; vira, como grimpa, à mercê das auras populares. *Presunçoso*, despreza nos filósofos uma educação inferior à sua; a filosofia, a seu ver, é passatempo escolar de adolescentes e simplórios; deve ser atalhada, que não arruíne a personalidade; *petulante*, não trepida em admoestar paternalmente a Sócrates, quatro ou cinco lustros mais velho, e criticar as fraquezas de seus hóspedes ilustres; *materalista*, tem da felicidade uma concepção hedônica; rejeita conscientemente a moral segundo a lei e os costumes, opondo-lhe o direito dos instintos, e, *cínico*, aceita as conseqüências mais repugnantes dessa posição; *ambicioso*, admira, como Polo, os vencedores, ainda quando a vitória tenha marinhado pela escharpa do crime, e considera imbecis quantos reprimem as paixões; *insincero*, para negar a derrota, muda sucessivamente a significação de suas palavras e, *desonesto*, acusa o adversário de trapacear as acepções; *impudente*, a adotar a verdade e cair em contradição, prefere declaradamente perfilhar o erro e, *covarde*, encostado à parede, tenta fugir ao debate; instado a permanecer na liça, forceja, *velhaco*, por apoucar o desbarato iminente; ironiza, mostra-se superior aos resultados da disputa, cujo momento, reconhecido de início, tenta apequenar ao cabo, mas, *astucioso*, vigia, atento, possíveis falhas para, restituindo importância à discussão, embatucar o adversário. Quando, afinal, tem de confessar a derrota, ainda não se dá por convencido, mas o sarcasmo que, daí por diante, lhe enrança as palavras denuncia bem o desencanto de quem viu despetalar-se, murcha e descorada, a rosa duma ilusão desabrochada com as esperanças.

Com os três contrasta a figura do verdadeiro sábio, que Sócrates encarna. Todos, naquela companhia, admiram Górgias; não assim o filósofo, mas sabe mostrar-se respeitoso, porque méritos reais, apesar de em-

panados pelos defeitos, engrandecem o famoso sofista; com modéstia e hábeis cortesias, dêle obtém a renúncia à brilhante prolixidez da oratória, em favor da baça concisão do diálogo, deslocando-o, dessarte, para um terreno familiar seu; não dispensa, porém, igual acatamento à fatuidade impertinente de Polo e é dêste que triunfa com menos piedade, deixando-o numa perplexidade miseranda; sua ironia, presente sempre, por ser o traço que melhor individua e identifica a sua personalidade, raia pelo sadismo quando desarvora a galera das pretensões de Cálicles. Terminada, porém, a função destrutiva do diálogo polêmico, ou antes, subversivo (*ἀνατρεπτικός*), como o qualificam os manuscritos, o mestre, narrando o mito da outra vida, na qual, que não nesta, se deparam prêmios à virtude e castigos ao vício, revela uma eloqüência parenética deveras convincente e extasiante.

## 5. Plano e sumário

Os tratados de Platão foram compostos à maneira dos dramas. Conhecidas as personagens e entrevisto o côro, constituído de admiradores de Górgias reunidos em casa de Cálicles, tendo Querefonte como corifeu, resta verificar as peripécias, distribuídas em um prólogo, três episódios e o êxodo.

### A. Prólogo (até 449-b)

A casa de Cálicles, cujo hóspede, Górgias, o mestre de oratória, acaba de dar uma exibição, chegam Sócrates e Querefonte; desejam ser informados sobre os dons da referida arte. Introduzidos, Querefonte formula a pergunta. Alegando cansaço do mestre, Polo se oferece

para responder em seu lugar e ensaia uma conferência sobre a beleza da oratória, sem precisar em que consiste. Sócrates aponta o erro e interroga diretamente a Górgias; este declara-se proficiente na oratória, que pratica e ensina.

B. *Primeiro Episódio: Sócrates versus Górgias*  
(449-c a 461-b)

1. Sócrates propõe um diálogo em termos concisos; deseja saber qual o objeto da oratória. Vem a primeira definição, demasiado genérica: a oratória trata de palavras (449-d). Assim também a medicina, a ginástica e outras artes. Górgias reduz a extensão: a oratória usa apenas palavras, sem trabalho manual ou equivalente (450-b). Sócrates atalha que ela se confunde, assim, com a aritmética, o cálculo, a geometria; mostra, desarte, o que é a diferença específica, e obtém uma definição mais precisa: a oratória se aplica aos assuntos humanos mais importantes e nobres (451-d).

2. É esse um critério de valor, controversável, aplicável, ainda, à medicina, à ginástica, às finanças. Górgias reivindica para a oratória o poder de assegurar a liberdade pessoal e o governo dos concidadãos pelo domínio dos tribunais e assembleias (452-d). Sócrates deduz, enfim, uma definição, que Górgias aceita: a oratória é uma produtora de persuasão (453-a).

3. A aritmética, como todo ensino, também produz persuasão; é preciso distinguir mais, como se discriminam, por exemplo, os gêneros de pintura. Górgias delimita o campo: a oratória produz persuasão sobre o que é justo e o que é injusto (454-b).

4. Há, todavia, duas sortes de persuasão: a crença e o saber. Este não pode ser falso, aquela pode. Górgias

reconhece que a oratória produz persuasão de crença (454-d). É exercida nas assembleias de cidadãos, decidindo a escolha de médicos, construtores, generais etc., domínios em que impende ouvir especialistas. Górgias, com exemplos históricos, mostra o prevalecimento da oratória em qualquer escolha; diante da multidão, o orador será sempre mais convincente (456-c); se ele se valer do condão da arte para induzir em erro, recaia a culpa sobre sua pessoa e não sobre a oratória; muito menos sobre quem a ensina (457-c).

5. Receoso dos mútuos agastamentos freqüentes nos debates, Sócrates consulta Górgias sobre a interrupção do debate. Os presentes insistem no prosseguimento (458-d).

6. Como, graças tão-só aos artifícios da retórica, o orador prevalece ao técnico diante de pessoas estranhas ao assunto, o que Górgias enaltece como alto negócio. Sócrates indaga se assim é com relação às categorias do justo e do injusto, do belo e do feio, do bem e do mal, mesmo quando fala um leigo na matéria (460-a). Hesitante, Górgias declara pensar que o ensino da oratória ministrará esses conhecimentos.

7. Bastará, porém, o conhecimento da justiça para alguém ser justo? Górgias assevera que o orador, necessariamente justo, jamais quererá delinquir (460-c). Isto, porém, adverte Sócrates, não se concilia com a suposição anterior (457-c) de que o orador podia usar da persuasão para o mal (461-b).

C. *Segundo Episódio: Sócrates versus Polo*  
(461-b a 481-a)

1. Vendo emaranhado o mestre, acode-o Polo; Górgias se contradisse apenas pelo acanhamento de negar

uma concessão e dela, matreiro e descortês, Sócrates se prevalece (461-c). Êste prontifica-se a retirar qualquer concessão de Górgias num debate com Polo, desde que em termos de concisão dialética.

2. Interrogado, Sócrates define a oratória como mera prática de produzir determinado prazer (462-c). — Não é, então, uma linda coisa? — Ao contrário, emparelham-se ela e a culinária, como variedades do mesmo ofício, identificado como lisonjaria (463-b); duas outras variedades são as louçainhas e a sofística; distinguem-se pelo domínio onde se exercem. A oratória é um simulacro da política (463-d).

3. Polo não compreende o asserto; tampouco seu mestre, que volta ao debate por instantes. Sócrates esclarece: tanto o corpo como a alma podem gozar de saúde; mas ao lado da saúde real, há uma saúde apenas aparente, que só não ilude a um médico ou mestre de ginástica. Duas artes — a medicina e a ginástica — cuidam da saúde do corpo; da alma trata a arte da política, aberta em dois ramos: a legiferação, correspondente à ginástica, e a judicatura, correspondente à medicina (464-c). Essas atividades são contrafeitas pelos quatro ramos de lisonjaria: a medicina, pela culinária; a ginástica, pelas louçainhas; a legiferação, pela sofística; a judicatura, pela oratória (465-c).

4. Polo pergunta se os oradores são tidos em pequena conta e se, podendo, a seu gosto, confiscar bens, desterrar, executar qualquer cidadão, não desfrutam um poder imenso. Entende Sócrates que não, visto como isso não é fazer o que se deseja e sim o que parece melhor (467-b). Cumpre distinguir a ação e o seu propósito: ingerir a tisana é ação; restaurar a saúde, o propósito; os mercadores viajam (ação) a fim de enriquecer (propósito). Ao tirano se afigura conveniente a prática de

violências, mas nem sempre é assim e êle pode enganar-se; nesse caso, embora fazendo o que lhe parece melhor, não realiza o que de fato deseja. Logo, ou não dispõe de um poder imenso, ou êste não é um bem, como supunha Polo (468-d).

5. Pelo visto, preferiria Sócrates não gozar de poderes absolutos? não tem inveja aos tiranos? — Realmente, não os considera felizes, se iníquos; inspiram-lhe piedade, não inveja. Quem é mais digno de dó? a vítima, ou o autor duma injustiça? Para escândalo de Polo, Sócrates assegura que é maior mal praticar a injustiça e menor sofrê-la e, num dilema, escolheria ser a vítima (469-c). Ou seria feliz quem, no meio da multidão, trazendo um punhal sob a axila, pudesse ferir e matar a seu bel-prazer? Êsse não, obtempera Polo, porque seria punido. O poder do tirano, continua Sócrates, não é um bem ou um mal segundo traga proveito ou dano, mas conforme o presida ou não a justiça (470-c). — Não será feliz, então, Arquelau, que se apossou da tirania na Macedônia? — Será, se fôr justo. — Ora, êle galgou ao poder por uma escada de crimes hediondos; tornou-se, com isso, o mais desventurado dos macedônios; o próprio Sócrates não lhe inveja a sorte (471-c).

6. Tal ironia arma ao efeito, mas não passa de artimanha de causídico; eficiente num tribunal, é estéril na procura da verdade. A Sócrates não interessa o testemunho das multidões; basta-lhe o de seu contendor; sem êsse, perdido estará o esforço do debate. Convida-o a comparar os dois gêneros de prova, disputando a sorte do criminoso, ao seu ver, mais infeliz se não expiar a falta. Polo julga absurdo êsse ponto de vista (472-e); aventa o caso dum conspirador surpreendido e punido em sua pessoa e nas da família; seria, assim, mais feliz do que guindado à tirania? (473-c). Para Sócrates, são desditosos tanto o tirano como o conspirador e o mais infeliz dos

dois é o que não expiar seus crimes. Polo desata a rir e apela para o testemunho dos circunstantes (473-e).

7. Sócrates rejeita a prova do consenso geral e desafia Polo a enfrentar a prova dialética. Não lhe parece mais feio ser o autor da injustiça do que a vítima? Sim, diz Polo, mas não se identificam o belo e o bom, o feio e o mau. Sócrates mostra que se chama belo tudo quanto proporciona algum prazer ou proveito: objetos, côres, formas, sons, costumes, educação (475-a) e Polo assente, sem suspeitar os corolários. Portanto, a dor e o mal servem de aferir o feio. De duas coisas, sobreleva em beleza a que sobreexceder em prazer ou utilidade; em feiura, a mais dorida ou daninha. Se praticar a injustiça não dói mais do que sofrê-la, mas é mais feio, assim é por ser mais daninho; logo, para ser coerente, Polo deverá preferir a condição de vítima (475-e).

8. Outrossim, é tanto mais belo um ato quanto mais justo. O paciente dum ação sofre-a tal qual o agente a produz (476-d). Se há justiça e beleza em punir uma falta, há justiça, beleza e proveito em ser punido e, assim, libertar-se do mal da alma (477-a). E não será esse o maior dos males? Vejamos. Em economia, o mal é a pobreza; na compleição, a fraqueza, a doença, a deformidade; na alma, a injustiça, a ignorância, a covardia. Entre pobreza, doença e injustiça, qual a mais feia? A injustiça, ruindade da alma; se mais feia, também a pior (477-c). Quanto mais feio o efeito, mais feia a causa. A injustiça, a intemperança, a covardia, a ignorância doeriam mais que a doença? Não. Logo, é por sobrelevar em dano que a ruindade da alma é o cúmulo da fealdade, o máximo dos males (477-d).

9. Os doentes vão ao médico; injustos e estróinas, nós os levamos ao juiz, que lhes administra o remédio da justiça, mais bela que a arte das finanças, que sana a pobre-

za, e do que a medicina, que cura a doença. A medicação não dá prazer, mas proveito (478-c). É vantajoso suportar a dor e sarar; a felicidade, contudo, não consiste em curar-se, sim em não adoecer jamais; contraída, porém, a moléstia, mais feliz é quem se trata e cura. Assim, o mais feliz é quem não tem ruindade na alma; depois, quem do mal adquirido se libertou (478-e). Ninguém, portanto, mais infeliz do que Arquelau e em geral os autores de crimes horrendos não expiados (479-e).

10. Ora, se o condão da oratória é impedir a expiação dos crimes, qual o seu grande préstimo? Não deveria, ao inverso, servir de obter a punição de faltas nossas ou dos seres queridos, bem como a impunidade dos que ex-cramos? (481-a).

#### D. *Terceiro Episódio: Sócrates versus Cálicles* (481-b a 522-e)

1. A Cálicles custava acreditar em seus próprios ouvidos; sentia-se, de certo modo, arrasado; todo ancho, até ali, de hospedar duas sumidades, seus mestres admirados, não havia de assistir, impassível, à desmoralização da oratória. Ou estaria Sócrates apenas gracejando? Afinal, o debate desaguara num paradoxo incrível. Querefonte assegura-lhe que o mestre falava sério e sugere que se certifique interpellando o próprio filósofo (481-b). Ele o faz, ponderando que, a prevalecerem, tais idéias implicariam uma completa subversão dos costumes (481-c).

2. Respondendo, Sócrates, de início, opõe a sua constância, firmada na inalterabilidade da filosofia, à inconstância de Cálicles, político a borboletear acompanhando a instabilidade das preferências populares; desafia-o, depois, a provar que o derradeiro dos males não é deixar de expiar a injustiça (482-b). Cálicles ainda não compreendeu a situação; vê em Sócrates um sofista como tantos, a em-



pregar os mesmos métodos de Górgias e Polo e, num debate, só objetivando embatucar o adversante, de cujas inadvertências tira partido para triunfar. Uma concessão ditada pelo acanhamento levava Górgias a uma contradição; Polo emaranhara-se igualmente numa concessão indevida, admitindo ser mais feio praticar uma injustiça do que sofrê-la; arreceara-se do escândalo, porquanto Sócrates tinha de seu lado a Lei, qposta, não raro, à Natureza (483-b).

3. Criada em defesa própria pela maioria, constituída de homens fracos, a lei declara injustiça da parte do melhor o tentame de prevalecer, como autoriza o direito natural, ao pior (483-c). Roboram essa afirmativa os cometimentos de Xerxes e Dario na História recente, os pensamentos de Píndaro e, na mitologia, as façanhas de Hércules. A validez de sua tese não é reconhecida por Sócrates apenas porque êste, na maturidade, pratica a filosofia, só admissível na adolescência (484-c).

4. Quando os filósofos intervêm nos negócios do mundo, a ignorância e a inexperiência os precipita no ridículo (484-d). Os praticantes da filosofia na idade adulta merecem apanhar, porque se desvirilizam, sem jamais proferir uma palavra livre, de pêso (485-d), incapazes — que vergonha! — de valer a si mesmos ou a outrem, quando vítimas de acusação injusta, boquiabertos, sem saber o que dizer (486-b). Pessoas assim a gente pode esbofetear impunemente. Como amigo, aconselha-o a abandonar as frioleiras filosóficas e tornar-se homem prático e prestigioso (486-d).

5. Sócrates felicita-se por contar com a amizade de Cálicles; nêle encontra o saber, a estima e a franqueza necessária para uma pessoa lhe corroborar as opiniões acertadas e desvalidar as errôneas. O saber é atestado pela maioria dos atenienses; a estima, pelo conselho que lhe dá, idêntico ao que lhe ouvira persuadir a três outros ami-

gos, o de não praticarem a filosofia, a fim de se forrarem aos danos do excesso de sabedoria (487-d). Da franqueza, acaba de dar uma demonstração. A coincidência de opiniões, dessarte, dará a Sócrates a certeza da verdade (487-e). Espera que Cálicles consinta em orientá-lo e corrigi-lo (488-b).

6. Assim, pois, no entender de Cálicles, segundo a natureza, o melhor tem o direito de mandar nos piores; o mais forte, o de esbulhar dos bens os mais fracos; o superior, o de prevalecer sôbre os inferiores. Melhor seria o mesmo que mais forte? mais forte, o mesmo que mais bruto? Ou o mais fraco pode ser melhor e o mais forte, pior? (488-c). Cálicles assevera que mais forte, melhor e mais bruto é tudo um. Segundo a natureza, volve Sócrates, a maioria é mais forte que o indivíduo, portanto, melhor; seus preceitos são, por conseguinte, belos segundo a natureza. Se, na opinião da maioria, a justiça consiste na igualdade e é mais desairoso ser autor do que vítima duma injustiça, a lei e a natureza estão de acôrdo e falecem razões a Cálicles para denunciar fraudes nos argumentos de Sócrates (489-b).

7. Mas não se trata de fôrça física, e sim de superioridade, alega Cálicles. Sócrates reclama clareza maior: não basta uma troca de sinônimos. Cálicles concorda em que o direito natural assegure ao indivíduo de melhor entendimento a prevalência sôbre a multidão insensata (490-b). Prevalência em quê? em alimentos? roupas? calçados? sementes para o plantio? Cálicles irrita-se com tais suposições; convidado a ser mais explícito, define como melhores os mais entendidos em negócios públicos e mais bravos (491-b); compete a êstes governar e prevalecer aos demais.

8. Mas deverão governar a si mesmos? ser temperantes, superiores à sedução dos prazeres e à violência das paixões? (491-d). Isso, para Cálicles, é imbecilidade e

não sabedoria; belo e justo à luz da natureza é dar livre curso às paixões, nada negando aos apetites. Incapaz de fazê-lo, a maioria proscree a intemperança (492-a); nada, porém, mais indecoroso que a temperança nas pessoas que, bem dotadas pela natureza ou pela sorte, podem viver à larga e proporcionar iguais oportunidades a seus amigos (492-c).

9. Convidando-o a perseverar nessa franqueza rude, sem recuar das últimas conseqüências, Sócrates infere que a virtude consistirá na satisfação das paixões por fás ou por nefas; feliz não será, portanto, quem de nada precisa (492-e). A alma dos parvos, que nada pode reter por falta de fé e memória, foi uma vez comparada a um barril furado, para onde carreamos água em peneiras. Por sua vez, Sócrates compara a sobriedade a um barril cheio, em bom estado, e a intemperança a um que vaza; satisfeita, tranqüila, não será a primeira preferível à segunda, insatisfeita e sempre carecida? (494-a).

10. Na opinião de Cálicles, o prazer consiste em travasar o mais possível para o barril, e a felicidade, em sentir todos os desejos e poder satisfazê-los (494-c). — Mesmo ter coceiras e coçar-se? mesmo satisfazer outros desejos menos dignos? — Sim; êle não vê diferença entre prazeres bons e maus (495-a) e, unicamente para não cair em contradição, aceitará cnicamente as conseqüências mais imundas.

11. Se identifica o prazer e o bem, distingue dêste e entre si a coragem e a ciência (495-d). Sócrates mostra que a ventura e a desventura se opõem como a saúde e a doença, a fôrça e a fraqueza, a celeridade e a lentidão; perder um desses contrários é adquirir o oposto; coisas que se adquirem juntas ou juntas se perdem não são contrárias, como são o bem e o mal (496-c). Ter fome é penoso; comer, com fome, agradável; assim, beber com sede, mas a sede, em si, é sofrimento. Se há prazer em

beber quando se sofre sede, como Cálicles admite, é possível sofrer e gozar ao mesmo tempo; identificando a ventura com o prazer e a desventura com a dor, tem que admitir que é possível ser feliz e infeliz ao mesmo tempo (496-e).

12. Acuado, Cálicles quer abandonar a disputa; consente em continuar, em atenção a Górgias, mas acha que tudo são lérias (497-b). Recapitulando, Sócrates salienta que a sede, a fome e outros desejos penosos cessam ao mesmo tempo que o prazer de satisfazê-los; mas isso não se dá com o bem e o mal; êstes, portanto, não se confundem com o prazer e a dor (497-d).

13. Passa, daí, a outra demonstração: ser bom ou belo deve-se à presença da bondade ou da beleza. Cálicles chama bons os bravos e inteligentes, mas os lúcidos e os mentecaptos têm alegrias e aflições igualmente intensas ou quase (498-a); bem assim os valentes e os covardes. Mas os lúcidos e os valentes são bons; os covardes e os mentecaptos, ruins. Se o bem e o prazer se confundem, não há, então, diferença entre bons e maus, ou há pouca. Cálicles chegou a nôvo impasse (499-b).

14. Para escapar, declara ter feito a concessão por troça; na verdade, há prazeres melhores e piores. Sócrates repreende-lhe a leviandade e examina a nova premissa. Prazeres bons seriam os úteis, e maus os daninhos; úteis, os que produzem algum bem; daninhos, os que causam algum mal (499-d). Quanto ao corpo, bons são os que favorecem a saúde. O mesmo critério distingue os sofrimentos bons dos maus. Em tôdas as ações, cumpre ter em vista o bem; devemos fazer o que é agradável com vistas ao que é bom e não o contrário (500-a).

15. Requer-se, porém, um entendido para distinguir entre bons e maus prazeres. Recapitulando os debates precedentes, Sócrates adverte que umas atividades, como a

culinária, visam ao prazer simplesmente, bom ou mau; outras, como a medicina, fazem distinção. Questão de monta, pois nada importa mais do que saber como viver. Que é melhor? atuar, como orador na política, ou praticar a filosofia? Em que sobreleva esta àquela? (500-c). Cálicles admite agora que não se confundem o prazer e o bem, obtidos por práticas diferentes (500-e).

16. Sócrates confronta a prática da culinária, que procura o prazer do corpo, sem ciência do que faz nem interesse pela saúde, e a medicina, que sabe o que faz e procura a saúde, sem cogitar da dor ou do prazer (501-a). Anàlogamente, algumas atividades procuram o prazer da alma, descuidosas do bem e do mal; são as lisonjarias. Cálicles concorda, para dar gosto a Górgias, possibilitando o prosseguimento (501-c).

17. A lisonjaria pode visar tanto um indivíduo como uma multidão; por exemplo, a execução em flauta ou cítara, a poesia dos citaredos, dos ditirambos, das tragédias. A última, despojada de seus atavios, equipara-se a uma arenga, classificável entre as lisonjarias. Cálicles concorda (502-d).

18. E as outras alocações ao povo? a oratória dos políticos? Visa à melhora dos cidadãos, ou apenas a seu agrado? Cálicles distingue: alguns querem o interesse dos cidadãos. Não pode indigitar nenhum exemplo entre os coevos, mas aponta, no passado, Temístocles, Cimão, Milcíades, Péricles (503-c). Para Sócrates, tais varões agradaram, satisfazendo as paixões, mas não tinham a verdadeira prestância; esta consiste em contentar apenas os desejos que melhoram as pessoas (503-d).

19. Em todos os misteres — arquitetura, carpintaria naval, ginástica, medicina — procura-se compor a obra com ordem e beleza. Casa, navio, corpo, nada é bom se fal-

tar ordem e proporção. E a alma? Também, diz Cálicles (504-b). O que no corpo é saúde e robustez, na alma é moral e disciplina, fonte da justiça e da cordura. Bom político é, pois, quem visa, em todo procedimento, à implantação da virtude e eliminação do vício (504-e). A um corpo doente se prescreve dieta e ao sadio se concede maior liberdade; assim, às almas ruins se impõem privações, somente permitindo o que redunde em melhora. Logo, é melhor para a alma a repressão e pior o desenfreamento preconizado por Cálicles (505-b).

20. Este de novo tenta fugir ao debate: que Sócrates interroge outro; se não, que fale sozinho. Dispõe-se o filósofo a fazê-lo, mas pede que, enquanto discorre investigando a verdade, lhe apontem os circunstâncias os erros; caso contrário, melhor é não prosseguir. Górgias, porém, deseja conhecer o seu pensamento e êle prontifica-se a fingir um debate com um interlocutor imaginário (506-c). Começa recapitulando.

21. Não se identificam o prazer e o bem; o primeiro deve deparar-se com vistas ao segundo; êste chama-se virtude; é o que nos torna bons, consistindo em ordem e proporção; a boa ordem da alma é a sabedoria; logo, alma boa é alma sábia; má, a estouvada e intemperante. O bom comportamento para com os deuses é a piedade; para com os homens, a justiça (507-b). Justiça e piedade supõem bravura, para haver constância nas provações. O alvo a que se deve visar na vida é a justiça e sabedoria, para haver felicidade; os faltosos precisam ser punidos, para serem felizes (507-d). Quem procura apenas o prazer vive como um quadrilheiro, à margem da sociedade, sem amigos (507-e).

22. União, no céu e na Terra, deve-se à ordem, cordura e justiça; o tentame de prevalecer é causa da infelicidade, porque a felicidade resulta da justiça e temperança (508-a).

Certos, portanto, estavam Polo e Górgias, ao concederem, o primeiro, que ser autor duma injustiça é tanto pior quanto mais vergonhoso do que ser vítima, e o segundo, que precisa ser justo e ter a ciência da justiça quem pretende ser um orador às direitas (508-c). Sendo a injustiça o maior dos males, só inferior ao de não expiá-la, desses males é que nos devemos proteger acima de tudo e bem assim a nossos amigos e familiares (509-b).

23. Onde buscar a proteção? Basta a vontade, ou se requer força, para não sofrer injustiças? Requer-se força, evidentemente, opina Cálicles. E para não as cometer? não se requer força e ciência? Sim, admite êle (510-a). Não há, porém, ciência de não as sofrer; para isso, incumbe ter o poder nas mãos, ou estar aliado a êle. Cálicles concorda plenamente (510-d).

24. Um tirano rude e inculto, prossegue Sócrates, não poderá estimar pessoa melhor que êle, por temê-la, nem pior, por desprezá-la; terá poder imenso quem tiver caráter igual ao do tirano e lhe fôr inteiramente submisso. Modelando-se um jovem pelo paradigma de seu amo e senhor, evitará ser vítima de injustiças; deverá, porém, dispor-se a praticá-las sem expiar a falta (510-e).

25. Cálicles objeta: o imitador do tirano terá o poder de matar e o de confiscar bens dos homens justos, cuja condição é, assim, revoltante. Sócrates retruca: não é dever do homem salvar a vida a qualquer preço, para o que serviria a oratória, segundo Cálicles (511-c). Êste não considera notável conhecimento o saber nadar, nem a arte da praticagem; modesto, o piloto, embora salve os passageiros e a carga de perecer no mar, não alardeia méritos, nem põe preços exorbitantes a seus serviços (511-e); sabe que não os desembarca melhores do que embarcaram e, para um doente do corpo ou da alma, me-

lhor fôra ter-se afogado, pois irá sofrer na vida (512-b). Está no mesmo caso quem constrói máquinas de guerra, salvando, por vêzes, cidades inteiras.

26. Cálicles, porém, contraditòriamente, despreza pilotos, médicos, construtores de máquinas, todos os mestrais que salvam (512-d). Realmente, a nobreza e o bem não estão em salvar do perigo pessoas e haveres. A preocupação de prolongar a vida há de ser posta de lado, deixada à decisão dos deuses; o importante é saber qual a maneira mais digna de empregar os dias da vida (512-e).

27. Ambicionando o poder, Cálicles deverá fazer-se igual ao povo, nos seus vícios, arriscando, com essa escolha, o que possui de mais precioso; o povo quer ouvir aos oradores palavras em harmonia com sua índole e aborrece as discordantes. A êsses argumentos, Cálicles não sabe o que opor, mas não está convencido de todo (513-c).

28. Assim é por causa das ambições políticas. Se êle quer servir à cidade, deve empenhar-se em tornar os cidadãos tão bons quanto possível (513-e), mas para isso deve preparar-se, como se aparelham ao serviço público os arquitetos (514-c), os médicos (514-e), exercitando-se previamente no domínio privado. Tem Cálicles experiência? Já tornou melhor algum particular? (515-a). Êsse é o dever do bom político; não o cumpriram os varões apontados no passado; nenhum dêles cuidou de melhorar os cidadãos, senão de ser-lhes agradável (515-d).

29. Péricles corrompeu os atenienses; tornou-os indolentes, poltrões, avaros. Deixou-os piores do que os recebera e acabou pronunciado por êles como ladrão. Foi, portanto, mau estadista (516-d). Destino semelhante, o de Cimão, Temístocles e Milcíades. Foram mais serviçais (517-b) do que os contemporâneos de Cálicles, mas não souberam educar o povo; para obterem as boas graças

dêste, procederam como cozinheiros, tecelões, sapateiros, não como médicos e mestres de ginástica (517-e). Punidos, afinal, consideraram-se vítimas de injustiça, mas sem razão (519-c).

30. É o caso de alguns sofistas, que se queixam, absurdamente; se melhoraram os discípulos, como podem ser vítimas de sua iniquidade? (519-e). Cálicles, porém, não tem razão de mencionar os sofistas; não diferem a oratória, que êle exalta, e a sofística, que êle despreza (520-a). Quando um político e um sofista se queixam de ingratidão do povo ou dos discípulos, estão implicitamente reconhecendo não terem feito nenhum benefício aos ingratos (520-c).

31. Cálicles convidara Sócrates a trocar a filosofia pela política. Que gênero de política lhe aconselha? o de educar o povo, ou o de sabujá-lo? ser médico, ou serviçal? Cálicles cnicamente o convida a proceder como um fâmullo, para não sofrer injustiças (521-b). Sócrates se declara talvez o único ateniense a cultivar a verdadeira arte política; jamais fala para agradar, sempre para corrigir; por isso, acusado, não saberia o que dizer no tribunal; sentir-se-ia como um médico acusado por um cozinheiro diante de crianças; estas jamais acreditariam que dietas e tisanas visassem a seu bem; não veria como defender-se (522-c).

32. É vergonhosa, aos olhos de Cálicles, a situação de quem nem a si mesmo pode valer. Sócrates, porém, opõe-lhe que vergonha é não saber proteger-se apenas da prática da injustiça; de praticá-la tem mêdo o filósofo, não de sofrer até morte injusta, porque o extremo dos males é chegar ao Hades com a alma carregada de injustiças (522-e).

## E. *Êxodo (523-a até o fim)*

Encerra Sócrates o debate com o mito dos novísimos do homem. Primitivamente, eram as Ilhas Afortunadas o destino das almas justas; o das injustas, o Tártaro (523-b). As pessoas eram julgadas ainda morre-diças, por juizes vivos; êstes enganavam-se nas sentenças, impressionados pela formosura, linhagem, vestimentas e testemunhos (523-d). Deposto Crono e dividido o universo em reinos entre Zeus, Posidão e Plutão, tratou o primeiro de transferir para depois da morte o julgamento das almas, que deviam apresentar-se aos olhos dos juizes Êaco, Radamanto e Minos, despidas e sós, exibindo as mossas das iniquidades (524-e); as almas pecadoras incuráveis passaram então a seguir para o Tártaro eterno, onde servem de escarmento às recuperáveis, que, expiadas as faltas, voltam a encarnar (525-c). Incuráveis são, quase todos, os poderosos; excetuam-se homens como Aristides, o Justo (526-b). Raramente se depara aos juizes a alma de alguém — geralmente um filósofo — que na Terra tenha cuidado de viver santamente e dentro da verdade; essa é expedida para as Ilhas Afortunadas, onde goza eternamente. A êsse prêmio aspira Sócrates e convida Cálicles a imitá-lo no gênero de vida, para não se ver sem defesa naquele tribunal (527-a). Cálicles talvez não creia nesse mito, mas nem êle nem seus mestres foram capazes de apontar vida melhor de viver do que a ensinada pela razão (527-b): praticar a justiça e demais virtudes na vida e na morte. Qualquer outro ensinamento, que prometa os bens desta vida, não vale, realmente, um caracol.

## 6. *Atualidade de Górgias*

Que interessa a leitura de *Górgias* a moços que têm muitas matérias que estudar e muitos entretenimentos pa-

ra as horas de lazer? Hoje ninguém sustenta a pretensão absurda duma educação meramente retórica.

É claro. Descobriu-se outro feitiço, a tecnologia, e a mocidade estuda com o fito de aparelhar-se para a vida. Faz muito bem. É incomparavelmente mais agradável viver num mundo reformado pela técnica do que sofrer o desconforto da vida das cavernas. Contudo, a educação não objetiva formar escravos de luxo, sim homens livres; não apenas na escolha do gênero de serviço; livres principalmente em sua alma, em sua inteligência e coração, cujas faculdades e anseios não podem ser peados no desenvolvimento e devem, ao contrário, ser favorecidos, para que a vida se viva agradável em sua plenitude.

A mocidade é naturalmente generosa: sonha, por isso, com a grandeza. Na ciência, nas artes, nos esportes, deparam-se ocasiões de ser grande. A História é rica de grandes nomes. Há os que a gente celebra: Péricles, Alexandre, César, Napoleão, milhares deles; há os que a gente admira: Fídias, Miguel Ângelo, Shakespeare, Galileu, Colombo, Einstein, centenas deles; há os que a gente ama: Platão, Francisco de Assis, Beethoven, Chopin, Bilac, dezenas deles; há os que a gente bendiz: Louis Pasteur, Florence Nightingale, um punhado deles; uns poucos a gente celebra, admira, ama e bendiz: o de Cristo, o de Maria.

Há escola para tudo: para guerreiros, pintores, escultores, arquitetos, músicos, médicos, biólogos, físicos, mecânicos, uma lista infinda, para tôdas as atividades, tôdas as vocações, para quantos almejam um nome celebrado ou admirado. Não há nenhuma, porém, para os que anelam um nome amado e bendito.

A tecnologia pode proporcionar dinheiro, fama e talvez até poder; dará, sem dúvida, emoções e mesmo mui-

tas alegrias. Não dá, porém, felicidade, que pode ser desfrutada, ao contrário, plenamente, por um bom carajá ignorante, que contempla as águas do Araguaia, o mato verde em redor e o céu azul por cima, sem temores vãos da miséria, da obscuridade, do ostracismo.

Adquira-se a técnica, adquira-se a ciência, naturalmente, porque é bela, grande, valiosa, mas de tal sorte que nos sirvam a nós e nossos semelhantes, e não nós e êles a elas. Quem, porém, nos ensina a melhor maneira de viver não é a ciência, nem a técnica, senão a sabedoria, exabundante nos diálogos de Platão; basta lê-los com atenção e haurir no texto lições para a vida. Elas dali jorram pródigas e fartas, para moços e para velhos, para pobres e para ricos, para fortes e para fracos, para avaros e para manirrotos, para hebreus e para filisteus, para os de muitas e para os de poucas letras. Só não jorram para os Cálices, que preferiam marasmar numa bárbarie rotulada de civilização.

## BIBLIOGRAFIA

Na tradução, servimo-nos dos textos das seguintes edições:

ALFRED CROISET, Société d'Édition "Les Belles Lettres", Paris, 1955;

GONZALEZ LODGE, Ginn & Company, Boston, 1890.

Orientaram-nos, para a apresentação e notas, além dos citados editores,

JAEGER, Werner, *Paideia*, Fondo de Cultura Economica, Mexico, 1962;

FIELD, G. C., *The Philosophy of Plato*, Oxford University Press, 1949;

ARMSTRONG, A. H., *An Introduction to Ancient Philosophy*, Boston Press, Boston, 1963;

SINCLAIR, T. A., *A History of Greek Political Thought*, Routledge & Kegan Paul Ltd., London, 1961;

ROSTAGNI, Augusto, *Storia della Letteratura Greca*, Edizioni Scolastiche Mondadori, XVIII Edizione;

SMITH'S, *Smaller Classical Dictionary*, Everyman's Library, London, 1942;

MONDOLFO, Rodolfo, *O Pensamento Antigo*, Editôra Mestre Jou, S. Paulo, 1964;

McKEON, Richard, *Introduction to Aristotle*, The Modern Library, New York;

OS FILÓSOFOS PRÉ-SOCRÁTICOS, Introdução, tradução e notas de GERD A. BORNHEIM, Editôra Cultrix, S. Paulo, 1967.

## GÓRGIAS

CALICLES. De guerras e batalhas, Sócrates, é que, segundo dizem, se deve participar assim. 447

SÓCRATES. Estamos deveras atrasados? Chegamos, na expressão corrente, depois da festa?

CÁL. E duma festa requintada! Górgias acaba de exhibir-nos <sup>(1)</sup> um mundo de belezas.

SÓC. Eis aí o culpado, Cálices; é Querefonte, que nos retardou na praça <sup>(2)</sup>.

QUEREFONTE. O mal não é grave, Sócrates; eu vou remediá-lo. Górgias é meu amigo; êle nos dará b uma exibição, já, se assim te apraz, ou noutra ocasião, se preferires.

CÁL. Que estás dizendo, Querefonte? Sócrates querendo ouvir a Górgias?!

---

1. Professores, principalmente de retórica, mas não estranhos aos vários ramos da cultura, os sofistas exibiam sapiência em sessões públicas: com suas conferências e lições promoviam uma revisão dos velhos conceitos religiosos, morais, políticos e estéticos.

2. Era a praça pública uma espécie de bolsa, ou mercado, onde se reuniam os mercadores para suas transações. Deriva dessa usança o significado ainda conservado pelo termo *praça*, para designar a coletividade dos comerciantes.

QUE. Sim; para isso mesmo estamos aqui.

CAL. Se assim é, chegai a minha casa (3) quando quiserdes; Górgias é meu hóspede e vos dará exibições.

SÓC. Obrigado, Cálicles. Estaria, porém, Górgias disposto a dialogar (4) conosco? Eu pretendia obter d'ele informações sobre os dons de sua arte, sobre o que êle professa e ensina; quanto ao mais, que deixe a exibição para outra vez, como sugeres.

CAL. Nada como perguntar a êle próprio (5), Sócrates; era êsse, realmente, um dos pontos de sua exibição; ainda há pouco, por sinal, êle convidava as pessoas presentes aí dentro a perguntar o que desejassem e prometia responder a tudo (6).

SÓC. Oh! Esplêndido! Querefonte, pergunta-lhe.

QUE. Perguntar o quê?

SÓC. O que êle é.

QUE. Não entendo.

3. Segundo Lodge, daqui inferem Schleiermacher, Woolsey, Kron, Kratz e outros, que a cena do diálogo é algum ginásio ou qualquer outro logradouro público e não a morada de Cálicles. Nada nos parece invalidar a interpretação tradicional; no diálogo *Protágoras*, Platão mostra o sofista, hospedado em casa de Cálias, dando ali mesmo a sua exibição. Aliás, o convite de Cálicles soa como um "apareçam mais vêzes, quando quiserem".

4. As conferências concorridas, tão aptas à ostentação, preferia Sócrates o diálogo terra-a-terra, do método dialético, mais adequado à pesquisa da verdade.

5. O paralelo de assertos e de situações, como neste ponto e em 481-b, é um pormenor notável da arte literária de Platão.

6. Contraste-se a modéstia de Sócrates, que sempre se confessava ignorante, com a pretenciosa onisciência dos sofistas, com respostas para tôdas as perguntas.

SÓC. Se êle, por exemplo, fôsse fabricante de calçados, havia, naturalmente, de responder que era sapateiro. Compreendes o que quero dizer?

QUE. Compreendo e vou perguntar. Dize-me, Górgias; é verdade que, segundo me conta aí Cálicles, professas responder a tôda e qualquer pergunta?

GÓRGIAS. É verdade, Querefonte. Por sinal, ainda há pouco, estava prometendo isso mesmo e, asseguro-te, em muitos anos, ninguém ainda me apanhou desprevenido com uma pergunta.

QUE. Se assim é, Górgias, fácil te será responder-me.

GÓR. Podes experimentar Querefonte.

POLO. Sim, por Zeus! mas, se te apraz, Querefonte, experimenta comigo. Górgias deve estar cansado; êle acaba de discorrer longamente.

QUE. Como assim, Polo? Acreditas responder melhor que Górgias?

POL. Que importa, se o fizer cabalmente para ti (7)?

QUE. Nada. Pois bem, se é de tua vontade, responde-me tu.

POL. Pergunta.

QUE. Pergunto, pois não. Se, por ventura, Górgias fôsse proficiente na mesma arte que Heródico (8), seu irmão, qual o apelativo correto para o

7. Note-se o cinismo e a descortesia desta afirmação. Não importava encontrar a verdade; sim, calar o opositor, valendo-se dos recursos ministrados pelos retores; daí serem os sofistas acusados de fazer prevalecer a razão mais fraca.

8. Não se trata de Heródico de Selimbria, igualmente médico, famoso por ter despertado a atenção para a importância da ginástica para a saúde. A família de Górgias era de Leôncio, ou Leontinos, na Sicília.



designarmos? Não seria o mesmo daquele?

POL. Perfeitamente.

QUE. Chamando-lhe, pois, médico, estaríamos empregando o termo certo?

POL. Sim.

QUE. Se, porém, êle exercitasse a mesma arte que Aristofonte, filho de Aglaofonte, ou do irmão<sup>(9)</sup>, qual o termo certo para designá-lo?

POL. O de pintor, é claro.

QUE. Pois bem; em que arte êle é proficiente e, por conseguinte, que nome lhe daríamos, para sermos corretos?

POL. Muitas artes, Querefonte, existem no mundo, experientes criações da experiência; os passos de nossa vida, a experiência os conduz com arte; a inexperiência, ao acaso. Pessoas diversas dedicam-se diversamente a artes diversas; às melhores, as melhores; nosso Górgias se conta no número destas e professa a mais bela das artes<sup>(10)</sup>.

SÓC. Polo parece, Górgias, esplêndidamente preparado para fazer discursos; mas o prometido a Querefonte êle não está cumprindo.

GÓR. Por quê, precisamente, Sócrates?

SÓC. A meu ver, êle de modo algum está respondendo à pergunta.

9. Polignoto, pintor e escultor, natural de Tasos, vindo para Atenas por volta de 463 a. C., ali recebeu o direito de cidadania. Compôs quadros murais; mencionam-se o da *Batalha de Maratona*, no Pórtico, em Atenas; do *Saque de Tróia* e o da *Descida de Odisseu ao Hades*, ambos em Delfos.

10. Pasticho dos processos retóricos, que, sob artificios pirotécnicos, disfarçam a ausência de cultura, reflexão e sinceridade.

GÓR. Pois, então, se quiseres, interroga-o tu.

SÓC. Não. Se tu próprio me quiseres responder, terei muito mais gosto em interrogar a ti. Polo, como me deixaram claro suas palavras mesmas, está mais exercitado na chamada oratória que no diálogo<sup>(11)</sup>.

POL. Como assim, Sócrates?

SÓC. Querefonte perguntou em que arte Górgias é proficiente; tu, Polo, em vez de responderes qual é ela, fazes o elogio de sua arte, como se alguém a estivesse desgabando.

POL. Então não respondi que é a mais bela?

SÓC. Por certo, mas ninguém perguntou que qualidades tem e sim em que consiste a arte de Górgias e que denominação cabe dar a êle. Quando, anteriormente, Querefonte te propôs um exemplo, tua resposta foi muito boa e concisa; dize agora de maneira igual em que consiste a arte de Górgias e como o devemos designar. Ou melhor, dize-nos tu mesmo, Górgias, que designação se te deve pela proficiência em tua arte e em que consiste ela.

GÓR. Trata-se da oratória, Sócrates.

SÓC. Devemos, pois, chamar-te um orador<sup>(12)</sup>?

GÓR. Um bom orador, Sócrates, se desejas chamar-

11. A oratória é o monólogo, da predileção dos prepotentes e falaciosos, tão ávidos de ser ouvidos quanto infensos a ouvir; senhores exclusivos da ciência e da verdade, não suportam a análise e a crítica de suas idéias. O melhor que se pode fazer com êles é imitar a Sócrates, que afasta Polo do debate sem mais aquela.

12. O termo grego significa, a um tempo, mestre de oratória e orador; como era por meio de discursos nas assembleias que se influía na política, o termo designa, por vêzes, o político, especialmente o líder.

-me aquilo que, para usar têrmos de Homero, *me prezo de ser.*

SÓC. Não desejo outra coisa.

G OR. Chama-me, pois, assim.

SÓC. Não devemos dizer igualmente que  s capaz b  
de formar outros oradores?

G OR. Efetivamente, tenho anunciado isso não s o  
em Atenas, como em tôda parte.

SÓC. Então, Górgias, estarias pronto a levar adian-  
te êste diálogo, já perguntando, já respondendo, e  
deixar para outra ocasião longos discursos, quais  
ensaiau Polo? Não faltes, porém, ao prometido  
e, sim, dispõe-te a responder às perguntas de for-  
ma breve.

G OR. Algumas respostas, Sócrates, demandam ne-  
cess riamente explica es extensas; farei, contudo,  
por ser tão conciso quanto puder. Esta, aliás, é uma c  
das minhas assertivas: o que digo, ninguém o diria  
em têrmos mais concisos.

SÓC. É o de que preciso, Górgias; d -me, por favor,  
uma exhibi o dessa tua concisão e deixa para outro  
dia a da prolixidez.

G OR. Pois bem, f -lo-ei e dirás que nunca ou-  
viste ninguém mais conciso.

SÓC. Tem a bondade. Visto como tu te declaras  
proficiente na arte oratória e capaz de formar orador  
outra pessoa, qual vem a ser o objeto da oratória?  
Da tecelagem, por exemplo, é a fabrica o de pa- d  
nos. Não é assim?

G OR. Sim.

SÓC. Da música, a cria o de melodias. Não  ?

G OR.  .

SÓC. Por Hera (<sup>13</sup>), Górgias! estou maravilha-

13. Irmã e espôsa de Zeus, o maior dos deuses.

do com as tuas respostas, concisas a mais não  
poder!

G OR. Acredito deveras, Sócrates, que me estou  
saindo razoavelmente bem.

SÓC. E tens razão. Portanto, prossigamos; res-  
ponde-me de maneira igual sôbre a oratória. Afi-  
nal de contas, do que trata essa proficiência?

G OR. De palavras.

SÓC. Que palavras, Górgias (<sup>14</sup>)? Por ventura e  
das que ensinam aos doentes com que dieta reco-  
brar a saúde?

G OR. Não.

SÓC. Portanto, nem de tôda palavra trata a  
oratória.

G OR. Não, por certo.

SÓC. Não obstante, ela capacita pessoas a falar.

G OR. Sim.

SÓC. E também a refletir sôbre o que dizem, não  
É assim (<sup>15</sup>)?

G OR. Como não?

SÓC. A medicina, a que aludimos há pouco, tam- 450  
b m ensina a refletir sôbre as doenças; não é certo?

G OR. Forosamente.

SÓC. Também a medicina, como se vê, trata de  
palavras?

G OR. Sim.

14. Situada a oratória no *gênero* das atividades exer-  
cidas por meio da palavra, trata-se agora de a distinguir  
das cong neres.

15. De reflexão não deu mostras Polo há pouco, nem  
as dará Górgias adiante, quando incapaz de definir o objeto  
de que tratam as palavras na oratória.

SÓC. Isto é, de palavras concernentes às moléstias.

GÓR. Perfeitamente.

SÓC. Também a ginástica trata de palavras concernentes ao bom ou mau estado do corpo, não é verdade?

GÓR. Mas que dúvida?

SÓC. Ora, Górgias, dá-se o mesmo com as demais artes; cada uma trata das palavras concernentes à matéria de que ela é arte. b

GÓR. Assim parece.

SÓC. Por quê, pois, não dás o nome de oratória às demais artes? Elas tratam de palavras e tu chamas oratória à arte que trate de palavras.

GÓR. A razão, Sócrates, é que, nas demais artes, toda a proficiência reside, por assim dizer, no trabalho das mãos e em operações congêneres, mas nenhum manuseio dessa natureza é próprio da oratória; sua atividade e operação se realiza toda por meio de palavras. Por isso considero a oratória a arte da palavra — uma definição correta, asseguro-o (16). c

SÓC. Estarei compreendendo a natureza pela qual a queres denominar? Sabê-lo-ei melhor logo mais. Bem, responde-me: existem artes, ou não (17)?

GÓR. Sim.

SÓC. Delas, suponho, umas consistem de maneira precípua em ação e poucas palavras utilizam; outras não utilizam nenhuma e sua obra se poderia acabar até em silêncio, como a pintura, a escul-

16. Senhor apenas de processos retóricos, Górgias vê-se abarbadado para definir o objeto mesmo de seu ensino.

17. A pergunta, aparentemente ociosa e tóla, é apenas metódica; a investigação dialética tem de partir sempre de um assentimento comum.

tura e muitas outras. A essas parece aludires quando dizes que delas não trata a oratória. Ou não? d

GÓR. Tua conjectura está absolutamente certa, Sócrates.

SÓC. Outras, porém, tudo efetuam por meio da palavra e, por assim dizer, não requerem ação nenhuma, ou muito pouca, tais como a aritmética, o cálculo (18), a geometria, inclusive o jôgo do gamão (19) e muitas outras artes; algumas empregam quase tantas palavras quantas ações; a maioria, porém, emprega aquelas em maior proporção e sua atividade e operação se efetua totalmente por meio de palavras. Segundo me parecees dizer, a oratória figura entre essas. e

GÓR. Estás certo.

SÓC. Não creio, contudo, que a qualquer delas queiras dar o nome de oratória, embora, nos têmos por ti empregados, oratória seja aquela que opera pela palavra e, por isso, alguém, com o propósito de chicanear com a terminologia, possa aventurar: "Como, Górgias? Tu dás à aritmética o nome de oratória?" Eu, porém, não acredito que chames oratória à aritmética, nem à geometria.

GÓR. Tu estás certo, Sócrates; a conjectura é justa. 451

SÓC. Adiante, pois, e leva a cabo agora a resposta à minha pergunta. Como a oratória vem a ser uma arte que utiliza muito a palavra e existem outras com igual característica, procura explicar do que trata a oratória entre as que operam pela pa-

18. Aritmética é a teoria; cálculo, a aplicação prática.

19. Este jôgo envolvia cálculo e azar; num tabuleiro de 36 casas movimentavam-se tábulas conforme a sorte dos dados.

lavra. Tomemos por exemplo qualquer daquelas há pouco enumeradas por mim. Se alguém me perguntasse: "Sócrates, que é aritmética?" eu responderia, como tu há pouco, ser uma das artes que operam por meio da palavra; se me voltasse a perguntar: "A respeito do quê?" eu diria que a respeito do par e do ímpar, seja qual fôr o seu valor. Se ainda perguntasse: "E a que arte dás o nome de cálculo?" eu diria ser essa também uma das que tudo operam por meio da palavra; se perguntasse mais: "A respeito do quê?" eu empregaria a fórmula da redação de emendas a decretos, dizendo da aritmética e do cálculo "no mais, como está", porque tratam da mesma coisa, isto é, do par e do ímpar; a diferença está em que o cálculo examina os valores absolutos e relativos do par e do ímpar. Suponhamos me perguntasse alguém sobre a astronomia e eu respondesse que também ela realiza tudo por meio da palavra; se êle dissesse: "De que tratam as palavras da astronomia, Sócrates?" eu responderia: "Do movimento das estrêlas, do Sol e da Lua, bem como da relação mútua de suas velocidades."

GÓR. Seria uma resposta acertada, Sócrates.

SÓC. Pois bem, Górgias, é tua vez. A oratória vem a ser uma das artes que tudo efetuam e operam por meio da palavra. Não é?

GÓR. Assim é.

SÓC. Dize: de que tratam estas? De qual dos seres existentes tratam as palavras empregadas pela oratória?

GÓR. Dos assuntos humanos mais importantes e nobres, Sócrates (20).

20. Observe-se o vago desta resposta, tão esclarecedora quanto a de Polo em 448-c.

SÓC. Mas, ó Górgias, o que estás dizendo é passível de controvérsia e ainda muito impreciso. Já ouviste, espero, pessoas cantando nos beberetes aquela cantiga (21) em que os cantores enumeram ser "a coisa melhor do mundo a saúde, em segundo lugar a beleza e em terceiro", segundo o autor da cantiga, "o enriquecimento honesto."

GÓR. Sim, ouvi, mas a que vem isso?

SÓC. É que logo se ergueriam contra ti aquêles que produzem os bens louvados pelo autor da cantiga: o médico, o mestre de ginástica e o financista. Diria em primeiro lugar o médico: "Sócrates, Górgias pretende enganar-te; a arte que trata do maior bem do homem não é a dêle, mas a minha." Se eu lhe perguntasse: "Quem és tu para falares assim?" responderia, suponho: "Um médico." — "O que me dizes? Então, o produto de tua arte é o maior dos bens?" — "Como não, Sócrates" responderia, talvez: "é a saúde. Que outro bem existe no mundo, maior que a saúde?" Suponhamos que, depois dêle, dissesse por sua vez o mestre de ginástica: "Eu também, Sócrates, me admiraria se, mostrando eu um bem de minha arte, Górgias pudesse mostrar-te um maior da sua." Eu lhe diria, de minha parte: "E tu quem és, homem, e o que produzes?" — "Um mestre de ginástica", responderia; "o meu trabalho é proporcionar às pessoas beleza e robustez física." Após o mestre de ginástica, segundo creio, falaria o financista, com absoluto desprezo de todos: "Sócrates, examina só se des-

21. O nome de *scolion* designava cantigas entoadas alternadamente pelos convivas à mesa. O texto alude a uma atribuída por uns a Simônides, por outros a Epicarmo; Platão a cita amiúde. Cf. *Mênou*, 87-e; *Eutidemo*, 279-a; *Leis*, 631-c e 661-a.

cobres quer com Górgias, quer com qualquer outro, algum bem maior que a riqueza.” — “Como?” c  
diria eu; “acaso tu a produzes?” Ele diria que sim.  
— “Que profissão exerces?” — “A de financista.”

— “Sim? julgas a riqueza o maior bem do mundo?” d  
diríamos. — “Como não?” responderia. —  
“Mas o nosso Górgias contesta que a sua arte proporciona um bem maior que a tua”, diríamos nós. Depois disso, é claro, éle perguntaria: “E que bem é êsse? Que resposta Górgias.” V Vamos, pois, d  
Górgias, imagina-te interrogado por êles e por mim e responde em que consiste o que apontas como o maior bem do mundo e do mesmo passo te proclamas seu produtor.

GÓR. Aquilo que é deveras, Sócrates, o maior dos bens e proporciona a cada um, além da liberdade individual, o govêrno sôbre os demais na própria cidade.

SÓC. Mas a que te referes, afinal?

GÓR. Ao poder de, pela palavra, convencer os juizes no tribunal, os senadores no conselho, os eclesiastas (22) na assembléa e em todo outro ajuntamen- e

22. Esboça-se aqui a divisão da oratória em gêneros: deliberativa, judiciária e de aparato. Na Atenas do século V a. C. pertenciam aos cidadãos os poderes legislativo, executivo e judiciário. Eles compareciam pessoalmente às sessões da *ecclesia*, ou assembléa, e eram representados na *bule*, ou conselho, senado. Compunham êste 500 cidadãos maiores de 30 anos, sorteados anualmente à razão de 50 por tribo, denominados *pritanes*; aos *pritanes* de cada tribo, em turnos de 36 dias, chamados *pritanias*, competia a presidência da *bule* e da *ecclesia*. Além de atribuições menos importantes, cabia à *bule* fiscalizar a administração dos magistrados, receber sua prestação de contas, verificar a elgibilidade dos arcontes e conselheiros, convocar a *ecclesia* e estabelecer a pauta das deliberações. As sessões regula-

to onde se congreguem cidadãos. De fato, com êsse condão, escravo teu será o médico; escravo teu, o mestre de ginástica e, como se verá, o tal financista estará produzindo riqueza não para si, mas para ti, que tens o dom de falar e convencer a massa (23).

SÓC. Agora, Górgias, esclareceste, creio, com a maior aproximação, que arte é, no teu entender, a oratória; se estou compreendendo alguma coisa, no teu pensamento, a oratória é uma produtora de persuasão e a isso visa todo o seu labor, tôda a sua es- 453

res ocorriam quatro vêzes por *pritania*, pela manhã. Todo cidadão tinha o direito de discutir e votar as matérias, ficando, durante um ano, sujeito a processo, multa, prisão, degrêdo ou morte, o autor de proposição aprovada, se anteriormente se verificasse contrária às leis e perigosa para a república. A *ecclesia* exercia praticamente todos os poderes, compreendido o de suprema côrte de justiça. Funcionavam, contudo, tribunais ordinários e especializados, entre os quais o famoso *Areópago*, que julgava causas de homicídio, tentativa de morte, envenenamento, incêndio; o mais ativo era o dos *heliastas*, onde se decidiam litígios públicos e privados; podiam candidatar-se a juizes dessa côrte os atenienses em gôzo pleno de seus direitos civis; sorteavam-se anualmente, dentre os candidatos, 600 de cada uma das dez tribos, exercendo elas a *judicatura* uma após outra.

23. Com que ênfase exalta Górgias a sua arte! Na *Apologia*, Sócrates conta como saíra a interrogar os homens que passavam por sábios: políticos, poetas, artífices; cada qual, por entender bem de sua especialidade, se imaginava sapientíssimo nos demais domínios. Vemos aqui igual pretensão em oradores. A excessiva especialização técnica, tão decantada por leigos que reclamam a reforma do ensino e o abandono duma educação qualificada como arcaica — como se o bom fôsse apenas o que é nôvo — viria transformar engenheiros, médicos, farmacêuticos, dentistas, advogados, químicos, físicos, militares, sacerdotes, todos os *especialistas*, em suma, em meros instrumentos manejados por aquêles que sabem convencer, os *especialistas da persuasão*.

sência. Ou podes, ao condão de criar a convicção no espírito dos ouvintes, acrescentar mais algum dom?

GÓR. Absolutamente não, Sócrates; a meu ver, deste uma definição cabal; a sua essência é essa (24).

SÓC. Escuta um pouco, Górgias; duma coisa estou convencido, podes estar certo; se há pessoas que, numa conversa, querem saber com exatidão do que se fala, eu sou uma delas; tu também, suponho.

GÓR. E daí, Sócrates?

SÓC. Já o digo. Essa persuasão de que falas, produzida pela oratória, eu, podes crer, não sei exatamente em que consiste, nem a que matérias se aplica; bacoreja-me, porém, que estou atinando com sua natureza e aplicação. Nem por isso deixarei de perguntar-te que persuasão, no teu entender, resulta da oratória e sobre que versa. Mas, se assim me bacoreja, por quê, em vez de interrogar-te, não o digo eu mesmo? É por visar, não à tua pessoa, sim ao debate; quero vê-lo adiantar-se tanto que nos esclareça o mais possível a questão em pauta. Ora, examina se, a teu ver, têm propósito minhas perguntas. Suponhamos, por exemplo, que, perguntando eu que sorte de pintor é Zêuxis (25),

24. Chegou-se a uma definição, embora não cabal como pensa Górgias; requer-se o objeto da persuasão e Sócrates passa a investigá-lo.

25. Natural de Heracléia, na Magna Grécia, Zêuxis aprendeu com Apolodoro os princípios do claro-escuro; célebres quadros seus foram os de *Penélope*, o dos *Centauros*, o de *Hércules estrangulando a Serpente*; conhecida também é sua rivalidade com Parrásio na pintura de naturezas mortas.

me respondesses: "Pintor de seres vivos." Eu teria razão de perguntar: "Que espécie de seres vivos?" Ou não teria?

GÓR. Perfeitamente.

SÓC. A razão — não achas? — é existirem outros pintores que pintam muitos outros viventes.

GÓR. Sim.

SÓC. Se, porém, ninguém mais, além de Zêuxis, os pintasse, tua resposta teria sido correta?

GÓR. Como não?

SÓC. Pois bem, dize-me, sobre a oratória: só ela, a teu ver, produz a persuasão, ou também outras artes? Minha idéia é mais ou menos esta: quem ensina qualquer coisa, persuade aquilo que ensina, ou não?

GÓR. Por sem dúvida, Sócrates; persuade com toda certeza.

SÓC. Voltemos àquelas artes de que estávamos tratando. A aritmética e bem assim o aritmético não nos ensinam as propriedades do número?

GÓR. Perfeitamente.

SÓC. Portanto, persuadem-nos?

GÓR. Sim.

SÓC. Logo, também a aritmética é produtora de persuasão?

GÓR. Parece.

SÓC. Por conseguinte, se alguém nos perguntar de que persuasão e a respeito do quê, responderemos, suponho: "Da persuasão didática (26) a respeito

26. A persuasão didática vai direta ao intelecto; a persuasão patética fere as cordas da emoção. Pouco adiante se verá como uma produz o *saber*, e a outra, o *crer*.

do valor do par e do ímpar.” Tódas as demais artes há pouco mencionadas poderemos demonstrar serem produtoras de persuasão, bem assim de que persuasão e a respeito do quê. Ou não?

GÓR. Poderemos.

SÓC. Logo, a oratória não é a única produtora de persuasão.

GÓR. Dizes a verdade.

SÓC. Ora, visto como outras artes, além dela, operam êsse produto, eu teria razão de, como no exemplo do pintor, perguntar ao interlocutor, em seguida: “A oratória é a arte de que espécie de persuasão? Tal persuasão versa sôbre o quê?” Ou achas descabida a nova pergunta?

GÓR. Não acho.

SÓC. Se pensas assim, Górgias, responde a ela.

GÓR. Eu me refiro, Sócrates, à persuasão exercida nos tribunais e demais agrupamentos, segundo dizia há pouco; ela versa sôbre o justo e o injusto (27).

SÓC. Sabes, Górgias? Eu imaginava que te referias a essa persuasão e a tais assuntos, mas, quando um ponto me parece já bastante claro e eu volto a perguntar, minha insistência não deve causar-te espécie; não é, repito, por visar à tua pessoa; é para dar continuidade à discussão, sem nos acostuarmos a antecipar o pensamento um do outro com pressuposições, podendo tu desenvolver o teu ponto de vista, como te aprouver, dentro de tua teoria.

GÓR. Fazes muito bem, a meu ver, Sócrates.

27. Eis a oratória repoltreando-se na cátedra da ciência jurídica; Sócrates cuidará de a desalojar dali sem demora.

SÓC. Pois bem, examinemos êste ponto. Existe alguma coisa a que chamas *saber*?

GÓR. Sim.

SÓC. Bem. E *crer*?

GÓR. Também.

SÓC. Na tua opinião, *saber* e *crer*, ciência e crença, são a mesma coisa ou diferem?

GÓR. Afigura-se-me, Sócrates, que diferem.

SÓC. E estás certo. Podes verificá-lo pelo seguinte: se alguém te perguntasse: “Existe, Górgias, uma crença falsa e uma verdadeira?”, tu responderias que sim, penso eu.

GÓR. Realmente.

SÓC. E daí? Existe uma ciência falsa e uma verdadeira?

GÓR. De maneira alguma.

SÓC. Portanto, é evidente não serem a mesma coisa.

GÓR. Dizes a verdade.

SÓC. Não obstante, tanto está persuadido quem sabe como quem crê.

GÓR. Assim é.

SÓC. Devemos, a teu ver, distinguir duas sortes de persuasão, das quais uma infunde a crença sem o *saber* e outra, a ciência?

GÓR. Perfeitamente.

SÓC. Então, qual das duas persuasões cria a oratória, nos tribunais e demais ajuntamentos, a respeito do justo ou injusto? Aquela donde se origina o *crer* sem o *saber*, ou aquela donde provém a ciência?

GÓR. Não há dúvida nenhuma, Sócrates; é aquela donde nasce a crença.

SÓC. Conclui-se, aparentemente, que a oratória é produtora duma crença e não de ensino sobre o justo e o injusto.

455

GÓR. Sim.

SÓC. O orador, por conseguinte, não ensina aos tribunais e demais ajuntamentos o que é justo e o que é injusto; limita-se a persuadi-los. É claro; a tão numeroso ajuntamento ele não poderia ensinar em pouco tempo (28) assuntos de tal magnitude.

GÓR. Não, por certo.

SÓC. Pôsto isso, vejamos o que estamos, em suma, afirmando sobre a oratória. Eu próprio — sabes? — ainda não me posso penetrar do que estou dizendo. Numa assembléa dos cidadãos, reunida para a escolha de médicos (29), ou de construtores de navios, ou de alguma outra classe de artífices, não compete ao orador dar conselhos. Ou compete? É óbvio; a escolha deve caber sempre ao mais competente. Quando se trata da construção de muralhas, do aparelhamento dos portos ou arsenais, cumpre aos arquitetos dar opinião; outrossim, na deliberação sobre a escolha de generais, a disposição de tropas diante do inimigo ou a tomada de praças fortes, hão de formar conselho, não os oradores, mas os militares mais aptos. Pensas de outra maneira, Górgias? Como te inclucas orador e formador de oradores, bem está que a ti se façam perguntas acêrca de tua arte.

28. Uma clepsidra imparcial media nos tribunais o tempo concedido aos oradores. Assinale-se aqui o perigo da oratória não vigiada por uma sólida formação moral. O século XX, infestado como nenhum outro pela correição de virulentos demagogos, recebe aqui uma lição arcaica de 2 400 anos.

29. Contratados pelo poder público.

Neste momento, acredita-me, estou defendendo os teus interesses; pode ser que algum dos presentes aspire a ser discípulo teu. Mais de um, presumo; muitos até, mas teriam acanhamento de dirigir-te essa pergunta. Por isso, faz de conta que são eles e não eu quem te pergunta: "Que proveito colheremos nós, Górgias, tomando tuas lições? Sobre que matérias nos tornaríamos capazes de aconselhar a cidade? Apenas sobre o justo e o injusto, ou também sobre as outras há pouco enumeradas por Sócrates?" Cuida, pois, de responder-lhes.

GÓR. Pois bem, Sócrates, tentarei revelar-te com clareza todo o condão da oratória; tu mesmo já abriste o caminho muito bem. Êsses arsenais, as muralhas de Atenas e o aparelhamento dos portos devem-se, como sem dúvida sabes, a conselhos de Temístocles e, em parte, de Péricles; não aos profissionais.

SÓC. Quanto a Temístocles, Górgias, assim consta; quanto a Péricles, ouvi-o eu mesmo propor o erguimento da muralha interna (30).

30. Previdente arconte em 481 a. C., Temístocles aconselhou os atenienses a não dissipar a prata da mina do Láurio, mas despendê-la na formação duma frota de guerra. Na segunda invasão persa, aceitando o comando dessa esquadra, atraiu a inimiga para o estreito de Salamina, onde não podiam manobrar os navios grandes, e ali a destróçou. Em 471, sofreu a condenação do ostracismo; perseguido, mercê de denúncias dos lacedemônios, acabou refugiando-se na Pérsia; ali, em 449, com 65 anos de idade, tomou veneno, segundo alguns, e morreu. Foi a conselho seu que os atenienses amuralharam a cidade e o porto, a fim de se defenderem de invasores da Asia; os muros, porém, serviram de consolidar o império de Atenas, que tornavam invulnerável por terra. O muro interior, obra de Péricles, protegia a ligação entre Atenas e o Pireu.



GÓR. Igualmente quando se processa alguma das escolhas a que aludias, Sócrates, segundo podes ver, são os oradores quem aconselha e ganha as vontades que as decidem. 456

SÓC. Está aí o motivo de meu espanto, Górgias; por isso venho perguntando há tanto tempo qual o condão da oratória. Quando nisso reflito, ela se me revela de uma grandeza miraculosa.

GÓR. Se estivesses, então, ao corrente de tudo, Sócrates! Verias como, por assim dizer, ela enfeixou sob o seu domínio todos os condões. Mencionarei uma grande prova; tenho acompanhado meu irmão e outros médicos a casa de doentes que se recusam a ingerir as poções, ou não permitem ao médico a intervenção cirúrgica ou o cautério; muitas vezes o médico não logra convencê-los, mas eu sim, apenas com a arte da oratória. Suponhamos fôssem a uma cidade, à tua escolha, um orador e um médico e tivessem de disputar, na assembléia do povo ou em qualquer outro congresso, qual dos dois deveria ser eleito médico; o médico, asseguro-te, ficaria completamente apagado e seria eleito o capaz de falar, se assim quisesse. Se competir o orador com qualquer outro profissional, nenhum persuadirá melhor do que êle a escolha de sua pessoa, pois não há matéria sôbre a qual não fale à multidão mais convincentemente do que um profissional, seja quem fôr<sup>(31)</sup>. Aí tens qual e quão grande é o condão dessa arte. Contudo, Sócrates, à oratória devemos recorrer como a tôdas as demais artes de lutar. As outras não se em-

31. Sustentados por uma oratória hábil e cínica, concorrentes vazios de competência e honestidade têm, entre nós, infligido clamorosas derrotas eleitorais a administradores de todos conhecidos como probos e capazes.

pregam contra tôda e qualquer pessoa; quem aprendeu o pugilato, o pancrácio<sup>(32)</sup> e a esgrima e, assim, pode sobrepujar amigos e inimigos, nem por isso há de ferir, acutilar, matar seus amigos. E, por Zeus! se alguém, após adquirir, freqüentando a palestra, robustez e habilidade pugilística, acabou surrando o pai, a mãe, algum dos parentes ou amigos, nem por isso havemos de odiar e expulsar das cidades os mestres de ginástica e de armas. Eles transmitiram a seus discípulos meios a empregar com justiça contra inimigos e malfeitores, em defesa própria e não para agredir; êstes é que terão mal empregado a fôrça e a perícia, desvirtuando-as. Maus, portanto, não são os que ensinam; responsável por isso e ruim não é a arte, sim, segundo penso, quem a empregou para fins menos bons. A oratória está no mesmo caso<sup>(33)</sup>. O orador está habilitado a disputar com qualquer pessoa sôbre qualquer assunto; por isso é mais convincente diante das multidões, para sermos breves, na matéria em que quiser; em vez, porém, de arrebatat aos médicos e demais profissionais a sua glória, apenas porque poderia fazê-lo, deve recorrer à oratória com retidão, como à arte de lutar. Se alguém se formou orador e em seguida se vale dêsse condão e dessa arte para a prática do mal, não é o caso, creio eu, de odiar e expulsar das ci-

32. Prova atlética, que reunia luta e pugilato.

33. Eis o molde da bacia de Pilatos, onde lavam suas mãos amorais a Ciência e a Técnica, deusas sombrias a que a civilização não sacrifica bois e ovelhas, preferindo imolar em seu altar inteiras gerações humanas; uma inventa as armas mortíferas e a outra as produz. Não fariam melhor essas inteligências privilegiadas saboreando Homero e Vergílio?

dades o seu mestre (34). Este, com efeito, transmitiu-lhe a sua arte para fins justos; êle é que a empregou de maneira oposta. Ódio, expulsão e morte merece quem mal a emprega, não quem lha ensinou.

SÓC. Imagino que tu, Górgias, como eu, adquiriste experiência em muitos debates; deves ter observado que, nêles, os contendores raramente chegam a definir entre si a matéria que se propõem debater, reciprocando ensinamentos antes de se apartarem; quando discordam sôbre algum ponto e acusam mutuamente os erros ou falta de clareza, agastam-se; cada qual cisma que o contendor o acusa por inveja, mais interessados em vencer o debate do que em examinar a matéria. Às vêzes, terminam por separar-se da maneira mais vergonhosa, após trocarem insultos, dizendo e ouvindo um do outro horrores tais que aos presentes chega a pesar de se terem dignado de escutar pessoas tão grosseiras (35). Por que digo isso? Porque, a meu ver, o que dizes agora absolutamente não casa nem consoa com o que dizias da oratória a princípio. Por isso não me animo a refutar-te, correndo o risco de imaginares que teimo em argüir, não por amor de esclarecer a controvérsia, mas por enticar contigo. Portanto, se és do mesmo tipo de homens que eu, terei prazer em continuar a interrogar-te; se não, desisto. De que tipo sou eu? Dos que aceitam com gôsto a refutação, quando dizem algo errado, e refutam com gôsto, quando alguém diz algo errado, não experi-

34. Alusão ao banimento de Protágoras, em 411 a. C., sob a acusação de impiedade, mas pelo motivo real das influências que exercia.

35. Nesse ponto progredimos muito. Invoco o testemunho de quem assiste a mesas-redondas da televisão.

mentando em ser confutados mais desprazer do que em confutar. Considero isso vantagem maior, tanto quanto maior vantagem tenho em ser eu próprio libertado do maior dos males do que em libertar outra pessoa. A meu ver, ao homem não se depara mal tão grande como uma opinião errônea sôbre o assunto que no momento estamos versando. Se, pois, te confessas do mesmo tipo, conversemos; se, em tua opinião, devemos parar, paremos e encerremos o debate (36).

GÓR. Mas, Sócrates, eu me declaro do mesmo tipo que apontas! Quiçá, contudo, devamos pensar nas pessoas presentes. É que, há muito, antes de vossa chegada, dei a êstes senhores uma longa exibição; se prosseguirmos, talvez nos estendamos, muito. Por isso, convém verificar o seu interêsse, a fim de não retermos quem deseje ocupar-se de outra coisa.

QUE. Vós próprios, Górgias e Sócrates, estais ouvindo o murmúrio desta gente, ansiosa por assistir a um debate entre vós. Quanto a mim, tomara não me ocorram negócios tão importantes que me façam abandonar uma controvérsia tão interessante em têrmos tão belos, por outra ocupação mais lucrativa.

CÁL. Pelos deuses, Querefonte! Eu também já assisti a tantos debates, mas não sei se jamais me deleitei tanto como agora. Se quiserdes prolongar o debate pelo dia todo, ainda será um prazer para mim.

SÓC. Pois bem, Cálicles; se Górgias concordar, da minha parte não haverá objeção.

36. Pedem-se e aceitam-se diálogos para esclarecimento mútuo, não para imposição de artigos de fé.

GÓR. Já agora, Sócrates, seria um desaire <sup>(37)</sup> para mim discordar, quando eu mesmo propus que me interrogasse quem o quisesse. Portanto, se é do agrado destes senhores, fala e pergunta o que bem entenderes.

SÓC. Pois então, Górgias, ouve o que estranhei em tuas palavras; afinal, talvez a razão esteja contigo e eu não tenha compreendido bem <sup>(38)</sup>. Asseveras seres capaz de formar orador quem quiser aprender contigo?

GÓR. Sim.

SÓC. De sorte que, percorrendo em qualquer terreno diante da multidão, seja convincente, dando-lhe, não ensinamentos, mas persuasão; não é assim <sup>(39)</sup>?

GÓR. Perfeitamente.

SÓC. Segundo dizias há pouco, até a respeito da saúde o orador será mais convincente do que o médico?

GÓR. Sim; isto é, diante da multidão.

SÓC. Diante da multidão significa — não? — diante dos não sabedores. Entre os sabedores, é claro, não será mais convincente que o médico.

GÓR. Tens razão.

SÓC. Ora, se é mais convincente do que o médico, torna-se mais convincente que o sabedor?

37. Quanto importava a um sofista a salvaguarda do prestígio!

38. Não passe despercebida a deferência de Sócrates para com Górgias, que, sincero, apesar de tudo, ainda não se penetrara da periculosidade duma oratória sem moral.

39. Insiste Platão em salientar a natureza da persuasão produzida pela oratória.

GÓR. Perfeitamente.

SÓC. Mesmo sem ser médico, não é?

GÓR. Mesmo.

SÓC. Embora quem não é médico ignore, naturalmente, o que o médico sabe.

GÓR. É claro.

SÓC. Logo, o não sabedor, entre não sabedores, será mais convincente que o sabedor, no caso de o orador ser mais convincente que o médico. O que se passa é isso, ou coisa diversa?

GÓR. É isso, pelo menos nesse caso.

SÓC. Não se dá com o orador e a oratória o mesmo que com relação a todas as demais artes? Ela não tem precisão nenhuma de saber as matérias mesmas na realidade; basta-lhe ter descoberto um artifício de persuasão, para, entre não sabedores, passar por saber mais do que os que sabem.

GÓR. Não é um alto negócio, Sócrates, a gente não possuir as outras artes, senão só aquela, e não ficar nada abaixo dos profissionais <sup>(40)</sup>?

SÓC. Se o orador fica ou não fica abaixo dos outros graças a esse dote examinaremos logo mais, se convier ao curso do debate. Por ora, examinemos primeiramente a seguinte questão: por ventura, no que tange ao justo e ao injusto, ao feio e ao belo, ao bom e ao mau, o orador está nas mesmas condições que no tocante à saúde e aos objetos das demais artes? isto é, sem conhecer em si mesmas essas categorias, o bom e o mau, o belo e o feio, o justo e o injusto, logra criar persuasão sobre elas ao ponto de, sem sabê-las, parecer, entre

40. O mesmo pensamento de Polo. Cf. nota 7.

os não sabedores, saber mais do que o sabedor? Ou e quem pretende aprender a oratória precisa conhecê-las e deve aprendê-las antes de se dirigir a ti? Se não, tu, o mestre de oratória, sem ensinar nada dêsse gênero ao teu discípulo — pois não é encargo teu — farás que, aos olhos da multidão, êle passe por entendido em tais matérias, embora não as conheça, e pareça bom sem que o seja? ou não és de modo algum capaz de lhe ensinar a oratória sem que conheça de antemão a verdade a êsses respeitos? Que há de verdade em tudo isso, Górgias? E, por Zeus, como prometeste há momentos, tira o véu à oratória e dize qual o seu condão!

GÓR. Bem, Sócrates; eu penso que êle aprenderá de mim essas noções também, se por acaso não as possui (41).

SÓC. Basta; é ótimo o que disseste. Se formas um orador, êle por força há de saber o justo e o injusto, porque, se não o aprendeu antes, aprendeu depois, de ti.

GÓR. Perfeitamente.

SÓC. Mas, dize. Arquiteto é quem aprendeu arquitetura, ou não? b

GÓR. Sim.

SÓC. Igualmente, músico quem aprendeu música?

GÓR. Sim.

SÓC. E médico quem aprendeu medicina e assim por diante; conforme a matéria que cada um aprendeu, tal qualificação lhe confere a sua ciência.

GÓR. Perfeitamente.

41. Veremos já que não é verdade.

SÓC. Segundo essa razão, justo é quem aprendeu a justiça, não é assim?

GÓR. Sem dúvida alguma.

SÓC. E o justo pratica a justiça (42)?

GÓR. Sim.

SÓC. Necessariamente, portanto, o justo quererá praticar a justiça? c

GÓR. É evidente.

SÓC. O justo, então, jamais quererá delinquir?

GÓR. Necessariamente.

SÓC. Por força dêsse argumento, o orador não pode senão ser justo.

GÓR. Sim.

SÓC. O orador, então, jamais quererá delinquir?

GÓR. É o que parece.

SÓC. Lembras-te de ter dito há alguns momentos d que não devemos censurar nem expulsar da cidade o mestre de ginástica, se o pugilista se vale da arte pugilística para delinquir? Que, de igual modo, se o orador utilizar a oratória para fins iníquos, não é o caso de censurar, nem de enxotar da cidade o seu mestre, mas sim o faltoso, que utilizou a oratória de maneira indevida? Foi o que se disse, ou não?

GÓR. Foi.

SÓC. Mas, segundo se descobre agora, êsse mesmo homem, o orador, jamais delinquiria. Ou não? e

GÓR. Sim, descobre-se.

42. O conhecimento da justiça, sem a prática, não faz o justo. Sócrates, porém, para quem as ações erradas germinavam de noções falsas, acreditava suficiente o conhecimento para assegurar a vontade do bem.

SÓC. No início desta conversa, Górgias, dizia-se que a oratória tratava de palavras; palavras relativas, não ao par e ao ímpar, mas ao justo e ao injusto. Não foi?

GÓR. Foi.

SÓC. Ora, eu, quando dizias isso, supunha que a oratória jamais seria uma coisa injusta, porque tratava invariavelmente da justiça; como, porém, pouco depois dizias que o orador podia servir-se da oratória também para fins injustos, assombrei-me; os termos me pareciam discordar entre si; por isso me manifestei daquela forma: se achavas, como eu, vantajoso ser confutado, valia a pena o debate; caso contrário, que o abandonássemos. Mais adiante, em nosso exame — tu mesmo o vês — concluímos, ao invés, que um orador é incapaz de usar da oratória para fins injustos e de querer delinquir. Pelo Cão, Górgias (<sup>43</sup>)! não é num breve debate que poderemos apurar cabalmente como é isso!

POLO. Como assim, Sócrates? Tu pensas realmente da oratória como acabas de dizer? Cuidas que, porque Górgias se acanhou de não te conceder que o orador conhece perfeitamente o justo, o belo e o bom e, se o procura sem tal conhecimento, é próprio lho ministra e, logo mais, talvez em consequência dessa concessão, ocorreu uma como contradição nos raciocínios — coisa que adoras, pois o levaste tu mesmo a enredar em semelhantes perguntas dialéticas — afinal quem, supões tu, negará

43. Jura predileta do mestre, que evitava jurar pelos deuses nacionais. O cão é Anúbis, deus egípcio representado por um corpo humano encimado por uma cabeça canina. Cf. 482-b.

que, sobre conhecer êle próprio o que é justo, também o ensina aos outros? Ora, é preciso ser muito mal educado para conduzir os debates a semelhante situação (<sup>44</sup>)!

SÓC. Ó guapíssimo Polo, se nós arranjamos amigos e filhos, não é à toa; quando, envelhecidos, cambalearmos, vós, os moços, estareis ao pé de nós para aprumar-nos assim no que fizermos como no que dissermos. Agora, por exemplo, se eu e Górgias cambaleamos nas palavras, tu, ao pé de nós, apruma-nos; é um direito que te assiste (<sup>45</sup>). Se achas indevida alguma das concessões, estou mesmo pronto a retirar o que quizeres, contanto que mantendas um compromisso.

POL. Que compromisso?

SÓC. O de coarctares, Polo, a prolixidez que, da primeira vez, procuraste empregar.

POL. O quê? Não me será lícito falar quanto queira (<sup>46</sup>)?

SÓC. Seria uma grande desventura tua, caro amigo, se, vindo a Atenas (<sup>47</sup>), lugar da Grécia onde

44. Inflammada, a eloquência toma o freio nos dentes e dá com o discurso no barranco dos anacolutos. Argüir o opositor de má educação é artifício para o desencorajar e antipatizar perante os ouvintes.

45. A dignidade impedia Górgias, apanhado em contradição flagrante, de retirar o que dissera. Acode em seu auxílio o discípulo fogoso. Sócrates, já acusado de impolidez denuncia a manobra com uma cortesia finamente irônica.

46. É palpável aqui o propósito de calar o opositor sob uma enxurrada de argumentos retóricos; a paciência de Sócrates, tão generosa para com Górgias, será menor para com Polo.

47. Polo era siciliano.

se desfruta a maior liberdade de palavra, só a ti ela viesse a faltar. Mas põe-te no meu lugar; caso tu fales longamente e não te disponhas a responder a perguntas, não seria grande desventura minha, se não me fôsse lícito retirar-me para não te ouvir? Não; se dás real importância ao debate havido e queres corrigi-lo, restaura o jôgo, torno a dizê-lo, no lance que bem entenderes, perguntando e respondendo alternadamente, como eu e Górgias; refuta e deixa-te refutar. Tu garantes, por certo, saberes o mesmo que Górgias; ou não?

POL. Garanto.

SÓC. Então, tu igualmente convidas cada um a perguntar-te o que quiser, com a certeza de saberes a resposta?

POL. Perfeitamente.

SÓC. Pois então, faz agora como preferes; pergunta, ou responde. b

POL. É o que vou fazer. Responde-me, Sócrates; visto como Górgias te parece embaraçado quanto à oratória, qual dizes tu que ela é?

SÓC. Perguntas qual arte ela é?

POL. Sim.

SÓC. Nenhuma, a meu ver, Polo, para te dizer a verdade.

POL. Então, o que achas que é a oratória?

SÓC. Algo que, no tratado que eu li recentemente, declaras teres mudado em arte (48). c

POL. Que queres dizer?

SÓC. Uma prática adquirida.

48. Nesse tratado, que se perdeu, Polo discorria, parece, sôbre os meios de embelezamento da linguagem, quais empregou na resposta a Querefonte, em 448-c.

POL. Achas, então, que a oratória é uma prática?

SÓC. Sim, salvo se pensares ser ela outra coisa.

POL. Prática do quê?

SÓC. De produzir determinado agrado e prazer.

POL. Então não te parece uma bela coisa a oratória, se é capaz de agradar aos homens?

SÓC. Mas como, Polo? Já estás enfronhado do que eu entendo que ela é, para me perguntares o ponto seguinte, se não me parece bonita? d

POL. Pois não sei que a qualificas como uma certa prática?

SÓC. Já que tanto estimas agradar, queres fazer-me um favorzinho?

POL. Pois não.

SÓC. Pergunta-me agora que espécie de arte me parece a culinária.

POL. Pergunto, pois não. Que espécie de arte é a culinária?

SÓC. Nenhuma, Polo.

POL. Então, o que é? Dize.

SÓC. Pois não: uma prática.

POL. Prática do quê? Dize.

SÓC. Pois não; de produzir agrado e prazer, Polo. e

POL. Então, arte culinária e oratória vêm a dar no mesmo?

SÓC. De modo algum; apenas são variedades do mesmo ofício.

POL. A que ofício te referes?

SÓC. Que não seja grosseria maior dizer a verdade (49)! Hesito em dizê-lo em atenção a Górgias, não vá êle suspeitar-me de estar achincalhando.

49. Ele já fôra tachado de impolido.

do a sua profissão; se assim é a oratória praticada por Górgias eu não sei, pois de fato o recente debate não me deixou bem esclarecido o pensamento dêle. Mas o que eu chamo oratória é parte de algo que não se conta absolutamente entre as atividades nobres. 463

GÓR. Do quê, Sócrates? Fala, não te acanhes por minha causa.

SÓC. Bem, Górgias; parece-me se trata duma profissão não artística, mas própria de espírito certo, arrojado e por natureza hábil no entretenimento com as pessoas; ao seu gênero dou o nome de lisonjaria. Dessa profissão, parece-me, há muitas variedades; uma é a culinária; aparentemente, uma arte, mas, no meu entender, em vez de arte, habilidade e prática. Qualifico também a oratória como variedade dela, e mais os arrebiques e a sofística; são quatro variedades, distinguidas por quatro domínios. Se, pois, Polo deseja interrogar, interroge; pois êle ainda não sabe que variedade de lisonjaria entendo ser a oratória; êle não percebe que ainda não lhe respondi a isso e passa a perguntar-me se me parece bonita. Mas eu não lhe responderei se considero a oratória bela ou feia antes de lhe responder o que ela é; não é razoável, Polo. Se queres, porém, sabê-lo, pergunta-me que variedade de lisonjaria eu declaro ser a oratória. b

POL. Pois bem; eu pergunto; responde-me; que variedade é?

SÓC. Compreenderias a minha resposta? No meu entender, a oratória é o simulacro dum ramo da política (50). c

50. A política como a concebe Sócrates nada tem a ver com partidos e conchavos.

POL. Como? Entendes que ela é bela, ou feia?

SÓC. Feia. Eu chamo feias as coisas ruins, visto como tenho de responder-te como se já soubesses do que estou falando.

GÓR. Por Zeus, Sócrates! Eu próprio tampouco estou entendendo o que dizes.

SÓC. É natural, Górgias; eu nada esclareci ainda, mas Polo aí é jovem e árdego (51). e

GÓR. Bem, deixa-o e explica a mim a razão de qualificares a oratória como simulacro dum ramo da política.

SÓC. Bem, tentarei expor o que me parece a oratória; se, por ventura, não fôr isso, Polo aí me conforará. Chamas a uma coisa corpo e a outra, alma? 464

GÓR. Como não?

SÓC. Crês — não é assim? — que cada um dos dois tem a sua saúde?

GÓR. Sim, creio.

SÓC. Que mais? Que existe saúde aparente, mas não real? Quero dizer, por exemplo: muitos aparentam de sãos de corpo; ninguém percebe facilmente que vão mal, salvo um médico ou um mestre de ginástica.

GÓR. Falas verdade.

SÓC. Entendo haver, tanto no corpo como na alma, algo assim, que lhes dá aparência de saúde, embora nem por isso a tenham. b

GÓR. É fato.

SÓC. Muito bem; vou, se puder, esclarecer melhor meu pensamento. Como os domínios são dois,

51. *Ardego* diz-se de cavalos; *Polo* significava *potro*.

entendo haver duas artes; a uma, relativa à alma, chamo política; à outra, referente ao corpo, não me é possível dar assim um nome único, mas no cultivo do corpo, conquanto uno, distingo dois ramos, sendo um a ginástica e o outro a medicina; uma parte da política corresponde à ginástica; é o legiferar; outra corresponde à medicina; é o judiciar<sup>(52)</sup>. Os ramos de uma e outra arte, dado que têm os mesmos domínios, têm aspectos comuns entre si, a medicina com a ginástica, o judiciar com o legiferar; existe, contudo alguma diferença. Sendo êles quatro e tratando, sempre com o fito da perfeição, uns do corpo e os outros da alma, a lisonjaria, dando-se conta disso, não digo que por um conhecimento, mas por uma conjectura, divide-se em quatro e, metendo-se nos trajés de cada um dos ramos, simula ser aquilo de que se vestiu; ela não cogita do maior bem e, sim, recorrendo sempre ao prazer, arma laços à parvoíce, ilude-a e, dêsse modo, se afigura altamente valiosa. Assim, a culinária, caracterizada de medicina, finge conhecer os melhores alimentos para o corpo, de modo que, se, entre crianças, ou entre adultos parvos como crianças, um cozinheiro e um médico tivessem de disputar qual dos dois entenderia de alimentos bons e maus, se o médico, se o cozinheiro, o médico acabaria morrendo de fome. A isso eu chamo lisonjaria e digo que uma coisa assim é feia, Polo — pois é a ti que me dirijo — porque visa ao mais agradável e não ao melhor; isso digo não ser arte, mas apenas uma prática, porque, não possuindo

52. Assim, pois, a política entende com a saúde das almas, em cujo benefício se criam e aplicam as leis. Para Platão, a função do Estado é eminentemente educativa. Quem nos dera um Platão averbando os orçamentos!

do, para oferecer os artigos que oferece, nenhuma razão fundada na natureza dêles, não é capaz de dizer a causa de cada um<sup>(53)</sup>. Eu não chamo arte a uma prática não racional; se tens o que contestar nesse ponto, estou pronto a defendê-lo. De medicina, pois, se mascara, como dizia, a lisonjaria; de ginástica, da mesma maneira, os arrebiques, maléficos, enganosos, vilãos, indignos de gente livre, que iludem por meio de formas, côres, maciezas, roupagens, de sorte que induzem as pessoas a buscar uma beleza de empréstimo, negligenciando a própria, deparada pela ginástica<sup>(54)</sup>. Para não me estender muito, quero-te dizer, à maneira dos matemáticos — talvez já me possas acompanhar — que os arrebiques estão para a ginástica como a culinária para a medicina, ou, melhor, como os arrebiques estão para a ginástica, assim está a sofística para o legiferar, e como a culinária está para a medicina, assim está a oratória para o judiciar. Mas, estava eu dizendo, elas se distinguem assim pela natureza; dada, porém, a proximidade, sofistas e retores<sup>(55)</sup> se confundem num domínio único sôbre as mesmas questões, sem lhes conhecerem êles próprios e tampouco os outros homens a finalidade. De fato, se a alma não governasse o corpo, mas êste a si mesmo, e, em vez de ela examinar e distinguir a culinária e a medicina, o próprio corpo as julgasse estimando-as pelos prazeres que lhe deparam, meu caro Polo, aconteceria bem a con-

53. *Vere scire est per causas scire.*

54. Sócrates, feioso, nada fazia para disfarçar ou atenuar a feiúra; caminhava descalço, envolto num manto surrado. Além disso, não tomava banho amíude. Cf. *Banquete*, 174-a e 216-d.

55. Os sofistas eram, em geral, mestres de oratória.



cepção de Anaxágoras — pois essas idéias não te são estranhas — tôdas as coisas estariam confundidas numa só massa<sup>(56)</sup>, mesclados os elementos da medicina e da saúde com os da culinária. Ouviste, pois, como eu defino a oratória: ela é para a alma aquilo que a culinária é para o corpo. Incorri, talvez, numa incoerência; não te consenti longas exposições, mas eu mesmo me prolonguei tão extensamente. Mereço, porém, desculpas; quando eu falava concisamente, não me entendias e, incapaz de utilizar as respostas que te dava, pedias que as explicasse. Portanto se eu igualmente não souber utilizar as tuas respostas, prolonga também tu as exposições, mas se eu o souber, não impeças que as utilize, como é justo. Agora, se podes tirar proveito desta resposta, tira-o.

POL. Com que, então, a oratória a teus olhos é lisonjaria<sup>(57)</sup>?

SÓC. Eu disse uma variedade de lisonjaria. Já o esqueceste, Polo, apesar de tão môço? Que não farás mais tarde?

POL. Achas, acaso, que os bons oradores são tidos em pequena conta nas cidades, como lisonjeadores?

56. Nascido em Clazômenas, em 500 a. C., Anaxágoras mudou-se para Atenas aos 20 anos de idade. Péricles e Eurípides foram discípulos seus. É conhecida a sua teoria; os átomos, elementos da matéria, em número infinito, mas de qualidades definidas, encontravam-se originariamente misturados em confusão; *Nous*, quer dizer, uma *Inteligência*, estabeleceu a ordem no universo. Acusado de impiedade, em 450, foi salvo pela eloquência e prestígio de Péricles, mas teve de pagar multa e deixar a cidade. Morreu em Lâmpsaco, com 72 anos.

57. Por efeito da formação meramente oratória, Polo atém-se a critérios de avaliação exteriores, sem penetrar fundo no exame das questões.

SÓC. Estás formulando uma pergunta dialética, ou o exórdio dum discurso?

POL. Uma pergunta, ora!

SÓC. Parece-me que êles nem são tidos em conta.

POL. Como nem tidos em conta? Não desfrutam um poder imenso nas cidades?

SÓC. Não, se, por *poder*, entendes alguma coisa boa para quem pode.

POL. Mas é isso que eu entendo.

SÓC. Então, parece-me que os oradores são quem menos pode nas cidades.

POL. Como? Não podem, como os tiranos, executar quem quiserem, confiscar-lhe os bens e degradá-lo?

SÓC. Pelo Cão, Polo! A cada palavra que dizes, fico em dúvida se estás falando por ti mesmo, expondo teu próprio pensamento, ou se me estás interrogando.

POL. Eu? Estou-te interrogando.

SÓC. Vá lá, meu caro; mas então me perguntas duas coisas ao mesmo tempo?

POL. Duas? Como?

SÓC. Não acabas de dizer que os oradores fazem executar a quem quiserem, como os tiranos, e confiscam os bens de quem bem lhes parece e o degradam?

POL. Sim.

SÓC. Pois eu te digo que estão aí duas perguntas e vou responder-te a uma e outra. Assevero, Polo, que os oradores e os tiranos desfrutam nas cidades um poder insignificante, como dizia há pouco; não fazem nada, por assim dizer, do que desejam; fazem, sim, o que lhes parece melhor.

POL. E isso não é poder imenso?

SÓC. Não; pelo menos, como diz Polo.

POL. Eu digo que não? Ora, eu digo que sim!

SÓC. Pelo C...! tu é que não, visto como dizias que poder imenso é um bem para quem pode!

POL. Digo isso, com efeito.

SÓC. Então, consideras um bem poder uma pessoa o que lhe parece o melhor, embora não tenha juízo, e chamas a isso desfrutar de imenso poder?

POL. Bem, não.

SÓC. Por conseguinte, vais demonstrar que os oradores têm juízo e, refutando-me, que a eloquência é uma arte e não uma lisonjaria? Se me deixares sem refutação, nenhum bem representa para os oradores e para os tiranos o fazerem nas cidades o que bem lhes parece; o poder é, como dizes, um bem, mas tu próprio admites que é um mal fazer alguém sem juízo o que lhe parece. Ou não? 467

POL. Sim.

SÓC. Então, como há de ser imenso, nas cidades, o poder dos oradores e dos tiranos, se Polo não convencer Sócrates de que eles fazem o que desejam?

POL. Mas esse homem (58)...

SÓC. Eu afirmo que eles não fazem o que desejam; pois bem, refuta-me.

POL. Não acabas de admitir que fazem o que lhes parece melhor?

SÓC. E ainda o admito.

POL. E então não fazem o que desejam?

SÓC. Digo que não.

POL. Mesmo fazendo o que lhes parece?

58. Mais do que um protesto, esboça-se aqui um apêlo a testemunhas. V. nota 148.

SÓC. Mesmo.

POL. Tudo quanto dizes, Sócrates, é lastimável e assombroso.

SÓC. Para usar o teu estilo ao falar *contigo*, meu caro *amigo*, não censures o que *digo* (59). Se é capaz de interrogar-me, demonstra o meu êrro; se não, passa tu a responder. c

POL. Bem, estou pronto a responder, para conhecer o teu pensamento.

SÓC. As pessoas, a teu ver, desejam sempre aquilo que fazem, ou aquilo a que visam em suas ações? Por exemplo, quem bebe as poções dos médicos, a teu ver, quer o que está fazendo, isto é, ingerir a tisana e sofrer, ou aquilo a que visa quando a toma, isto é, a saúde?

POL. Evidentemente, a saúde.

SÓC. Estão no mesmo caso os mareantes e, em geral, os mercadores, não é verdade? Não vivem fazendo o que desejam. Quem quer navegar, correr perigos, passar apuros? O que eles querem, penso, é aquilo a que visam quando velejam, isto é, enriquecer; é pela riqueza, com efeito, que se fazem ao mar (60). d

POL. Perfeitamente.

SÓC. Não é assim em tudo o mais? Quando se faz uma coisa em vista de outra, o que se quer não

59. A paronomásia seria um dos meios de aformoseamento do estilo recomendados pelo tratado de Polo.

60. Pobre de terras cultiváveis, a Grécia peninsular não dispensava o comércio marítimo. Aristóteles, em *Política*, livro VII, situa a cidade ideal nas vizinhanças de um pôrto; Platão, no *Crítias*, localiza igualmente à beira-mar a capital de Atlântida.

é a que se faz, mas aquela em vista da qual ela se faz.

POL. Sim.

SÓC. Há neste mundo alguma coisa que não seja ou boa, ou ruim, ou indiferente, isto é, nem boa nem ruim?

POL. Não, Sócrates, necessariamente.

SÓC. Dizes — não é? — serem bons o saber, a saúde, a riqueza e coisas que tais, e ruins as opostas?

POL. Sim.

SÓC. E por nem boas nem más entendes coisas tais que ora fazem parte do bem, ora do mal, ora nem de um nem do outro; por exemplo, estar sentado, caminhar, correr, navegar, ou, ainda, pedras, paus e quejandos? Não entendes assim? Ou são outras as coisas que qualificas como nem boas nem más?

POL. Não; essas mesmas.

SÓC. Quando fazemos coisas indiferentes, fazemo-las em vista das boas, ou fazemos as boas em vista das indiferentes?

POL. Fazemos as indiferentes em vista das boas, sem dúvida.

SÓC. Quando, pois, andamos, fazemo-lo procurando o bem, acreditando que assim é melhor, e, ao contrário, quando paramos, paramos com o mesmo fito, o bem. Ou não?

POL. Sim.

SÓC. Logo, quando condenamos, mandamos executar, degredamos alguém e confiscamos seus bens, é por julgarmos melhor para nós fazê-lo do que deixar de o fazer?

POL. Perfeitamente.

SÓC. Quem, pois, pratica tudo isso, pratica-o com vistas ao bem?

POL. Admito-o.

SÓC. Mas, segundo concordamos, o que desejamos não é a coisa que fazemos visando a outra, mas aquilo a que visamos ao fazê-la, não é verdade?

POL. Certamente.

SÓC. Nosso desejo, portanto, não é simplesmente degolar, degredar, ou confiscar bens, mas queremos aplicar tais punições quando são úteis; se nocivas, não o queremos. Como bem dizias, desejamos as coisas boas; as nem boas nem más, não as queremos; tampouco as ruins. Não é? Achas que digo a verdade, Polo, ou não? Por que não respondes?

POL. Dizes a verdade:

SÓC. Portanto, admitido isso, se uma pessoa — um tirano, ou um orador — manda matar outra, ou degredá-la, ou confiscar-lhe os bens, por considerar isso melhor para si, quando na verdade é pior, êsse, sem dúvida, faz o que bem entende. Ou não?

POL. Faz.

SÓC. Acaso está fazendo o que deseja, se calha de ser coisa ruim? Por que não respondes (61)?

POL. Bem; penso que não faz o que deseja.

SÓC. É possível, pois, que semelhante indivíduo desfrute um imenso poder nessa cidade, se o poder imenso é um bem, segundo admitiste?

61. Polo presente a derrota e reluta em assentir no rumo dos raciocínios.

POL. Não é.

SÓC. Eu falava, pois, verdade, quando declarava possível o caso de um homem que faz numa cidade o que bem lhe parece não desfrutar um imenso poder, nem fazer o que deseja.

POL. Pelo que vejo, Sócrates, a gozar da liberdade de fazer na cidade o que bem te parece, tu preferirias não gozar, nem sentes inveja quando vês outrem mandando executar quem bem entende, ou confiscando-lhe os bens, ou encarcerando-o (62).

SÓC. Isso com justiça, ou sem ela?

POL. Faça como fizer, desta ou daquela maneira, não é um sujeito invejável?

469

SÓC. Salvo seja, Polo!

POL. Por quê?

SÓC. Porque não devemos ter inveja a quem não é de invejar, nem aos infelizes, e sim compadecer-nos deles.

POL. Que pretendes dizer? Entendes ser esse o caso das pessoas de quem falo?

SÓC. E por que não?

POL. Achas infeliz e digno de dó alguém que manda executar quem bem lhe parece, condenando-o justamente?

SÓC. Não, não acho; nem invejável tampouco.

POL. Não dizias, há pouco, que era infeliz?

SÓC. Sim, quem mandasse matar injustamente, meu caro; sobre infeliz, digno de dó; e não invejável quem o fizesse com justiça.

62. Um irônico argumento *ad hominem*, de natureza retórica, visando a persuasão de crença e não de ciência.

POL. Digno de dó e infeliz, por certo, é quem morrê injustamente!

SÓC. Não tanto como quem o mata, Polo, e não tanto como quem morre por merecer.

POL. Como assim, Sócrates?

SÓC. Como? porque o maior dos males vem a ser praticar uma injustiça.

POL. Esse é o maior?! Não é maior o sofrer a injustiça?

SÓC. Absolutamente não.

POL. Assim, pois, tu preferes sofrer uma injustiça a praticá-la (63)?

SÓC. Eu não quereria nem uma nem outra coisa; mas se fôsse imperioso ou praticar ou sofrer uma injustiça, eu preferiria sofrê-la a praticá-la (64).

POL. Portanto, não aceitarias a posição de tirano?

SÓC. Não, se por *tirano* entendes o mesmo que eu.

POL. Bem, entendo o que acabo de dizer: quem pode fazer, na cidade, o que bem parece, mandando executar, degredando e agindo em tudo segundo a opinião pessoal.

SÓC. Meu caro amigo, enquanto vou discorrendo, entra com tuas objeções. Suponhamos que, na praça repleta, eu, levando sob a axila (65) uma adaga, te dissesse: "Polo, acabo de adquirir um poder

63. Novo argumento *ad hominem*.

64. Na *Apologia*, 32-c e -d, conta Sócrates como afrontou risco de morte recusando obediência ao governo dos Trinta, que o mandava, com outros quatro, buscar Leão de Salamina, condenado injustamente à morte.

65. Lugar preferido para ocultar armas pequenas. Cf. Xenofonte, *Helênicas*, II, 3, 23.

tirânico maravilhoso; se, no meu entender, um desses homens que vês tem de morrer imediatamente, morto estará aquêle que eu achar; se, no meu entender, se deve rachar a cabeça a um dêles, rachada estará num instante; se, no meu entender, lhe deve ser rasgada a roupa, rasgada estará, tamanho é o meu poder nesta cidade." Se duvidares e eu te exhibir a arma, tu, vendo-a, talvez digas: "Ó Sócrates, assim qualquer pessoa teria um imenso poder; aliás, dêsse modo, poderia até ser incendiada a casa que bem entendesses, e mais os arsenais de Atenas, os navios de linha e todos os cargueiros, do Estado como particulares." Mas, então, o poder imenso não consiste nisso, em fazer o que dá na veneta. Ou achas que sim?

POL. Não dessa maneira, por certo.

SÓC. Podes dizer-me o que desaprovas num poder como êsse? 470

POL. Posso.

SÓC. O quê? Dize.

POL. Quem assim procede é punido necessariamente.

SÓC. E a punição não é um mal (<sup>66</sup>)?

POL. Perfeitamente.

SÓC. Desta feita, portanto, meu extraordinário amigo, pensas que o imenso poder é um bem quando aproveita a quem faz o que bem entende, e nisso, parece, consiste o poder imenso; caso contrário, sobre ser um mal, é um poder minguado. Examinemos esta outra questão. Admitamos — não é verdade? — que proceder como dizíamos há pouco,

66. Na opinião de Polo, é claro.

isto é, mandando executar e degredar pessoas e confiscar os bens, às vêzes é melhor, às vêzes não.

POL. Perfeitamente.

SÓC. Isso, parece-me, admitimos tanto eu como tu.

POL. Sim.

SÓC. Quando, no teu entender, é melhor proceder assim? Dize-me quais os limites que traças.

POL. A essa pergunta, Sócrates, responde tu mesmo.

SÓC. Pois bem, Polo, se te apraz mais ouvi-lo de mim, entendo ser melhor quando se procede assim com justiça; pior, quando iniquamente.

✓ POL. Ai, como é difícil refutar-te, Sócrates! Contudo, não poderia mesmo uma criança provar o êrro do que dizes?

SÓC. Eu ficaria imensamente agradecido à criança; não menos a ti, se me confutares e livrares da parvoíce. Por favor, não te enfades de bem-fazer a um amigo; refuta-me.

POL. Pois bem, Sócrates, escusa invocar exemplos do passado para te rebater; bastam fatos de ontem e de hoje para te confundir, demonstrando como muitos homens iníquos são felizes.

SÓC. Quais fatos?

POL. Não vês, por certo, no trono da Macedônia, Arquelau, filho de Perdicas (<sup>67</sup>)?

SÓC. Se não vejo, pelo menos ouço dizer.

67. Como vem narrado adiante, apossou-se ilegalmente do poder em 414 a. C. Teve, contudo, o mérito de introduzir no país a cultura grega, lançando com isso, as bases do futuro império helenístico. Eurípides e Agatão, poetas trágicos, foram hóspedes seus; quadros de Zêuxis adornavam seu palácio.

POL. Considera-lo feliz ou infeliz?

SÓC. Não sei, Polo; ainda não tive uma conversa com êle.

POL. Que dizes? Só o saberias pela conversa? Sem saíres daqui, não sabes se êle é feliz?

SÓC. De fato, não sei, por Zeus!

POL. Não há dúvida, Sócrates; tu me vais dizer que não sabes tampouco se é feliz o rei da Pérsia (68)!

SÓC. E estarei falando verdade, pois desconheço-lhe a formação e o grau de justiça (69).

POL. O quê? A felicidade consiste tôda nisso?

SÓC. Pelo menos, na minha concepção, Polo. Entendo ser feliz o homem, ou mulher, de boa formação moral; o mau, o iníquo, êsse é infeliz.

POL. Portanto, na tua concepção, o referido Arquelau é um coitado? 471

SÓC. Sim, meu amigo, se fôr injusto.

POL. Ora, como não havia de ser injusto? Não lhe cabia nenhuma parcela de seu poder atual, filho que era duma simples escrava de Alcetes, irmão de Perdicas; por direito, êle era escravo de Alcetes e, se quisesse cumprir seu justo dever, estaria servindo a Alcetes, e seria feliz, de acôrdo com os teus princípios (70); ao invés, tornou-se as-

68. Não se trata de um rei determinado, mas de qualquer rei da Pérsia, considerado seu poder absoluto e a riqueza do vasto império. É um modo de dizer; Sócrates, porém, que baseia a felicidade na consciência tranqüila, toma a expressão ao pé da letra, aplicando-a à pessoa de Artaxerxes II.

69. Para Polo, a felicidade é uma *situação*; para Sócrates, uma *qualidade*.

70. Ironia retórica, de não pequeno efeito sobre a assistência.

sombrosamente infeliz, perpetrando os crimes mais hediondos: primeiro, mandou chamar êsse mesmo seu amo e tio, como se tencionasse restituir-lhe o poder que Perdicas tomara; hospedou-o; embriagou-o, juntamente com Alexandre, o filho, primo seu, mais ou menos da mesma idade; meteu-os numa carruagem, levou-os à noite para fora da cidade, degolou-os e sumiu os dois. Cometidos êsses crimes, não se deu conta de quão infeliz se tornara e não se arrependeu; ao contrário, pouco tempo depois, em vez de educar, como era de justiça, a seu irmão, filho legítimo de Perdicas, menino de cêrca de sete anos de idade, a quem por direito cabia o trono, e restituir-lhe o poder, para ser feliz, lançou-o num poço, afogando-o, e disse à mãe dêle, Cleópatra, que o menino morrera duma queda, quando perseguia um ganso. Como vês, por ter praticado na Macedônia os mais horríveis crimes, é o mais desventurado dos macedônios, ao invés de o mais feliz, e talvez não haja em Atenas, a começar por ti, quem não prefira ser um macedônio qualquer a ser Arquelau. ✓

SÓC. No comêço dêste debate, Polo, eu te gabei por me parecer teres aprendido bem a oratória, negligenciando, contudo, a dialética; e agora, é deveras essa a argumentação com que mesmo uma criança me confundiria? Está realmente refutada por êsse raciocínio, como imaginas, minha afirmação de que não pode ser feliz quem pratica injustiças? Como assim, meu caro, se não admito uma palavra de tudo quanto estás dizendo?

POL. Não admites, porque não queres; na realidade, pensas como eu digo (71).

71. Cf. 495-b e nota 128.

SÓC. Abençoado amigo, com efeito! Queres-me e  
refutar ao jeito dos oradores, como cuidam que se  
refuta[os que oram nos tribunais (72)]. Porquanto êles  
ali supõem que se confundem uns aos outros, quan-  
do, de suas alegações, aduzem testemunhas nume-  
rosas e acatadas, ao passo que o adversário apre-  
senta uma minguada, ou nenhuma. Semelhante re-  
futuração, porém, não tem valor nenhum na indaga-  
ção da verdade; vez por outra, alguém é vítima de 472  
falsos testemunhos prestados por grande número  
de pessoas tidas por honestas. Agora, por exemplo,  
em favor de tuas alegações, deporão quase todos os  
atenienses e forasteiros, se quiseres citar contra  
mim testemunhas de que não digo a verdade; de-  
porão a teu favor, se quiseres, Nícias (73), filho de  
Nicérato, e com êle seus irmãos, cujas trípodas (74)  
se alinham de pé no santuário de Dioniso (75); se  
quiseres, Aristócrates (76), filho de Célias, de quem b

72. O acúmulo de aparências e testemunhos, a ironia dos aspectos paradoxais da tese oposta, são recursos habituais e eficazes na oratória forense, mas longe estão de constituir argumentos apodícticos; criam a persuasão da crença, não a do saber.

73. Chefe do partido aristocrático, Nícias aconselhou e realizou a paz com Esparta em 421 a. C. Incumbido, mau grado seu, de comandar, com Lâmaco e Alcibiades, seu adversário político, a desastrosa invasão da Sicília, caiu prisioneiro dos siracusanos e foi executado. Era honrado, porém tímido e irresoluto.

74. Vasos de três pés.

75. Dioniso, um dos nomes de Baco, deus do vinho. O santuário aqui referido fôra mandado construir pelo próprio Nícias.

76. Aristócrates, oligarca, foi um dos generais vencedores da batalha naval de Arginusas, ganha sobre os espartanos em 406 a. C., condenados pelos atenienses por não terem recolhido os mortos. Cf. *Apologia*, 32-b.

também se encontra no templo de Delfos aquê-  
le belo *ex-voto*; se quiseres, tôda a casa de Péri-  
cles ou qualquer outra família daqui, a tua esco-  
lha. Apesar de tudo, sòzinho, eu não concordo  
contigo. Na realidade, em vez de me constrangeres  
a isso, tentas, aduzindo contra mim numerosos fal-  
sos testemunhos, despojar-me dos bens e da ver-  
dade. Eu, porém, se, em apoio do que digo, não  
apresentar o teu próprio testemunho, ùnicamen-  
te o teu, nada de concreto terei realizado, a meu  
ver, neste nosso debate; penso que tu tampouco, c  
se eu, ùnicamente eu, não depuser em teu favor,  
dispensando tu as demais testemunhas. Aquela é  
uma espécie de prova admitida por ti e por mui-  
tas outras pessoas; mas há uma outra espécie, a  
que admito eu. Coloquemo-las, pois, lado a lado e  
verifiquemos em que diferem (77). Sim, porque o  
assunto sôbre o qual discrepamos, longe de insigni-  
ficante, é uma questão cujo conhecimento é talvez  
o que há de mais belo e cujo desconheci-  
mento, o que há de mais feio; trata-se, em síntese,  
de saber ou ignorar quem é feliz e quem não. As-  
sim, para começar pelo que discutimos a esta altura,  
tu crês possível a felicidade de quem pratica a in-  
justiça e nela persevera, visto como consideras Ar-  
quelau, embora iníquo, venturoso. Devemos, de d  
fato, entender que tu pensas assim?

POL. Perfeitamente.

SÓC. E eu digo ser impossível. Aí está uma de  
nossas divergências. Pois bem; será por ventura  
feliz o criminoso deparando a justa punição?

77. Distinção entre a argumentação retórica e a dia-  
lética.

POL. De maneira nenhuma; seria o cúmulo da infelicidade.

SÓC. Então, segundo teu raciocínio, o criminoso e será feliz, se não deparar a justiça (78)?

POL. É o que digo.

SÓC. No meu entender, Polo, o criminoso e o iníquo são de todo em todo infelizes; mais infeliz, porém, é o criminoso que não expia a falta e não é punido; menos infeliz, se expiar a falta e fôr punido pelos deuses e pelos homens. (79).

POL. Ora, Sócrates, é absurdo o que estás tentando dizer. 473

SÓC. Todavia, procurarei fazer que tu próprio digas o mesmo que eu, meu amigo — porquanto considero-te meu amigo. Presentemente, com efeito, é essa a nossa divergência; examina-o tu; eu disse, a certa altura (80), que é pior cometer uma injustiça do que sofrê-la.

POL. Perfeitamente.

SÓC. E tu, que o pior era sofrê-la.

POL. Sim.

SÓC. Eu declarava infelizes os criminosos e tu me refutaste...

POL. Sim, por Zeus!

SÓC. ... ao que pensas, Polo. b

78. A idéia é de Antifonte, sofista, orador e mestre de retórica, nascido em 480 a. C., em Atenas e condenado à morte em 411, quando caiu o governo dos Quatrocentos, de que fazia parte. Segundo ele, somente convinha ser justo quando houvesse testemunhas.

79. Assim retribui Sócrates os paradoxos irônicos de Polo. Nestas retribuições reside um dos mais finos encantos da arte literária do *Górgias*.

80. Em 469-b.

POL. E penso certo.

SÓC. Quiçá. Tu, de tua parte, declaras felizes os criminosos, desde que não sejam punidos.

POL. Sim, perfeitamente.

SÓC. Eu, porém, declaro mais infelizes êsses e menos os que são punidos (81). Queres refutar também isso?

POL. Essa, Sócrates, é ainda mais difícil de refutar do que a outra!

SÓC. Difícil, Polo? Não; impossível. Jamais se refuta a verdade.

POL. O que dizes? Um homem é surpreendido em flagrante delito de conspiração contra o tirano; prendem-no, torturam-no, mutilam-no, queimam-lhe os olhos e, além de sofrer pessoalmente inúmeros outros maus tratos atrozes e de todo tipo, vê sofrê-los também os filhos e a mulher; por último, é crucificado, embreado e queimado; será assim mais feliz do que se, escapando, ascender à tirania e passar a vida no govêrno do Estado, fazendo o que lhe der na veneta, invejado e considerado feliz pelos cidadãos e pelos estrangeiros? Consideras impossível refutar essa proposição (82)? d

SÓC. Polo, meu nobre amigo, desta feita, em vez de me refutar, queres assustar-me com espantalhos; há pouco era com testemunhas. Seja como fôr, recorda-me um pormenor: tu disseste “em flagrante delito de conspiração contra o tirano”?

POL. Foi o que eu disse.

81. Importa, no debate, a definição precisa das posições dos contendores.

82. Nôvo surto de argumentação retórica. Documente-se a constância do caráter das personagens.



SÓC. Nesse caso, nenhum dos dois seria o mais feliz, nem o que empolgou a tirania por meios iníquos, nem o castigado; de dois desgraçados não pode haver um *mais feliz*; todavia, o mais infeliz é o que escapou e ascendeu à tirania. Que é isso, Polo? Estás rindo? É essa uma nova espécie de refutação, rir, quando a gente diz alguma coisa, em vez de argumentar (83)?

POL. Não te consideras refutado, Sócrates, quando dizes coisas tais que ninguém no mundo diria? Se não, pergunta a qualquer dos presentes.

SÓC. Polo, eu não sou um político; no ano passado, fui sorteado para o conselho; quando a prítania (84) coube à minha tribo, e a mim presidir a votação, provoquei risadas por não saber fazê-lo. Por isso, por favor, não me mandes agora colhêr os votos dos presentes; se não tens uma argumentação melhor, deixa-me argumentar em teu lugar, como propus há momentos, e experimenta a argumentação como eu penso que deve ser. Com efeito, das coisas que afirmo, eu só uma testemunha sei apresentar: meu contendor em pessoa; a multidão, eu dispenso-a; não sei colhêr o voto senão de um só (85); aos demais nem mesmo dirijo a palavra. Vê, pois, se estás disposto a ceder-me o turno da argumentação, respondendo às perguntas. Eu creio deveras que nós — eu, tu e toda gente — julgamos pior co-

83. O riso, a vaia, a assuada, eis os argumentos de petulantes que se presumem superiormente dotados e infalíveis. Na *Apologia*, 29-a, pergunta Sócrates se há ignorância mais condenável que a de supor alguém saber o que não sabe.

84. Cf. nota 22, sobre a prítania.

85. Tal é a persuasão didática, necessariamente individual.

meter a injustiça do que sofrê-la, e pior do que expiá-la, não a expiar.

POL. Mas, a meu ver, nem eu, nem ninguém mais, o admitimos. Se não, tu? a cometer uma injustiça preferirias sofrê-la?

SÓC. Eu? Sim, como tu e toda gente.

POL. Ora, ora! Nem eu, nem tu, nem ninguém mais.

SÓC. Então, não vais responder?

POL. Mas como não?! Estou até ansioso por saber o quê, afinal, vais dizer!

SÓC. Então, para o saberes, faz de conta que estou principiando a interrogar-te e dize-me, Polo, o que achas pior: praticar uma injustiça, ou sofrê-la?

POL. Sofrê-la, ora!

SÓC. E o que é mais feio? Ser autor ou ser vítima duma injustiça? Responde.

POL. Ser autor.

SÓC. Sendo mais feio, não é, então, pior?

POL. Absolutamente não.

SÓC. Compreendo. Não consideras a mesma coisa, parece, o belo e o bom, o mau e o feio (86).

POL. Não, realmente.

SÓC. Que dizes a isto? Todas as coisas belas, como objetos, côres, formas, ressonâncias, costumes, é sempre sem relação alguma que lhes atribuis a beleza? Por exemplo, comecemos pelos objetos belos; não os chamas belos tendo em vista, em cada caso, os fins a que servem, ou algum prazer, caso se delicie quem os contempla? Fora dêses pon-

86. A identidade do *belo* e do *bom* era idéia arraigada no pensamento grego; o adjetivo *kalós* significava as duas coisas. Cf. logo adiante, 474-e.

tos de vista, podes mencionar alguma outra razão da beleza dos objetos?

POL. Não posso.

SÓC. Não se dá o mesmo com tudo mais? formas côres, não as declaras belas em razão de certo prazer ou certa utilidade, ou por ambos os motivos?

POL. Sim.

SÓC. Não é assim também quanto às ressonâncias e tudo que concerne à música?

POL. Sim.

SÓC. Outrossim, no tocante às leis e costumes, sem dúvida, os que são belos não fogem a estas qualificações de úteis, agradáveis, ou ambas as coisas.

POL. Acho que não.

SÓC. À beleza da instrução sucede o mesmo, não é? 475

POL. Por sem dúvida! Agora, Sócrates, estás acertando, quando defines o belo pelo prazer e pelo bem<sup>(87)</sup>.

SÓC. Portanto, o feio será aferido pelos opostos, pela dor e pelo mal.

POL. Forçosamente.

SÓC. Quando, portanto, de duas coisas belas, uma seja a mais bela, assim é por sobrelevar num dos dois predicados referidos, ou em ambos, isto é, ou no prazer, ou na utilidade, ou nesta e naquele.

POL. Perfeitamente.

SÓC. E quando de duas coisas feias uma é mais feia, assim é por sobrelevar ou na dor, ou no dano. Ou não é forçosamente assim?

POL. É, sim.

87. Polo aqui se contradiz. Cf. 474-d.

SÓC. Adiante. Que dizíamos há pouco sobre praticar e sofrer injustiça? Não dizias que sofrê-la é pior, mas praticá-la é mais feio?

POL. Dizia.

SÓC. Então, se praticá-la é mais feio do que sofrê-la, assim é por ser mais doloroso e sobrelevar em dor, ou dano, ou ambas as coisas. Não é isso também forçoso?

POL. Como não?

SÓC. Ora, examinemos em primeiro lugar se o praticar uma injustiça sobrelevar em dor ao sofrê-la e se padecem mais os autores do que as vítimas.

POL. Isso, Sócrates, absolutamente não.

SÓC. Então, não é em dor que sobrelevar?

POL. Não, por certo.

SÓC. Se na dor não, não sobrelevaria portanto em ambos os motivos.

POL. Não, é claro.

SÓC. Resta, pois, a outra razão?

POL. Sim.

SÓC. O dano?

POL. Naturalmente.

SÓC. Ora, se praticar uma injustiça sobrelevar em dano, será pior do que sofrê-la.

POL. Claro que sim.

SÓC. É ou não é fato que anteriormente a maioria das pessoas e tu também concordáveis em que é mais feio ser o autor do que a vítima?

POL. Sim.

SÓC. E revelou-se agora pior.

POL. Aparentemente.

SÓC. Acaso, entre o mais e o menos danoso e feio, preferirias o primeiro? Não hesites em responder, Polo; não te fará dano algum. Ao contrário, con-

fia-te bravamente à razão como a um médico e responde sim ou não à minha pergunta.

POL. Bem, Sócrates; eu não preferiria.

SÓC. Alguém no mundo o faria?

POL. Não creio, a pensar assim.

SÓC. Portanto, eu dizia a verdade: nem eu, nem tu, nem qualquer outra pessoa preferiríamos cometer injustiça a sofrê-la, por ser mais danoso.

POL. Assim parece.

SÓC. Ora, estás vendo, Polo, que, postas lado a lado, as duas espécies de argumentação em nada se parecem; contigo concorda toda gente, menos eu; a mim basta apenas a tua concordância e testemunho; eu colho apenas o teu voto e dispenso os demais. Quanto a esse ponto, fiquemos por aí. Passemos, agora, ao exame da segunda divergência nossa, isto é, se pagar o culpado a sua pena é o maior dos males, segundo pensavas, ou maior é não pagá-la, como pensava eu. Examinemo-lo desta forma; expiar a culpa e sofrer castigo justo achas que é a mesma coisa?

POL. Sim.

SÓC. Podes negar que tudo quanto é justo é belo na medida em que é justo? Pensa bem antes de responder?

POL. Bem, Sócrates; penso que é.

SÓC. Reflete também sobre isto. Quando alguém atua, há de, por força, haver algo que sofra a sua ação?

POL. Penso que sim.

SÓC. Sofre — não é? — o que o agente faz, tal qual ele o faz. Quero dizer o seguinte: se alguém bate, necessariamente alguma coisa é batida.

POL. Necessariamente.

SÓC. Se ele bate com força ou com rapidez, é com força ou rapidez que a coisa batida recebe a pancada?

POL. Sim.

SÓC. Logo, o que a coisa batida sofre é tal qual o golpe vibrado?

POL. Perfeitamente.

SÓC. Se alguém queima — não é? — por força alguma coisa é queimada.

POL. Como não?

SÓC. E se queima forte e doloridamente, por força a coisa queimada se queima tal como queima o instrumento queimante?

POL. Perfeitamente.

SÓC. Se alguém corta, o raciocínio é o mesmo; não é verdade? Alguma coisa é cortada.

POL. Sim.

SÓC. E, se o corte é grande, profundo ou dolorido, o objeto cortado recebe um corte tal qual o instrumento cortante produz?

POL. Evidentemente.

SÓC. Em síntese, vê se admites, como eu dizia há pouco, num sentido geral, que o objeto de uma ação a sofre tal qual o agente a produz.

POL. Admito, pois não.

SÓC. Admitido esse ponto, ser punido é sofrer uma ação, ou é praticá-la?

POL. Evidentemente, Sócrates, é sofrê-la.

SÓC. Da parte de alguém, não é assim?

POL. Como não? Da parte de quem pune.

SÓC. E quem pune com acerto tem o direito de punir?

POL. Sim.

SÓC. Procede com justiça, ou não?

POL. Com justiça.  
SÓC. Logo, o punido, recebendo o castigo, sofre coisa justa.  
POL. Parece que sim.  
SÓC. É ponto pacífico, sem dúvida, ser belo o que é justo?  
POL. Perfeitamente.  
SÓC. É belo, pois, o que um deles faz e o outro, que está sendo punido, sofre.  
POL. Sim.  
SÓC. Se é belo, é igualmente bom, não é? Ou por ser agradável, ou por ser proveitoso. 477  
POL. Necessariamente.  
SÓC. Por conseguinte, quem expia a culpa sofre algo bom.  
POL. Aparentemente.  
SÓC. Colhe proveito, não é?  
POL. Sim.  
SÓC. Acaso o proveito que eu imagino? A alma melhora, se punida justamente?  
POL. É provável.  
SÓC. Quem expia a culpa livra-se do mal de sua alma, não é mesmo?  
POL. Sim.  
SÓC. Livra-se, portanto, do maior dos males? Reflete assim: tratando-se de economia, enxergas outro mal que não a pobreza?  
POL. Não, apenas a pobreza. b  
SÓC. E na constituição do corpo? Dirias serem males a fraqueza, a doença, a feiúra e congêneres?  
POL. Diria.  
SÓC. Existe, a teu ver, também alguma ruindade da alma?  
POL. Como não?

SÓC. Dás a essa os nomes de injustiça, ignorância, covardia e congêneres?  
POL. Perfeitamente.  
SÓC. Na economia, no corpo e na alma — três coisas distintas — distinguiste três sortes de ruindade: a pobreza, a doença e a injustiça; não é? c  
POL. Sim.  
SÓC. Dessas ruindades, qual a mais feia? Não é a injustiça e, de modo geral, a ruindade da alma?  
POL. Sim, muito.  
SÓC. Se é a mais feia, é também a pior?  
POL. Que queres dizer, Sócrates?  
SÓC. Isto: sempre a causa do efeito mais feio — uma grande dor, um dano, ou ambas as coisas — é a mais feia, de acôrdo com as admissões passadas.  
POL. Exatamente.  
SÓC. Admitimos há pouco que a fealdade extrema é a injustiça e tôda ruindade da alma em geral? d  
POL. Sim, admitimos.  
SÓC. Ela é o mais penoso e o mais feio dos males, por sobrelevar em sofrimento, em dano, ou nas duas coisas. Não é verdade?  
POL. Necessariamente.  
SÓC. Ser injusto, intemperante, covarde e ignorante é, então, mais doloroso do que ser pobre e doente?  
POL. Não me parece, Sócrates; pelo menos, não se infere daí.  
SÓC. Então, é por superar tudo mais nalguma propriedade prodigiosa, qual seja um dano enorme ou um mal espantoso, que a ruindade da alma é o cúmulo da fealdade, já que não é, segundo entendes, no sofrimento. e  
POL. Assim parece.

SOC. Ora, certamente, o que se sobreleva em razão do dano enorme tem de ser o máximo dos males.

POL. Sim.

SÓC. Portanto, a injustiça, a intemperança e as mais ruindades da alma constituem o máximo dos males.

POL. Parece.

SÓC. Que arte nos forra à pobreza? Não é a financeira?

POL. Sim.

SÓC. E à doença? Não é a medicina?

POL. Forçosamente.

SÓC. E à ruindade e injustiça? Se essa formulação te embaraça, examina esta outra: aonde e a quem levamos as pessoas doentes do corpo? 478

POL. Aos médicos, Sócrates.

SÓC. E aonde os injustos e estróinas?

POL. Queres dizer, aos juízes?

SÓC. Sim, para sofrerem a pena, não é assim?

POL. É.

SÓC. Para punir com acêrto não se emprega, na punição, certa justiça?

POL. É claro.

SÓC. Portanto, a arte financeira forra-nos à pobreza; a medicina, à doença, e a justiça, à estroinice e injustiça. b

POL. Assim parece.

SÓC. E qual delas é a mais bela?

POL. A que te referes?

SÓC. As finanças, à medicina, à justiça.

POL. A justiça, Sócrates, sobrepuja muito.

SÓC. Sendo a mais bela, ela produz mais prazer, ou mais proveito, ou ambas as coisas, não é verdade?

POL. Sim.

SÓC. Então, ser medicado é um prazer e deleita-se quem está em tratamento?

POL. Parece-me que não.

SÓC. Mas é proveitoso. Não é?

POL. Sim. c

SÓC. Porque a gente se livra de um grande mal e, por isso, há vantagem em suportar a dor e sarar.

POL. Como não?

SÓC. No tocante ao corpo, o mais feliz é quem recebe tratamento, ou quem jamais sequer adoeceu?

POL. Quem jamais sequer adoeceu, é claro.

SÓC. Porque a felicidade, parece, não consiste em livrar-se do mal, e sim em jamais o ter sequer adquirido.

POL. Assim é.

SÓC. Que mais? De dois doentes, seja do corpo, seja da alma, qual o mais infeliz? quem se trata e cura do mal, ou quem não se trata e o conserva? d

POL. Evidentemente, quem não se trata.

SÓC. Não é verdade que a expiação da falta seria a libertação do maior mal, a ruindade?

POL. Seria, pois não.

SÓC. Porque, decerto, a punição, que nos disciplina e torna mais justos, é a medicina da ruindade?

POL. Sim.

SÓC. Mas o mais feliz é quem não tem ruindade na alma, pois êsse, ficou provado, é o maior dos males. e

POL. É claro.

SÓC. Em segundo lugar vem, decerto, quem dela foi libertado.

POL. Naturalmente.

SÓC. Esse seria quem, advertido, repreendido, expiasse a culpa?

POL. Sim.

SÓC. E a pior vida é a de quem conserva a injustiça, em vez de libertar-se?

POL. Evidentemente.

SÓC. Ora, tal não é precisamente o caso de quem, autor dos mais horrendos crimes, levando a vida mais criminosa, vira, mexe e escapa às advertências, castigos e expiações, como tu afirmas terem conseguido Arquelau e, em geral, os tiranos, oradores e potentados? 479

POL. Assim parece.

SÓC. Êsses, excelente amigo, por assim dizer, alcançaram o mesmo resultado de quem, minado das doenças mais daninhas, se furtasse a pagar aos médicos a pena de suas faltas quanto ao corpo e não se tratasse, com mêdo pueril dos cautérios e lancêtas, porque doem. Ou não te parece assim? b

POL. Parece.

SÓC. Por ignorar, sem dúvida, como é bom ter saúde e uma boa compleição. Segundo os pontos de vista admitidos, Polo, êles se abeiram do procedimento de quem se esquivava à expiação, isto é, vêem nela o que há de doloroso, mas fecham os olhos ao que há de útil, ignoram quão maior do que a desventura de conviver com um corpo malsão é a de conviver com uma alma doentia, corrupta, injusta e impura. Por isso, tudo fazem para não se livrar do maior dos males pela expiação da culpa; provêem-se de riquezas, rodeiam-se de amigos e adquirem, no maior grau possível, o dom de persuadir pela palavra. Se estão certos os princípios que admitimos, Polo, percebes as decorrências? Ou queres que as deduzamos juntos? c

POL. Como quiseres.

SÓC. Segue-se, então, que o maior mal é a injustiça e sua prática?

POL. Sim, aparentemente.

SÓC. Doutro lado, ficou claro que na expiação consiste a libertação dêsse mal? d

POL. É possível.

SÓC. E não expiá-lo é permanecer nêle?

POL. Sim.

SÓC. Em vulto, portanto, cometer injustiça é o segundo dos males; o maior e o primeiro de todos é não expiar o culpado sua culpa.

POL. Assim parece.

SÓC. Mas, meu amigo, não era nisso que discorávamos? Tu consideravas feliz Arquelau por praticar os maiores crimes sem sofrer nenhuma pena; ao meu ver, ao contrário, há de se infeliz acima de todos os demais homens Arquelau, ou qualquer outra pessoa que não expie os crimes cometidos, sendo sempre mais infeliz o autor da injustiça do que a vítima, mais quem permanece impune e menos quem expia. Não era isso o que dizia eu? e

POL. Era.

SÓC. E não ficou provado que dizia a verdade?

POL. Parece.

SÓC. Ora, bem; se essa é a verdade, Polo, qual o grande préstimo da oratória? Com efeito, segundo temos reconhecido, uma pessoa deve guardar-se o mais possível de cometer uma injustiça, certa de que seria já um grande mal. Não é? 480

POL. Perfeitamente.

SÓC. Caso, porém, venha a delinquir ela própria, ou algum dos entes queridos, deve ir de moto próprio aonde expie a falta quanto antes, saindo em

b  
busca de um juiz como de um médico, pressuro-  
samente, para evitar que, inveterando-se, a doença da  
injustiça se recolha, deixando a alma incurável. A  
não abandonarmos os princípios admitidos, que outra  
coisa havemos de dizer? Não é necessariamente es-  
sa, apenas essa, a conclusão concordante com êles?  
POL. De fato, Sócrates, o que dizer?

SÓC. Portanto, para advogar a causa duma in-  
justiça nossa, dos pais, dos amigos, dos filhos, ou  
da pátria, caso pratique alguma, de nada nos serve  
a oratória, Polo; serviria, se, ao contrário, supusés-  
semos preciso acusar, antes de tudo, a nós mes-  
mos, depois, a quem, dentre os familiares ou ami-  
gos, cometesse algum dia uma injustiça; em lugar  
de ocultá-la, vir a público confessar a falta, a fim de  
expiá-la e sarar; obrigar a nós mesmos e os ou-  
tros, em vez de nos acovardarmos, como que a en-  
tregar-nos, de olhos fechados e virilmente, a um  
médico que lancetasse e cauterizasse; a buscar o  
bom e o belo, sem fazer conta da dor; se à falta co-  
metida se cominasse castigo corporal, oferecer-nos  
a recebê-lo; se cadeia, a ser presos; se multa, a  
pagá-la; se exílio, a partir; se morte, a morrer; ser  
os primeiros a acusar-nos a nós próprios e aos fami-  
liares, recorrendo à oratória apenas para o fim de,  
evidenciadas as faltas, libertar-nos do maior dos ma-  
les, a injustiça. Diremos isso, Polo, ou não diremos?  
POL. Parece-me absurdo, Sócrates, mas talvez  
tenhas de admiti-lo em vista dos princípios assen-  
tados (88).

SÓC. Portanto, ou os anulamos, ou a conclusão  
necessária será essa?

POL. Realmente assim é.

88. Cálicles se lembrará destas palavras em 513-c.

SÓC. Adotar, porém, o procedimento oposto,  
quando houvermos de fazer mal a alguém, a um ini-  
migo ou a quem quer que seja, desde que não se-  
jamos nós mesmos vítimas do inimigo, pois disso  
cumpre nos acautelarmos; se, porém, o inimigo agra-  
var a um terceiro, impende tomar tôdas as pro-  
vidências, agindo e falando, para que êle não ex-  
pie a falta e não compareça na pretoria; caso com-  
pareça, dar um jeito de o inimigo sair impune e  
não expiar a falta; se êle tiver roubado grande  
quantidade de ouro, de não a restituir, mas con-  
servá-la e gastá-la consigo e com sua família, de  
maneira iníqua e ímpia; se a falta fôr punível pela  
morte, de êle não morrer, preferivelmente nunca,  
permanecendo imortal em sua maldade, ou, então,  
de viver tal qual é o mais longamente possível.  
Para êsses fins, Polo, se me afigura útil a ora-  
tória, pois para quem não tenciona cometer injus-  
tiça não me parece de grande utilidade, se tem de-  
veras alguma, pois de modo nenhum se verificou,  
nos debates, que a tivesse.

CÁLICLES. Dize-me uma coisa, Querefonte; Só-  
crates está falando sério ou gracejando?

QUE. Parece-me, Cálicles, que êle está falan-  
do sério a mais não poder; todavia, nada como  
perguntar a êle próprio (89).

CÁL. Pelos deuses, estou ardendo por fazê-lo.  
Sócrates, dize-me: devemos supor que estás agora  
falando sério, ou gracejando (90)? Se estás falan-  
do sério e vem a ser verdade o que dizes, a nossa  
vida, a vida da Humanidade, só pode estar pelo

89. Cf. nota 5.

90. Veja-se a retribuição desta pergunta em 495-c.

avêso e aparentemente fazemos tudo ao contrário do que devemos!

SÓC. Ó Cálicles, se não experimentássemos sentimentos idênticos apesar da diversidade e cada qual tivesse estados de alma particulares, que não os de toda gente, não seria fácil a um fazer outro compreender as suas emoções. Leva-me a dizer isso a reflexão de que passamos ambos pelo mesmo estado de alma, apaixonado cada um de nós por dois sêres; eu por Alcibíades, filho de Clínias, e pela Filosofia; tu, por *demo* <sup>(91)</sup>, o povo ateniense, e por Demo, o filho de Pirilampes. Segundo noto, quando teus entes amados dizem o que uma coisa é e como é, embora talentoso, tu, incapaz de contradizê-los, mudas sempre da água para o vinho; na assembléia, se o *demo* dos atenienses entender que não é como tu dizes em teu discurso, mudas de parecer e dizes o que êle quer <sup>(92)</sup>; diante daquele belo rapaz, o filho de Pirilampes, dá-se contigo a mesma coisa. As palavras e vontades dos entes

91. A diferença dos entes amados é que determina diferentes atitudes nos amantes, a despeito de experimentarem o mesmo sentimento. *Demo* é como se diz em grego povo; daí os derivados *democracia*, *demagogia*, *epidemia* etc.

92. Nenhum milagre explica o fácil triunfo dos demagogos; nem é secreta a sua receita. Cada um está propenso a crer em quem lhe afaga os sonhos; basta, por isso, dizer ao povo o que êle quer ouvir, corresponda ou não corresponda à verdade. Era assim ao tempo de Cálicles; não é diferente agora. Por isso ignorante é quem acusa os Cálicles de hoje de não cumprir as promessas mirabolantes; é apenas a moeda falsa com que êles compram o sufrágio leviano da maioria ignorante; nem por outra razão propugnam tantos dêles o voto dos analfabetos. Pena é que não leiamos com mais atenção e assiduidade o legado literário da Grécia e de Roma; quantos maus passos teríamos evitado! Mas ainda é tempo de evitar outros. Ou gostamos de viver tropeçando nas mesmas pedras?

amados, não és capaz de contrariá-las! assim, se alguém estranhasse, cada vez, as incoerências em que incidês por amor dêles quando discursas, talvez lhe respondesses, querendo falar verdade, que, a menos que alguém coíba os teus amôres de expressar tais idéias, nunca cessarás tu tampouco de expressá-las. Compreende, pois, que terás de ouvir de mim a mesma confissão e, em lugar de estranhares minhas palavras, impede a Filosofia, minha amada, de expressá-las. Porque ela, meu caro amigo, repete, constante, o que ouves agora de mim e é muito menos leviana do que minha outra paixão; o filho de Clínias <sup>(93)</sup>, com efeito, ora diz uma coisa, ora outra, mas a Filosofia repete sempre o mesmo; ela diz o que estás estranhando agora, sem embargo de teres estado presente quando foi enunciado. A ela, pois, como acabo de dizer, debes refutar, provando que praticar uma injustiça e, tendo-a praticado, não expiar a falta não é o derradeiro dos males <sup>(94)</sup>; se deixares, porém, essa afirmação de pé — pelo Cão, divindade egípcia! — Cálicles não concordará contigo, ó Cálicles,

93. Sobrinho e pupilo de Péricles, Alcibíades tinha em sumo grau, segundo Cornélio Nepos, tôdas as virtudes e todos os vícios. Chefiando o partido da guerra, contra Nícias, que dirigia o da paz, aconselhou os atenienses a invadir a Sicília; assegura Plutarco que êle sonhava com a conquista ulterior de Cartago, da Líbia, da Itália e do Peloponeso, ambição compartilhada pela juventude de Atenas. Encarregado, com Nícias e Lâmaco, do comando da invasão, ameaçado, porém, de processo por impiedade, desertou o pôsto e foi pôr-se à disposição de Esparta. Traiu sucessivamente os atenienses aos espartanos e êstes àqueles. Por último, refugiado na Ásia Menor, foi ali assassinado.

94. As noções platônicas de injustiça e expiação, como se pode ver, estão bem próximas dos conceitos cristãos de pecado e penitência.



mas discordará a vida inteira. Por mim, meu caro, pode-se desafinar e destoar a minha lira, ou um côro que eu dirigisse; pode discordar de mim e contradizer-me a maioria das pessoas; antes isso do que eu, que sou um só, não me afinar comigo mesmo e contradizer-me.

**CAL.** Sócrates, tu me pareces travessear com as palavras, como um autêntico tribuno popular; e se assim arengas agora é por ter Polo caído no mesmo lôgro em que acusa a Górgias de ter caído diante de ti. Ele parece-me ter dito que, quando perguntaste a Górgias se, procurado por uma pessoa desejosa de aprender a oratória, que não tivesse aprendido a justiça antes, ele lhe ensinaria esta, Górgias respondeu que sim por acanhamento, mercê do sentimento habitual das pessoas, que se revoltariam ouvindo uma negativa; por fôrça dessa concessão, fôra obrigado a contradizer-se, coisa que te delicia. E Polo ria-se de ti, a meu ver, com bons motivos. Agora, porém, ele caiu por sua vez no mesmo lôgro, e o que precisamente lhe reprocho é ter-te concedido ser mais feio praticar uma injustiça do que sofrê-la; peado por ti em consequência dessa concessão, com efeito, deixou-se bridar nos argumentos<sup>(95)</sup>, com vergonha de dizer sua opinião. <sup>na verdade,</sup> Porque, Socrates, a pretexto de procurar a verdade, levas a discussão a proposições capciosas de tribuno popular, das que são belas, não, graças à sua natureza, e sim por efeito da lei. Estas — a natureza e a lei — as mais das vêzes se opõem mutuamente<sup>(96)</sup>; quan-

95. Cf. nota 51.

96. A distinção que opõe a lei e a natureza é argumento corrente entre os sofistas, desde Hípias de Elis. (V. Xenofonte, *Memórias*, IV, 4, 5 e seguintes.)

do, pois, alguém, por acanhamento, não ousa dizer o seu pensamento, tem de, à fôrça, dizer o contrário. Tu aprendeste êsse artil e trapaceias o debate, reperguntando em têrmos de natureza quando se responde em têrmos de lei, e em têrmos de lei quando se responde em têrmos de natureza. Assim foi há pouco, na questão de praticar ou sofrer injustiça; quando Polo se referia ao mais vergonhoso no sentido legal, tu acossavas a lei com o sentido da natureza. De fato, perante a natureza, é sempre mais vergonhosa a alternativa pior, isto é, sofrer a injustiça; perante a lei, é cometê-la<sup>(97)</sup>. Com efeito, isso de sofrer injustiça nem é próprio de homem, senão de algum escravo, para quem melhor é morrer do que viver, incapaz de valer a si mesmo ou a outrem de sua estima, quando injustiçado e ultrajado. A lei, a meu ver, quem a cria são os homens fracos, a maioria. É em vista de si mesmos e de suas próprias conveniências que êles criam as leis, formulam os louvores e os vitupérios; como temem aos homens mais robustos e capazes de pravelecer sôbre êles, para não serem sobrepujados, declaram vergonhoso e iníquo prevalecer e que a injustiça consiste nisso, em procurar avantajarse aos outros; é uma satisfação para êles, creio eu, inferiores que são, acharem-se no mesmo nível<sup>(98)</sup>. Por isso a lei declara iníquo e vergonhoso o tentame de pravelecer à maioria e chamam a isso praticar injustiça; mas a própria na-

97. Veja-se em 489-b a conclusão oposta ao sofisma com que espera Cálicles coonestar seu cinismo declarado.

98. O super-homem não é fauna recente, do século XX. Ao tempo dos trogloditas, quando impunha seu mando na caverna o braço que melhor brandisse a moca, ele já bufava arrogante, mesmo sem o apoio de filosofias baratas.

tureza, a meu ver, demonstra, de outro lado, que é justo prevaleça o melhor sobre o pior, quem pode mais, sobre quem pode menos. Ela aponta em inúmeros exemplos, assim entre os outros viventes, com<sup>o</sup> em inteiras cidades e nações de seres humanos; o direito está assim assentado: que o melhor mande no pior e sobre ele prevaleça. Se não, com que direito Xerxes marchou contra a Grécia ou o seu pai contra a Cítia, ou o infinito número de casos semelhantes que se poderiam citar? Ora, segundo penso, homens como aquêles procedem de acôrdo com a natureza do justo e, por Zeus!, segundo a lei da natureza, embora talvez contra essa por nós estabelecida; os melhores e mais robustos dentre nós, nós os apanhamos quando pequeninos, como leônulos, para amoldá-los; escravizamo-los com amavios e feitiços, inculcando-lhes que cumpre manter a igualdade, porque nela consiste a beleza e a justiça. Nasça, porém, um homem de índole assaz forte e êle, no meu entender, há de sacudir de si e romper tôdas essas injunções, safar-se delas, calcar aos pés nossos escritos, sortilégios, encantamentos e mais leis contrárias à natureza, pôr-se de pé e, de servo que era, assomar como nosso amo; brilhará, então, esplendoroso, o direito da natureza. <sup>√</sup>Nesse sentido, parece-me, se manifestou Píndaro (<sup>99</sup>) na ode em que diz

99. Perdeu-se o original da citação. Do tebanos Píndaro, nascido cêrca de 522 e morto em 442 a. C., salvaram-se 45 epinícios compostos para a celebração de triunfos nos jogos olímpicos, píticos, ístmicos e nemeus. Gozavam de prestígio suas máximas religiosas e morais, citadas amiúde. Alude-se aqui à décima façanha de Hércules, o roubo das vacas de Gerião, ou Geriones, monstro de três corpos, guardadas pelo gigante Euritião e pelo rafeiro Ortro, de duas cabeças.

*a lei, rainha universal  
de mortais e imortais;*

ela, diz êle.

*o mando legitima da violência,  
com seu braço potente;  
isso me provam de Hércules as lidas,  
porque ... sem as ter pago...*

é mais ou menos isso; não sei de cor a ode; mas, segundo êle diz, Hércules tangeu as vacas sem comprá-las e sem que Gerião lhas tivesse dado, porque tal era o direito da natureza; as vacas e, em geral, os bens dos mais fracos e covardes pertencem aos mais fortes e bravos (<sup>100</sup>). Essa é a verdade e reconhecê-la-ás, se deixares a Filosofia em busca de valores mais altos. Abordada com moderação na idade própria, Sócrates, a Filosofia tem os seus encantos; quando, porém, nos demoramos nela além do conveniente, é a nossa ruína. Mesmo uma pessoa bem dotada por natureza, se praticar a Filosofia além da idade, não pode senão carecer de quantos conhecimentos são necessários a quem pretende ser um homem de escol e bom conceito. Os filósofos, com efeito, não têm noção das leis que regem o Estado, nem da linguagem que devemos empregar ao falar com as pessoas nos negócios particulares e públicos, nem dos prazeres e paixões humanas; em suma, não adquirem a mínima expe-

100. Como entre os cães da rua; o osso é do mastim mais forçado.

riência da vida (101). Por isso, quando intervêm nalguma ação privada ou pública, caem no ridículo, tal como, suponho, caem no ridículo os políticos, quando, por sua vez intervêm nas conversas e disputas de vós outros. É o caso de citar Eurípidés (102): cada qual brilha, cada qual se açoda e

*emprega a maior parte de seu dia  
no ramo em que a si mesmo sobrepuja;* 485

do ramo onde é medíocre foge, desmerecendo-o e louvando o outro, por amor próprio, na crença de estar dessa maneira enaltecendo a si mesmo. Contudo, penso, o mais acertado é participar de um e outro; da Filososia é belo ocupar-se na medida em que serve à educação, e não é desairoso cultivá-la na adolescência; mas, quando uma pessoa continua filosofando na idade adulta, Sócrates, a coisa se tor-

101. "E, quando um bom em tudo é justo e santo,  
Em negócios do mundo pouco acerta,  
Que mal com ele poderá ter conta  
A quieta inocência, em só Deus pronta."

*Lusiadas, VIII, 55.*

102. A tragédia aqui citada não chegou até nós. Contava a estória de Antiope. Amada de Zeus, ela deu à luz os gêmeos Anfion e Zeto, no monte Citerão. Levada para Tebas, sofreu tratos que lhe infligia a rainha Dirce. Os filhos cresceram na floresta, criados por um pastor; Anfion dedicava-se à música; Zeto, à caça e ao pastoreio. Eram já moços, quando Antiope fugiu. Dirce alcançou-a e estava para atá-la a um touro bravo, quando surgiram os gêmeos, salvaram a mãe e ataram a rainha ao touro em seu lugar. Em seguida, apoderaram-se de Tebas. Amuralhando a cidade, Zeto empregava sua robustez; a Anfion, porém, as pedras seguiam de per si, em pós da música. Numa cena da tragédia, os irmãos travam um debate sobre os méritos da força física e os da arte. Cálicles parafraseia a fala de Zeto.

na ridícula; a impressão que tenho dos filósofos é exatamente a de crianças balbuciando e brincando. Quando vejo balbuciar e brincar um garoto, a quem ainda fica bem falar dessa maneira, gosto, acho gracioso e próprio, naquela idade, de gente livre; já quando ouço um garoto falar com desembaraço, a coisa me parece antipática, magoa-me os ouvidos, afigura-se algo de servil. Quando a gente ouve balbuciar ou vê brincar um homem feito, seus modos se apresentam ridículos, impróprios de homem, caso de sentar a vara. Causam-me o mesmo efeito os praticantes da Filosofia. Quando vejo a Filosofia num môço na flor da idade, gosto, parece-me próprio e imagino que essa pessoa é um homem livre, ao passo que o jovem que a não pratica, é servil, incapaz de aspirar algum dia a algum ideal nobre e belo; quando, porém, vejo um adulto ainda metido a filosofar sem fim, acho êsse indivíduo, Sócrates, merecedor duma sova. Como eu dizia há pouco, o destino de tal homem, não importa quão bem dotado por natureza, é desvirilizar-se, fugir ao ambiente da cidade e às praças, onde, segundo o poeta, "os homens ganham lustre" (103), viver o resto da vida apagado, a cochichar pelos cantos na companhia de três ou quatro rapazelhos, sem jamais proferir uma palavra livre, grande, de pêso. Tu, Sócrates, me inspiras afetuosa simpatia; neste momento, quiçá esteja experimentando os sentimentos de Zeto para com Anfion, de Eurípidés, que citei. Estou inclinado a dirigir a ti as palavras dêle ao irmão: "Tu descuidas, Sócrates, aquilo de que deves cuidar; disfarças com uma aparência infantil uma natureza de alma tão nobre; não serias capaz de dar uma opi-

103. *Ilíada, IX, 141.*

486 não correta num conselho de justiça, nem de dizer alto e bom som um argumento aceitável e persuasivo, nem de tomar uma decisão varonil em defesa de outrem.” Todavia, meu caro Sócrates — e não te vás agastar comigo; falo porque te quero bem — não achas desairoso corresponder à idéia que formo de ti e dos outros que vida em fora não cessam de praticar a Filosofia? Suponhamos fôsses prêso tu, ou algum outro dos teus iguais, e conduzido à prisão, sob acusação de delito de que estivesse inocente; não terias, bem sabes, ao que te agarrar; ourado e boquiaberto, sem saber o que dizer, serias levado perante o tribunal e, mesmo deparando um acusador de todo em todo medíocre e ruim, virias a morrer, caso êle entendesse de pedir a tua cabeça. Ora, Sócrates, onde a sabedoria “duma arte que apanha um homem bem dotado e o míngua”, deixando-o incapaz de valer a si mesmo ou de salvar dos maiores perigos a sua pessoa ou a de outrem, pronto para se deixar despojar pelos inimigos de todos os seus haveres e viver na mais completa degradação em sua cidade (104)? Tal indivíduo — desculpa-me a rudeza da expressão — a gente pode esbofetear impunemente. Portanto, caro amigo, dá-me ouvidos, “pára de arguciar, devota-te a uma cultura de sentido prático”, aparelha-te a parecer sisudo, “deixa a outros essas agudezas” — lérias, frioleiras ou que nome tenham — “que te reduzirão a morar numa casa vazia”; não imites quem discute essas minigâncias, mas quem granjeou meios de vida, prestígio e outros incontáveis proveitos.

104. A *atimia*, perda parcial ou total dos direitos de cidadão, punia os crimes contra o Estado.

SÓC. Se, por ventura, eu tivesse uma alma de ouro, Cálicles, folgaria de achar uma das tais pedras de toque, a melhor delas; eu chegaria a ela a minha alma e, se ela concordasse que esta fôra bem cuidada, eu teria certeza de que é bom o meu estado, sem precisar de outra aferição. Não achas?

CÁL. A que vem essa pergunta, Sócrates?

SÓC. Eu me explico. Agora que me encontrei contigo, penso ter deparado uma pechincha como aquela.

CÁL. Sim? Por quê?

SÓC. Duma coisa estou certo; opiniões de minha alma, com que tu concordares, já daí serão a pura verdade (105). Segundo penso, para comprovar cabalmente, como pedra de toque, se uma alma vive ou não como deve, requerem-se três predicados e tu os possuis todos: o saber, a estima e a franqueza. Ora, eu tenho encontrado inúmeras pessoas incapazes de me pôr a prova, por não serem sábias como és; outras, embora sábias, não se dispõem a dizer-me a verdade, por não me estimarem como tu; já êsses dois estrangeiros, Górgias e Polo, são sábios e amigos meus, porém carecidos de franqueza e acanhados além da conta (106). Como não? Seu acanhamento é tamanho que, por sua causa, cada um dêles se resigna a cair em contradição diante de tanta gente, e isso em matéria da máxima relevância! Tu, porém, possuis todos os atributos que em geral falecem; recebeste instrução primorosa, como atestaria a maior parte dos atenienses, e queres-me bem. O que me dá a certeza? Vou dizê-lo. Eu

105. Ironia.

106. Opinião expressa por Cálicles.

sei, Cálicles, que éreis quatro associados na aquisição do saber: tu, Tisandro de Afidna, Andrão, filho de Androcião, e Nausícles de Colargos<sup>(107)</sup>; eu vos estava ouvindo, certa feita, quando deliberáveis até que ponto vos devíeis aplicar ao estudo e sei qual opinião prevaleceu entre vós; foi a de não ansiardes pelo aprofundamento na Filosofia; mutuamente vos exortáveis, ao contrário, a cautela para não vos deitardes a perder, sem disso vos dar conta, pela aquisição de sabedoria demasiada. Como, pois, ouço de ti o mesmo conselho que davas aos teus mais caros amigos, vejo nisso uma prova suficiente de real simpatia tua para comigo. Quanto a seres capaz de falar com franqueza e despacho, tu mesmo o declaras e tuas palavras de há pouco o confirmam. Eis, pois, uma norma a aplicar no presente debate, sem dúvida; quando concordares com algum de meus pontos de vista, dá-lo-emos, eu e tu, por suficientemente provado e será escusado sujeitá-lo de novo a prova. Isso porque jamais assentirias por falta de saber, ou excessivo acanhamento, nem o farias apenas para ludibriar-me, pois és meu amigo, como tu próprio asseveras. Assim, tua concordância comigo significará efetivamente têrmos alcançado a verdade<sup>(108)</sup>. A mais bela das pesquisas, Cálicles, é a dos objetivos que me censuraste; que quali-

107. De Tisandro é esta a única referência. Nausícles fabricava farinha, possuía escravos e considerável criação de gado suíno e vacum (Xenofonte, *Memórias*, II, 7, 6). Andrão é mencionado também em *Protágoras*, 315-c. Demóstenes, no discurso *Contra Androcião*, acusa-o de ter-se evadido, quando preso por dívida para com o erário.

108. Ironia evidente, que fere a persuasão retórica; o acórdio de dois disputantes não é prova suficiente de verdade nenhuma.

dades deve ter um homem? a que ocupações entregar-se e até que ponto, na idade madura e na sociedade? Eu, se estou adotando em minha vida alguma prática incorreta, podes estar certo, não erro por querer, mas por ignorância; tu, pois, não desistas de corrigir-me, como começaste; mostra-me de modo cabal o alvo a que devo aspirar e o modo de atingi-lo; se, logrado agora o meu assentimento, me surpreenderes, depois, agindo em desarmonia com essa concordância, considera-me um consumado patife e não mais me corrijas, como um indigno calhorda. Recapitula-me, por favor, em que consiste o direito segundo a natureza, qual o entendes tu com Píndaro. Que o mais forte arrebate à força os bens dos mais fracos? que o melhor mande nos piores e o superior prevaleça sobre os inferiores? Tens outra concepção do direito, ou estou bem lembrado?

CÁL. Sim; era isso o que eu dizia e agora o confirmo.

SÓC. Acaso, para ti, *melhor* e *mais forte* significam a mesma coisa? Isso também não pude compreender quando o dizias. Acaso chamas *mais fortes* os mais brutos e devem os mais franzinos sempre obedecer aos mais brutos? Parece-me ser o que então estavas explicando; as cidades grandes tinham, segundo a natureza, o direito de atacar as pequenas, por serem mais fortes e brutas, dada a equivalência de *mais forte*, *mais bruto* e *melhor*. Ou é possível ser *melhor*, porém mais fraco e franzino, ser *mais forte*, porém, mais maldoso? Ou os sentidos de *melhor* e *mais forte* se confundem? Define-me com clareza o valor dêsses têrmos: é o mesmo ou é diverso o sentido de *mais forte*, *melhor* e *mais bruto*?

CÁL. Bem, eu te digo claramente que o sentido é o mesmo.

SÓC. Segundo a natureza — não é verdade? — a maioria é *mais forte* que um isolado. Ela, de fato, impõe a lei ao isolado, como tu próprio dizias há pouco.

CÁL. Como não?

SÓC. Portanto, os preceitos da maioria são os dos *mais fortes*.

CÁL. Perfeitamente.

SÓC. Logo, dos *melhores*, não é? Visto os *mais fortes* serem os melhores, como lá entendes. e

CÁL. Sim.

SÓC. Daí, sendo eles os *mais fortes*, os seus preceitos são belos segundo a natureza?

CÁL. Admito.

SÓC. Mas não é verdade que, como dizias tu há pouco, na opinião da maioria, a justiça consiste na igualdade e é mais desairoso ser autor do que vítima de injustiça? É assim, não é? Cuidado, não te vás deixar também prender a esta altura por algum acanhamento. A maioria pensa, ou não, que a justiça consiste na igualdade e não na prevalência e é mais desairoso ser autor do que vítima de injustiça? Não te negues a responder-me isso, Cálicles, a fim de, caso concordares comigo, eu me sentir fortalecido em minhas convicções, confirmadas por uma pessoa que sabe discernir. 489

CÁL. Bem, assim pensa a maioria.

SÓC. Logo, não é só segundo a lei que é mais desairoso ser autor do que vítima de injustiça e que a justiça consiste na igualdade, mas também segundo a natureza; daí talvez tenhas cometido um engano nas respostas anteriores e censurado a mim b

sem razão, ao alegares que se contradizem a lei e a natureza e eu, sabendo disso, trapaceio com os argumentos, reportando-me à lei, quando alguém fala em termos de natureza, e à natureza, quando falam em termos de lei.

CÁL. Esse homem não quer parar de dizer frioleiras! Dize-me, Sócrates, não tens vergonha de, nessa idade, dar caça às palavras para tirar partido quando alguém se equivoca numa expressão? *Pensas que faço diferença entre mais fortes e melhores?* Não te venho dizendo há muito que entendo serem a mesma coisa *melhor* e *mais forte*? Ou supões que, no meu entender, quando se apinha uma choldra de escravos e indivíduos de toda laia, sem nenhum valor, exceto, talvez, o da força física, o que eles disserem, isso faz lei (109)? c

SÓC. Pois bem, sapientíssimo Cálicles, tu pensas assim?

CÁL. Mas é claro! d

SÓC. Pois eu, ó afortunado amigo, de minha parte, há muito imaginava ser uma coisa assim o que entendes por *mais forte*; se insisto na pergunta é pelo vivo desejo de saber com precisão o que pensas.

109. Para não admitir o erro, tão rapidamente demonstrado, Cálicles sutaliza; identificar os *mais fortes* com os *melhores*, não seria o mesmo que identificar os *melhores* com os *mais fortes*. Por outras, o *mais forte* é tal por ser *melhor*, mas não *melhor* por ser *mais forte*. Essa identificação agora condenada, porém, éle mesmo a fizera. Importa notar, aí subjacente, o *sentimento* aristocrático, de que o poder cabe às *melhores* famílias (*áristos* significa *melhor*, de *linhagem fidalga*), contrariamente ao *pensamento* socrático, de que éle pertence à massa, cumprindo-nos ou curvar-nos às injunções desta, ou persuadi-la a modificá-las. (*Critão*, 51-b.)

Tu, é natural, não havias de pensar que *dois* são melhores do que *um*, nem que teus escravos são melhores do que tu pelo fato de serem mais robustos. Mas recapitula-me o que entendes por *melhores*, visto como não se trata dos mais *robustos*. E, assombro de homem, ensina-me com mais brandura, para eu não cabular tuas lições.

CÁL. Tu me estás chasqueando, Sócrates.

SÓC. Eu? Não, Cálicles; juro por Zeto, que invocavas há pouco para chasquear de mim; mas vamos, dize-me: o que entendes por *melhores*?

CÁL. Ora, os *superiores*.

SÓC. Estás vendo como tu também palreias apenas, sem nada esclarecer? Dize de uma vez se por *melhores* e *mais fortes* entendes os *de melhor entendimento*, ou outras pessoas.

CÁL. Mas, por Zeus! é a essas que me refiro, sem tirar nem pôr!

SÓC. Muitas vêzes, então, segundo dizes, um de bom entendimento é mais forte do que milhares e milhares de insensatos; a êle, por isso, compete governá-los e a êles obedecer-lhe, e quem governa deve avantajá-se aos governados; sem querer dar caça às palavras, penso ser isso o que entendes, se um único é *mais forte* que milhares.

CÁL. Bem, é isso o que entendo. A meu ver, o direito segundo a natureza é pravelecer sôbre os *inferiores* o *melhor* e de *melhor entendimento* <sup>(110)</sup>.

110. Numa época em que o pensamento das *massas* é praticamente dirigido pela publicidade e pelos *slogans*, vale a pena ouvir a lição de Sócrates; êle não acata sem exame um conceito tão cativante como êste de Cálicles; tira logo conclusões práticas. Afinal, a razão foi dada ao homem justamente para isso; seu uso não é privilégio nem

SÓC. Não vás por diante. Que dirás agora a isto? Suponhamos que nos encontrássemos muitos homens reunidos num lugar, como agora, possuindo em comum grande quantidade de comidas e bebidas; que fôssemos de tôda sorte, uns fortes, outros fracos, mas um de nós, por ser médico, fôsse o *de melhor entendimento*, porém, como é natural, mais robusto que uns e mais fraco que outros; seria ou não seria êle, nesse caso, por ser o *de mais entendimento*, o *melhor* e *mais forte*?

CÁL. Perfeitamente.

SÓC. Assim, cabia-lhe maior quantidade de alimento do que a nós, por ser *melhor*? ou, pelo fato de ter o mando, cumpria-lhe distribuí-lo todo, mas, no gasto e consumo dêle com sua pessoa, não devia prevalecer-se, sob pena de sofrer as consequências, e sim ter mais do que uns e menos do que outros; caso fôsse o mais franzino de todos, ó Cálicles, o menor dos quinhões viria a caber à *melhor* das pessoas? Não é assim, meu caro?

CÁL. Tu falas em comidas, bebidas, médicos e frioleiras. Não é a isso que me refiro.

SÓC. Mas é ao *de melhor entendimento* que chamas o *melhor*? Sim, ou não?

CÁL. Sim.

SÓC. E não dizes que o *melhor* deve prevalecer?

CÁL. Sim, mas não em matéria de comida e bebida.

de indivíduos, nem de classes, nem de indumentárias. O poder suasório de fórmulas de sapiência, espécie de pílula didática para ingestão de cultura sem esforço, é alguma coisa de assombroso. A um estudante de letras ouvi recentemente que estudar Português era bobagem, porque *o povo é que faz a língua*; portanto, o solecismo é que estava certo.

SÓC. Compreendo. Talvez, em matéria de roupas, caiba ao melhor tecelão possuir o manto mais amplo e sair por aí envolto nas roupagens mais abundantes e vistosas?

CÁL. Que mantos?

SÓC. Mas em calçados, é claro, deve prevalecer o *de mais entendimento* e o *melhor* nesse ramo. Ao sapateiro, talvez, caiba passear por aí com calçados maiores e mais abundantes.

CÁL. Que calçados? Não paras de chalar!

SÓC. Bem; se não te referes a coisas dessas, talvez a destas outras: por exemplo, a um agricultor, entendido em assuntos da terra e fidalgo, talvez coubesse prevalecer em matéria de sementes e empregar em sua propriedade a maior quantidade delas.

CÁL. Como repetes sempre a mesma coisa, Sócrates!

SÓC. Não só as mesmas coisas, mas sempre em torno dos mesmos assuntos.

CÁL. Pelos deuses! tu falas continuamente apenas de sapateiros, de cardadores, de cozinheiros, de médicos, como se estivéssemos tratando dessa gente!

SÓC. Por que não dizes tu em quê o *mais forte* e *de melhor entendimento* tem o direito de prevalecer? Ou não vais nem suportar minhas suposições, nem dizê-lo tu mesmo?

CÁL. Ora, há muito eu o estou dizendo. Para começar, os *mais fortes* a que me refiro não são os sapateiros, nem cozinheiros, mas sim os *mais entendidos* nos negócios públicos, em como fazê-los prosperar, e não só entendidos, mas também *mais bravos*, capazes de levar a termo o que conceberam, sem se desalentarem por pusilanimidade.

SÓC. Estás vendo, excelente Cálicles, de quão diferentes defeitos nos acusamos um ao outro? Tu dizes que eu estou sempre repetindo as mesmas coisas e me censuras; eu, ao contrário, acuso-te de jamais dizeres as mesmas coisas a respeito dos mesmos assuntos; primeiro, os melhores e mais fortes eram os *mais brutos*; depois, os *de melhor entendimento*; agora, surges com nova explicação: são uns tais *mais bravos*, que entendes por *mais fortes e melhores*. Ora, meu excelente amigo, desempacha-te e dize afinal o que entendes por *melhores e mais fortes* e a que respeito.

CÁL. Mas eu já disse que são os mais entendidos nos negócios públicos e mais bravos. A esses cabe dirigir os Estados; o direito é que esses, os governantes, prevaleçam aos demais, aos governados.

SÓC. Mas a si mesmos, ó meu amigo? Eles se governam ou são governados?

CÁL. Não percebo.

SÓC. Refiro-me a governar cada um deles a si mesmo; ou não há nenhum mister de que governem a si mesmos, mas sim aos outros (111)?

CÁL. Que entendes por governar a si mesmo?

SÓC. Uma coisa simples, como toda gente; é ser temperante, ter domínio de si, senhoreando sobre os prazeres e paixões existentes no próprio íntimo.

CÁL. Tu és um encanto! Confundes sabedoria e imbelicidade.

SÓC. Como assim? Qualquer um veria que não é isso.

111. Competência e firmeza são condições necessárias, mas não suficientes, para um governo; a faltar a moral, redundarão em tirania. *Facilis descensus Averno.*



CÁL. Ora, se não é! Se não, que felicidade pode ter um homem escravizado, seja lá a quem fôr? Ao contrário, belo e justo segundo a natureza é o que venho dizendo em palavras francas; a maneira certa de viver é deixar crescer as paixões o mais possível, em vez de as reprimir, e ser capaz de servi-las, por mais desmedidas que sejam, com bravura e inteligência, satisfazendo quantos desejos abrolhem. Ora, isso, penso, é impossível ao grande número; daí condenarem a tais pessoas, para encobrir a vergonha da própria impotência, e declararem indecorosa a intemperança, a fim de, como eu dizia atrás, escravizar os homens mais bem dotados pela natureza; não podendo eles próprios deparar satisfação a seus apetites, louvam a temperança e a justiça, por serem pessoalmente covardes. Ora, para aquêles que devem ao berço a sorte de serem filhos de reis, ou à natureza a de serem capazes de conquistar um govêrno, uma tirania ou um poder absoluto, o que pode haver de mais vergonhoso e ruim do que a temperança? Quando lhes é dado gozar dos bens, sem que ninguém lho impeça, haviam êles de ir buscar para si próprios um senhor — a lei da maioria, o que ela ensina, o que malsina? Como negar que se teriam desventurado mercê dessa beleza de justiça e temperança, não dando aos amigos quinhão maior que aos inimigos, justamente quando têm nas mãos o poder em seu próprio estado? A verdade, que tu dizes procurar, Sócrates, é esta: viver à larga, sem reprimir-se, à sôlta, quando se têm meios, eis a virtude e felicidade; tudo o mais não passa de lindas fantasias, convenções dos homens, contrárias à natureza, lérias, que não valem um caracol <sup>(112)</sup>.

112. V. a réplica nas últimas palavras dêste diálogo.

SÓC. Com que bravura, Cálicies, marchas ao ataque, argumentando sem papas na língua! Acabas de expressar com clareza o que em geral se pensa, sem ânimo de o dizer. Atende, pois, um pedido meu: não arrefeças de forma alguma, a fim de se esclarecer efetivamente como devemos viver. Dize-me: segundo entendes, para a gente ser como deve, ao invés de reprimir as paixões, deve deixá-las, tão crescidas quanto possível, procurar sua própria satisfação por fás ou por nefas e nisso consiste a virtude?

CÁL. É o que digo.

SÓC. Errado, então, é dizer feliz quem de nada precisa <sup>(113)</sup>?

CÁL. Aliás, em extremo felizes seriam as pedras e os defuntos.

SÓC. A falar verdade, se é como dizes, coisa terrível é a vida <sup>(114)</sup>. Não me espantaria se tivesse Eurípidés razão em dizer “quem sabe se viver é estar morto, e estar morto é viver <sup>(115)</sup>?” Talvez estejamos realmente mortos. Não faz muito tempo, ouvi de um sábio que presentemente estamos mortos <sup>(116)</sup> e nosso corpo é uma tum-

113. Princípio adotado pela filosofia cínica. Alguém, apiedado, esclarecia a Diógenes que, se adulasse a Dionísio, não comeria ervas. “Tu”, respondeu o filósofo, “se comesses ervas, não adularias a Dionísio.”

114. Se não provérbio, era idéia expressa comumente. Cf. as palavras de Cálicies em 481-c.

115. Citado também por Aristófanes, em *Rãs*, 1477, êste verso pertence a uma tragédia intitulada *Poúido*, que se perdeu.

116. A idéia é pitagórica e órfica, talvez colhida, como as comparações adiante, nos escritos de Filolau, que, expulso da Itália, ensinava em Tebas. Cf. *Crátilo*, 400-c.

ba <sup>(117)</sup> e a parte de nossa alma onde ficam as paixões é susceptível de suação e de mudança da água para o vinho. A essa parte, um sutil contador de mitos — sículo ou italiota <sup>(118)</sup>, não sei — vista sua docilidade e credulidade, trocadilhando, chamou-lhe barril <sup>(119)</sup>, e aos parvos, profanos <sup>(120)</sup>; b  
dessa parte da alma dos parvos, onde ficam as paixões, disse, vista sua incontidência e incapacidade de retenção, que era um barril furado, aludindo à insaciabilidade. Ao contrário de ti, Cálicles, êle demonstrou que, no Hades <sup>(121)</sup>, nome que deu ao mundo invisível, os mais infelizes são êsses, os profanos, que baldeiam água para o barril furado numa vasilha igualmente furada, uma peneira. Peneira, de acôrdo com quem me contou isso <sup>(122)</sup>, êle chamou à alma; comparava a alma dos parvos a uma peneira, cheia de furos, porque nada pode reter por falta de fé e de memória. c  
Comparações deveras um tanto esquisitas, mas exprimem aquilo que eu queria demonstrar, se fôr capaz, para te suadir a uma conversão, a preferir, a uma vida insaciável e sem peias, uma vida moderada, sempre satisfeita e contente com o que tem. d

117. Infelizmente, na marcha das traduções os trocadilhos vão desfalecendo pelo caminho. Caíram, nesta passagem, alguns pares, como *sôma*, corpo, e *sêma*, sepulcro.

118. A estória é atribuída ou a Empédocles, de Agrigento, na Sicília, ou a Filolau, italiota de Crotona, ou Tarento.

119. *Píthos*, barril; *píthanós*, crédulo.

120. *Anóetos*, parvo; *amyêtos*, profano.

121. *Hádês*, inferno; *aeidês*, invisível.

122. Talvez os tebanos Símlas e Cebes, que, segundo *Fédon*, 61-c, tinham ouvido a Filolau.

Será que te acabo convencendo a mudar de idéias e considerar mais felizes os sofreados que os desenfreados, ou, embora eu conte centenas de outros mitos semelhantes, nem por isso ficarás mais mudado?

CÁL. O que disseste por último, Sócrates, é o mais acertado.

SÓC. Vamos lá: vou citar outra imagem oriunda da mesma escola <sup>(123)</sup>. Vê se, por exemplo, a vida do sóbrio e a do intemperante se podem comparar à de dois homens, dono cada qual de muitos barris <sup>(124)</sup>; os de um, em bom estado, estariam cheios; um, de vinho; um segundo, de mel; um terceiro, de leite e muitos outros; de muitos outros líquidos, todos raros, difíceis de encontrar, obtidos com muito trabalho e sofrimento. O dono, porém, enchidos os barris, nada mais trasvasaria, nem pensaria nêles, deixando-se estar tranqüilo. Ao segundo, como ao primeiro, seria possível, mas difícil, obter líquidos; possuindo barris furados e podres, êle se veria forçado a estar, dia e noite, a enchê-los, para não cair nas mais duras privações. Vivendo o regrado e o intemperante como nesse exemplo, qual dêles achas mais feliz? Com essa estória, consigo convencer-te de que a vida moderada é melhor que a dissoluta, ou não consigo? CAL. Não consegues, Sócrates. Aquêles dos barris cheios não goza mais prazer nenhum; depois de os ter enchido, vive como uma pedra, sem pra-

123. A pitagórica. O termo aqui empregado é *gimnásio*, que designava um lugar público de exercícios atléticos; em tais logradouros costumavam filósofos e sofistas falar a seus discípulos.

124. Ou seja, muitos apetites de prazeres diferentes.

zeres nem penas, como eu dizia há pouco; o gosto da vida, porém, consiste nisto, em trasvasar o mais possível. b

SÓC. Se trasvasar muito — não é verdade? — forçosamente muito se há de perder e largos hão de ser os furos de vazamento.

CÁL. Perfeitamente.

SÓC. Mas a vida de que falas é a de uma tarambola (<sup>125</sup>), nunca a dum defunto ou duma pedra. Dize-me outra coisa: a tua idéia é, por exemplo, estar com fome e, estando com fome, comer?

CÁL. É isso.

SÓC. Estar com sede e, estando com sede, beber? c

CÁL. Sim, e viver feliz é sentir os desejos em geral e poder satisfazê-los com prazer.

SÓC. Bravos, excelente homem! Continua como começaste e nada de acanhamentos; mas, parece, tampouco eu não me devo acanhar. Dize-me também, em primeiro lugar, se viver feliz é também estar com sarna e ganas de coçar-se, podendo fazê-lo à vontade e passar a vida coçando-se (<sup>126</sup>).

CÁL. Que homem esquisito és tu, Sócrates! Um perfeito tribuno popular! d

SÓC. Realmente, Cálicles, a Polo e Górgias eu causei perplexidade e acanhamento, mas tu de maneira alguma ficarás perplexo, nem acanhado, por seres bravo. Responde, porém; sim?

CÁL. Bem; digo que até quem se coçasse levaria uma vida agradável.

SÓC. Agradável, portanto, feliz; não é?

125. Ave da família da narceja, voracíssima.

126. Cf. *Filebo*, 46-a.

CÁL. Perfeitamente.

SÓC. Comichão só na cabeça... ou continuo perguntando mais? Vê, Cálicles, o que responderias a quem te perguntasse de enfiada tudo que daí decorre; resumindo as perguntas desse gênero, não é medonha, vergonhosa e infeliz a vida dos pederastas? Ou te atreverás a dizer felizes tais pessoas, basta tenham à vontade o que desejam? e

CÁL. Não te pejas de levar a conversa para esse lado, Sócrates?

SÓC. Quem a leva para esse lado, meu fidalgo amigo, sou eu, ou quem sustenta, sem restrições, ser feliz quem tem prazer, seja qual fôr, sem distinguir quais os prazeres bons e quais os maus? Mas, dize-me ainda se identificas o prazer com o bem, ou se entre os prazeres existe algum que não seja bom. 495

CÁL. Ora, para não cair em contradição dizendo-os diferentes, assevero serem a mesma coisa (<sup>127</sup>).

SÓC. Tu inutilizas o que já apuramos, Cálicles, e não mais investigarás cabalmente a verdade comigo, se pretendes realmente pronunciar-te contra o teu modo de pensar.

CÁL. Ora, Sócrates, é como fazes tu (<sup>128</sup>). b

SÓC. Caso eu esteja fazendo isso, não andamos direito nem eu nem tu. Porém, bem-aventurado amigo, verifica se o bem vem a ser mesmo o gozar de todas as maneiras, porquanto, se fôr isso, hão de seguir-se evidentemente aquelas torpes conclusões há pouco mencionadas, além de muitas outras.

CÁL. É como pensas, Sócrates.

127. Cf. 499-b.

128. Cf. 471-d, igual acusação da parte de Polo.

SÓC. Tu, Cálicles, sustentas aquilo de veras?

CÁL. Sustento.

SÓC. Levaremos, então, o debate por diante, na certeza de estares falando sério (129)?

CÁL. Sem dúvida alguma (130).

SÓC. Adiante, pois; se assim pensas, define-me, por favor, o seguinte: existe uma coisa a que dás o nome de ciência?

CÁL. Existe.

SÓC. Não dizias, há pouco (131), existir também uma certa coragem, além da ciência?

CÁL. Dizias, pois não.

SÓC. Referias-te a duas coisas, distinguindo entre ciência e coragem; não é assim?

CÁL. É bem assim.

SÓC. Que mais? O prazer e a ciência se confundem, ou distinguem?

CÁL. É claro que se distinguem, homem sapientíssimo (132)!

SÓC. Também a coragem e o prazer?

CÁL. Como não?

SÓC. Vamos lá; guardemos na memória que Cálicles de Acarnas (133) afirma serem o agradável e

129. Aqui a situação é inversa à da entrada de Cálicles no debate, quando ele perguntava se Sócrates falava sério. Cf. 481-c.

130. Em 499-b, Cálicles se desmente.

131. Em 491-b.

132. Ironia de quem se crê seguro do que diz.

133. Nas proposições apresentadas na *ecclesia*, ao nome do autor se acrescentava o de seu demo. Sócrates procede assim aqui por gracejo, que Cálicles lhe retribuiu em seguida. Não é fácil apurar se segundas intenções co-

o bom a mesma coisa, mas que a ciência e a coragem, distintas entre si, se distinguem ambas do bem.

CÁL. Sim, e que Sócrates de Alópece não admite isso. Ou admite?

SÓC. Não admite. Segundo penso, nem Cálicles tampouco, quando tiver examinado bem o seu próprio sentir. Dize-me: a teu ver, os felizes não estão em situação oposta à dos infelizes?

CÁL. Sim.

SÓC. Pois bem; se as situações são opostas, não se passa com êles necessariamente o mesmo que com a saúde e a doença? Com efeito, o homem não está ao mesmo tempo são e doente, nem se desfaz simultaneamente da saúde e da doença.

CÁL. Que estás querendo dizer?

SÓC. Por exemplo, considera separadamente uma parte do corpo, à tua escolha. Os olhos da gente estão sujeitos a uma doença de nome oftalmia?

CÁL. Como não?

SÓC. Naturalmente, não estão ao mesmo tempo sadios.

CÁL. De modo nenhum.

SÓC. E daí? Quando o doente se desfaz da oftalmia, acaso se desfaz na mesma ocasião da saúde dos olhos e, ao cabo, se terá desfeito ao mesmo tempo de uma e outra?

CÁL. Absolutamente não.

SÓC. Seria, penso, uma coisa espantosa e absurda; não é?

CÁL. E muito.

loriam aqui a menção dos demos; seja como fôr, *acarna* se chamava um peixe, e *alópez*, a rapôsa e também outro peixe.

SÓC. Mas, suponho, êle adquire e perde cada estado dêsses sucessivamente.  
CÁL. De acôrdo.  
SÓC. Bem assim a fôrça e a fraqueza; não é?  
CÁL. Sim.  
SÓC. E a celeridade e a lentidão?  
CÁL. Por certo.  
SÓC. E quanto ao bem e a felicidade, de um lado, e seus opostos, o mal e a desventura, de outro, êle os adquire e perde sucessivamente?  
CÁL. Sem a mínima dúvida.  
SÓC. Caso, pois, se nos deparem coisas que a gente perde juntas ou juntas conserva, não se tratará, é claro, do bem e do mal. Admitimos isso? Reflete bem antes de responder.  
CÁL. Ora, estou mais do que de acôrdo.  
SÓC. Voltemos, pois, aos pontos admitidos. Segundo dizias, ter fome é agradável, ou penoso? Refiro-me à fome em si mesma.  
CÁL. É penoso, mas comer com fome é agradável.  
SÓC. Compreendo. Em todo caso, a fome mesma é penosa. Não?  
CÁL. Concordo.  
SÓC. A sêde igualmente?  
CÁL. E muito.  
SÓC. Devo continuar perguntando, ou admites serem penosos tôda falta e todo desejo?  
CÁL. Admito; escusa perguntares mais.  
SÓC. Muito bem. Beber com sêde dizes ser agradável, ou não?  
CÁL. Sim.  
SÓC. No caso figurado, *com sêde* quer dizer, sem dúvida, *sofrendo*?

CÁL. Sim.  
SÓC. E o beber é a satisfação duma necessidade e um prazer?  
CÁL. Sim.  
SÓC. Portanto, entendes que há prazer em beber?  
CÁL. Por certo.  
SÓC. Isto é, quando se tem sêde...  
CÁL. Sim.  
SÓC. ...e se sofre?  
CÁL. Sim.  
SÓC. Percebes, pois, o que se passa? Quando dizes *beber com sêde*, estás dizendo *sofrer e gozar* a um tempo. Ou isso não acontece ao mesmo tempo, na mesma parte da alma? ou do corpo, como queiras, pois, segundo penso, é indiferente (134). É assim, ou não?  
CÁL. É.  
SÓC. Não obstante, declaras impossível ser a um tempo feliz e infeliz.  
CÁL. Declaro-o, pois não.  
SÓC. Admitiste, porém, ser possível experimentar prazer e sofrimento ao mesmo tempo.  
CÁL. Parece.  
SÓC. Logo, gozar não é ser feliz, nem sofrer é ser infeliz e, portanto, uma coisa é o gozo e outra é o bem.  
CÁL. Não estou percebendo as tuas argúcias.  
SÓC. Tu as percebes, Cálicles, mas não queres dar o braço a torcer. Mas vamos adiante.  
CÁL. Por que não paras com essas lérias (135)?

134. Para a conclusão do argumento, bem entendido.

135. Depreciar um argumento que não se pode rebater é recurso oratório que impressiona ouvintes basbaques, incapazes de "perceber argúcias".

SÓC. É para veres quão sábio és tu, que me admoestas. Não é verdade que, quando se acaba a sede, ao mesmo tempo se acaba nosso prazer de beber?

CÁL. Não sei o que queres dizer.

GÓRGIAS. Oh! não, Cálicles! Responde; em atenção também a nós outros, para a discussão chegar a seu termo.

CÁL. Mas, Górgias, Sócrates é sempre assim; põe-se a perguntar e a demonstrar bagatelas sem a mínima relevância.

GÓR. Isso que te importa? O responsável não és tu, Cálicles; deixa que Sócrates te inquiria como lhe apraz.

CÁL. Bem; vai adiante com tuas mofinas perguntinhas, já que Górgias acha melhor assim.

SÓC. Ditoso és tu, Cálicles, por te haveres iniciado nos grandes mistérios antes de o seres nos pequenos<sup>136</sup>; eu cuidava que não era lícito. Recomeça onde paraste de responder e dize se cada um de nós não cessa ao mesmo tempo de sentir o prazer e a sede.

CÁL. Digo que sim.

SÓC. Quando cessam a fome e os desejos em geral, cessa ao mesmo tempo o prazer; não é verdade?

136. Os mistérios de Elêusis celebravam-se em duas feitas; no mês de *antesterião* (fevereiro), realizava-se a cerimônia dos pequenos mistérios, espécie de consagração prévia (*myésis*, *cátharsis*, ou *protéleia*); somente quem houvesse passado por essa purificação podia tomar parte na procissão que, no mês de *boedromião* (setembro), levava Iaco a Demetra, sua mãe, em Elêusis. Assim habilitado, recebia a iniciação nos Grandes Mistérios, que o autorizavam a participar dos ritos e ver os objetos de culto daquela deusa.

CÁL. Sim, é.

SÓC. Portanto, cessam ao mesmo tempo os sofrimentos e os prazeres?

CÁL. Sim.

SÓC. Não assim o bem e o mal, segundo admitias; continuas admitindo?

CÁL. Continuo. Que mais?

SÓC. Daí, meu caro, não se confundem o bem e o prazer, nem o mal e a dor, pois um par cessa a um tempo, o outro não, visto serem diferentes. Com que razão, pois, identificar o prazer com o bem, a dor com o mal? Se quiseses, examina também o raciocínio seguinte — a meu ver, tampouco assim se confirmará teu pensamento; em todo caso, verifica-o. Não é pela presença da bondade que chamas bons aos bons, como chamarias belos àqueles em quem se encontra presente a beleza?

CÁL. Sim.

SÓC. E daí? Chamas bons os homens parvos e covardes? Pelo menos, há pouco não o fazias; qualificavas assim os bravos e inteligentes, ou não é a êsses que chamas bons?

CÁL. Mas por certo!

SÓC. E daí? Já viste contente uma criança mentecapta?

CÁL. Já.

SÓC. Mas ainda não viste contente um adulto mentecapto? 498

CÁL. Creio que sim. Mas a que vem isso?

SÓC. A nada, mas responde.

CÁL. Vi.

SÓC. E daí? Viste aflita ou contente uma pessoa lúcida?

CÁL. Sim.

SÓC. Quais déles têm as alegrias e as aflições mais intensas? Os lúcidos, ou os mentecaptos?

CÁL. Quer-me parecer que não é grande a diferença.

SÓC. Bem, essa resposta me contenta. Já viste, na guerra, um homem covarde?

CÁL. Como não?

SÓC. Sim? Quando o inimigo se retirava, quem te parecia mais contente? os covardes ou os bravos?

CÁL. Parece-me, antes, que o eram igualmente; se não era assim, andava bem perto disso.

SÓC. Não faz diferença. Os covardes, pois, também se alegravam?

CÁL. E muito.

SÓC. Também os mentecaptos, naturalmente?

CÁL. Sim.

SÓC. Quando êle atacava, afligiam-se só os poltrões, ou também os valentes?

CÁL. Uns e outros.

SÓC. Tanto uns quanto os outros?

CÁL. Talvez mais os poltrões.

SÓC. Quando êle se retirava, não se alegravam mais?

CÁL. Talvez.

SÓC. Por conseguinte, afligem-se e rejubilam-se não só os mentecaptos, mas também os lúcidos, não só os covardes, mas também os valentes; com pouca diferença, como tu dizes, porém mais os covardes do que os valentes?

CÁL. Concordo.

SÓC. Porém, os lúcidos e os valentes são bons; os covardes e os mentecaptos, ruins?

CÁL. Sim.

SÓC. Então, bons e maus experimentam alegrias e tristezas com intensidade quase igual?

CÁL. Digo que sim.

SÓC. Por conseguinte, os bons e os maus são quase igualmente bons e maus? Ou os bons são ainda melhores e os maus ainda piores?

CÁL. Por Zeus, que não percebo o que dizes (137)! d

SÓC. Não te lembras de que afirmas serem bons os bons pela presença do bem e maus os maus pela do mal? e consistir o bem nos prazeres e o mal nos sofrimentos?

CÁL. Sim.

SÓC. O bem, isto é, o prazer, está com os contentes, visto como se rejubilam; não é?

CÁL. Como não?

SÓC. Com a presença do bem, são bons os contentes; não é verdade?

CÁL. Sim.

SÓC. E daí? Com os aflitos não está o mal, isto é, o sofrimento?

CÁL. Está.

SÓC. Os maus são maus pela presença do mal; segundo dizes; ou já não o dizes? e

CÁL. Digo.

SÓC. Portanto, bons são os contentes, maus os aflitos?

CÁL. Perfeitamente.

SÓC. Os que mais, mais; os que menos, menos; os que igualmente, igualmente?

CÁL. Sim.

SÓC. Dizes — não é verdade? — que se alegram e afligem de maneira igual os lúcidos e os mentecap-

137. Nova confissão de Cálicles, que não consegue acompanhar os raciocínios dialéticos. A insistência de Platão nessa tecla visa a mostrar a deficiência da formação intelectual puramente retórica.

tos, os poltrões e os bravos, ou os poltrões, mais ainda.

CÁL. Isso mesmo.

SÓC. Recapitula junto comigo as decorrências dos fatos admitidos; como costumam dizer, é belo repetir e examinar duas e até três vezes as coisas belas. Dizemos que são bons o lúcido e o valente. Não?

CÁL. Sim.

SÓC. E maus, o mentecapto e o covarde?

CÁL. Perfeitamente.

SÓC. Bom, o contente?

CÁL. Sim.

SÓC. Mau, o aflito?

CÁL. Forçosamente.

SÓC. Que o bom e o mau se afligem e alegam em grau igual; talvez, porém, mais o mau?

CÁL. Sim.

SÓC. Por conseguinte, o mau vem a ser tão mau e tão bom como o bom, ou ainda melhor? Não chegamos ao mesmo malôgro de antes, quando identificávamos o prazer com o bem? Não é uma inferência necessária, Cálicles?

CÁL. Há muito, Sócrates, te venho escutando, assentindo ao que dizes, e noto que basta a gente, por troça (<sup>138</sup>), fazer-te a menor concessão, para lhe deitares a mão com a alegria dum rapazola. Tu imaginas, por exemplo, que eu, ou quem quer que seja neste mundo, não acreditamos na existência de prazeres melhores e piores?

SÓC. Ora! ora, Cálicles! Do que não és capaz! Tratas-me como uma criança, dizendo que as mesmas coisas ora são assim, ora assado, empulhando-me! E eu que, de início, não imaginava que me

138. Cf. 495-c.

houvesse de empulhar por gôsto, por seres meu amigo! Vejo agora como me enganei. Naturalmente, como no velho brocardo, tenho de dançar conforme a música e aproveitar o que me dá. Dizes agora, parece, que certos prazeres são bons e certos outros, maus. Não é assim?

CÁL. Sim.

SÓC. Bons seriam os úteis, e maus, os daninhos? d

CÁL. Perfeitamente.

SÓC. Úteis, os que produzem algum bem; daninhos, os que causam algum mal?

CÁL. De acôrdo.

SÓC. Tu te referes, por exemplo, com relação ao corpo, aos prazeres que lembrávamos há pouco, do comer e do beber? Dêsses, os que produzem no corpo a saúde, ou a robustez, ou alguma outra prestância física, são os bons? os de efeitos opostos a êsses são os maus?

CÁL. Perfeitamente.

SÓC. De igual modo, dentre os sofrimentos, uns são úteis, outros ruins; não é verdade? e

CÁL. Como não?

SÓC. Não é verdade que os prazeres e sofrimentos úteis devem ser preferidos e provocados?

CÁL. Perfeitamente.

SÓC. Não, porém, os maus?

CÁL. É claro.

SÓC. Com efeito, se estás lembrado, eu e Polo éramos de parecer (<sup>139</sup>) que tudo devemos fazer em vista do bem. És tu da mesma opinião, que o bem

139. Cf. 468-b. Contudo, ali a idéia era de que assim se faz, não a de que assim se deve fazer.



é o fim de tôdas as ações e tudo mais deve ser feito em vista dêle e não êle em vista do resto? Tu nos apóias com teu voto terceiro?

500

CÁL. Apóio.

SÓC. Por conseguinte, tudo mais, inclusive o agradável, se deve fazer com vistas ao bem e não o bem com vistas ao agradável.

CÁL. Perfeitamente.

SÓC. Qualquer pessoa será capaz de distinguir quais os prazeres bons e quais os ruins, ou requer-se um entendido?

CÁL. Requer-se um entendido.

SÓC. Recordemos, pois, outra vez, o que eu disse a Polo e Górgias. Eu dizia, se estás lembrado, que umas atividades têm por fito o prazer e o proporcionam à exclusão de tudo o mais, sem cogitar do que seja melhor ou pior; outras conhecem o que é bom e o que é mau; entre as do prazer eu incluía a culinária, como uma prática, não uma ciência, e, entre as do bem, a ciência médica. E, por Zeus das amizades, Cálices! não imagines que te devas divertir à minha custa, dando respostas quaisquer em desacôrdo com o teu pensamento, nem tomes as minhas perguntas como pilhérias de minha parte; como vês, a uma pessoa, por menos ajuizada que fôsse, que matéria interessaria mais seriamente do que a de nosso debate, isto é, como devemos viver? Da maneira que propões, quando me induzes a proceder como homem, falando na assembleia, exercitando-me na oratória e atuando na política na forma que vós outros agis atualmente? Ou passando a vida na Filosofia? E em quê sobreleva esta maneira àquela? Portanto, talvez o melhor seja distingui-las, como há pouco eu tentava fazer; uma vez concordes sôbre a distinção

b  
c  
d

feita, caso se trate de dois teores de vida diversos, verificar no que divergem e qual dêles devemos adotar. Mas talvez ainda não tenhas compreendido o meu pensamento.

CÁL. De fato, não.

SÓC. Não faz mal; eu to direi com mais clareza. Visto como estamos concordes eu e tu em que existe o bem e existe o prazer, mas êste não se confunde com aquêle; que há uma prática e um método para obter cada um dos dois, uma busca do prazer e uma do bem... mas, antes do mais, reconhece, por favor, que assim é, ou nega-o. Reconheces?

CÁL. Concordo.

SÓC. Vamos, então, confirma-me também o que eu dizia a êstes senhores, se eu te parecia então dizer a verdade. Era, mais ou menos, que eu não considerava a culinária uma arte, mas uma prática; sim, a medicina; eu explicava que uma, a medicina, antes de tratar dum paciente examina a sua natureza e a razão do quanto ela mesma faz, podendo motivar cada um de seus atos, enquanto a outra, a do prazer, no qual concentra todos os seus cuidados, vai à procura dêle sem ciência alguma, sem nenhum exame da sua natureza e sua causa; nada, por assim dizer, reflete, nada calcula; conserva apenas, pela rotina e pela experiência, a lembrança das práticas costumeiras e por meio delas produz o prazer. Vê, pois, em primeiro lugar, se achas corretas essas proposições e se existem, em tórno da alma, atividades parecidas a essas, umas científicas, preocupadas com o maior bem da alma, outras dêle desinteressadas, que, como no caso do corpo, cuidam exclusivamente do prazer da alma e da maneira de produzi-lo; não examinam qual prazer é melhor e

e

501

b

c

qual pior; nada lhes importa, senão causar prazer, seja o melhor, seja o pior. Eu, com efeito, Cálicles, creio que elas existem e a uma coisa assim chamo lisonjaria, vise ao corpo, ou vise à alma, seja qual fôr o ser a que se depare o prazer sem consideração do melhor ou pior; e tu adotas a minha opinião a êsse respeito, ou a contradizes?

CÁL. Eu? Não! Eu dou-te o meu apoio; assim, o debate prossegue e faço o gôsto a Górgias.

SÓC. Êsse procedimento é possível para com uma só alma e impossível para com duas ou muitas?

CÁL. Não assim; é possível também para com duas ou muitas. d

SÓC. Portanto, pode-se fazer o gôsto a multidões, sem preocupação do melhor?

CÁL. Penso que sim.

SÓC. Saberias enumerar as atividades que visam a êsse fim? Ou, antes, se preferes, eu irei perguntando e tu responderás *sim*, ou *não*, conforme achares que é ou não uma delas a mencionada. e  
Examinemos, em primeiro lugar, a aulética<sup>(140)</sup>; ela, Cálicles, não te parece uma daquelas que procuram apenas o prazer, sem pensar em mais nada?

CÁL. Parece.

SÓC. Assim tôdas as de igual estôfo, não é mesmo? como, por exemplo, a arte de tocar cítara nos concursos?

---

140. Arte de tocar flauta. Nos banquetes, tocavam êsse instrumento mulheres de vida fácil. Mais nobre se considerava a cítara; aprender a dedilhá-la fazia parte da educação dos jovens atenienses. Ainda assim, Platão opõe restrições à execução nos concursos oficiais de música, muxôxo a que Aristóteles faz eco na *Política*, livro VIII. Platão refere-se aos coros cíclicos em louvor de Dioniso, nos referidos concursos.

CÁL. Sim.

SÓC. Que mais? A regência dos coros e a poesia ditirâmbica não se te afiguram do mesmo caráter? A teu ver, o que interessa a Cinésias<sup>(141)</sup>, filho de Meles? declamar uma passagem tal que torne melhores os ouvintes, ou uma que agrade à massa da assistência? 502

CÁL. A segunda hipótese, é claro, Sócrates, quanto a Cinésias.

SÓC. Sim? E Meles<sup>(142)</sup>, seu pai, quando cantava dedilhando a cítara, estava, a teu ver, pensando no maior bem? Ou nem mesmo no maior prazer, visto como entediava a assistência com a cantoria? Bem, examina; não achas inventada com vistas ao prazer tôda a poesia dos citaredos e a dos ditirambos?

CÁL. Acho.

SÓC. E que tal aquela poesia grave e maravilhosa, b  
a das tragédias<sup>(143)</sup>? Seu escopo e anelo será, como me parece, apenas o prazer do espectadores? ou, então, se empenha em não declamar um texto, quando, embora deleitoso e agradável, é nocivo, e, ao contrário, em o declamar e cantar, quer gostem, quer não, quando, por acaso, embora desagradável,

---

141. Poeta ditirâmbico, desmereceu a poesia armando ao efeito com assuntos fantásticos, obscuros e, por vêzes, obscenos, e com a declamação bizarra em linguagem imaginosa, de que zomba Aristófanes em *Nuvens*, 333, e *Pássaros*, 1371; em *Rãs*, 1153, cita-o como professor de pírrica, uma dança guerreira mímica.

142. Nada mais se sabe a seu respeito.

143. Na *República*, 394-d, prevê-se a possibilidade de censura imposta ao teatro; em 568-b, Sócrates, contando com a sabedoria dos poetas trágicos, pede-lhes desculpa por não os admitir em sua cidade, como favoráveis que são à tirania.

é benéfico? Qual dos dois procedimentos te parece o da poesia trágica?

CÁL. Evidentemente, Sócrates, ela visa antes ao deleite e agrado dos espectadores. c

SÓC. A esse comportamento, Cálicles, chamávamos há pouco lisonjaria, não é verdade?

CÁL. Perfeitamente.

SÓC. Adiante. Se, de toda poesia (144), eliminássemos a música, o ritmo, o metro, sobraria alguma coisa além das palavras?

CÁL. Não, forçosamente.

SÓC. Essas palavras se declamam diante de grande massa popular; não é assim?

CÁL. Concordo.

SÓC. Portanto, a poesia é uma espécie de arenga d ao povo?

CÁL. Aparentemente.

SÓC. Seria, então, uma arenga de orador; ou, no teu entender, os poetas não empregam oratória nos espetáculos?

CÁL. Empregam.

SÓC. Acabamos, pois, de identificar certa oratória, destinada a certa massa, onde se confundem tanto crianças e mulheres como homens, tanto servos como livres; essa nós absolutamente não admiramos, pois a classificamos como lisonjaria.

CÁL. É fato.

SÓC. Ótimo. E a oratória dirigida ao povo de Atenas e, nas outras cidades, às assembléias de homens livres? que pensar dela? No teu sentir, quando os oradores discursam, têm sempre em mira o maior bem, visam a tornar melhores os con- e

144. Entenda-se: poesia trágica e cômica.

cidadãos por efeito de suas arengas, ou eles igualmente são movidos pelo desejo de agradar aos concidadãos, com menoscabo do bem comum em benefício de seu interesse pessoal, e falam ao povo como a crianças (145), procurando apenas agradar-lhe, sem lhes importar se, em consequência, ele fica melhor ou pior?

CÁL. Essa tua pergunta agora não é simples; alguns proferem seus discursos preocupados com o interesse dos cidadãos, mas há oradores como os que descreves.

SÓC. Basta-me isso. Se, com efeito, há dois tipos de oratória política, uma não passaria de torpe lisonjaria, mas seria bela a outra, que diligenciasse o maior aperfeiçoamento da alma dos cidadãos e se envidasse em dar os melhores conselhos, agradassem ou desagradassem eles aos ouvintes. Mas nunca topaste essa oratória; se me podes citar entre os oradores algum desse tipo, por que não me disseste quem é? b

CÁL. Bem, por Zeus! eu não posso indicar-te nenhum, pelo menos dentre os de nossos dias.

SÓC. E dos antigos? Podes apontar algum a quem os atenienses devam o terem-se tornado melhores depois que ele passou a arengar ao povo, quando antes eram piores? Eu, com efeito, não sei quem seja ele. c

CÁL. Não? Não ouviste comentar a prestância de Temístocles (146), de Cimão, de Milcíades e, úl-

145. Como o cozinheiro, em 464-d, na disputa com o médico.

146. Sobre Temístocles, v. nota 30. Cimão comandou a frota ateniense na guerra da Pérsia; em 466 a. C., derrotou a esquadra inimiga, desembarcou e desbaratou as

timamente, de Péricles, há pouco falecido, cujas orações tu próprio ouviste?

SÓC. Sim, Cálicles, se a verdadeira prestância é, como definias antes, satisfazer as paixões próprias e alheias; se, porém, como no decurso do debate fomos forçados a reconhecer, não consiste nisso, mas em contentar aquêles desejos cuja satisfação melhora as pessoas e não aquêles que as pioram, e se há nisso uma ciência, podes apontar, entre os varões mencionados, algum a quem quadre a definição?

CÁL. Não sei o que dizer.

SÓC. Procura bem, que acharás; vejamos, assim, num exame tranqüilo, se a definição quadra a algum dêles. Vamos; o homem prestante, que em seus discursos visa ao maior bem, falará ao sabor do acaso, ou com objetivo determinado? É como

---

tropas de terra na Panfilia. Governou Atenas por alguns anos; sua estrêla declinou quando ascendeu a de Péricles. Sofreu o ostracismo em 461. Chamado do exílio, negociou tréguas com Esparta por cinco anos. Renovada a luta com a Pérsia, assumiu o comando duma frota que bloqueava Cício, em Chipre, e ali morreu. Milcíades comandava, juntamente com outros nove generais, tropas atenienses de terra na primeira guerra pérsica. Graças a sua estratégia, os invasores, muito superiores em número, foram derrotados na planície de Maratona, em 490 a. C. Em seguida, êle pediu e obteve o comando duma frota de 70 navios e com ela foi, em desfôrço pessoal, atacar a ilha de Paros; recebeu ali um ferimento, de que veio a morrer de gangrena no cárcere, condenado por ter iludido o povo. Péricles, discípulo de Zenão de Elea e de Anaxágoras, chefiava o partido democrático ateniense e comandou o exército na luta com Esparta pela hegemonia. A partir de 444, com o ostracismo de Tucídides, desfrutou um poder incontrastado. Aproveitando-se duma trégua de dez anos e valendo-se dos recursos da Confederação de Delos, embelezou a cidade com magníficos edifícios públicos. Levou-o a epidemia que grassava em Atenas em 429.

procedem os mesteirais em geral; de olhos postos em seu próprio trabalho, nenhum dêles apanha a êsmo o material empregado; cada um quer que a obra em que trabalha adquira determinado aspecto. Considera, por exemplo, se quiseses, os arquitetos, os carpinteiros navais, todos os mesteirais em geral, à tua escolha; cada um dêles assenta em lugares determinados as peças que assenta, forçando-as a adaptar-se umas às outras, até estar composta a obra inteira com ordem e beleza. Os outros artesãos há pouco referidos, que se ocupam do corpo, os mestres de ginástia e médicos, de certo modo também lhe conferem ordem e proporção. Admitimos êsse fato, ou não?

CÁL. Vá lá que seja assim.

SÓC. Boa será uma casa com ordem e proporção e ruim, uma desordenada?

CÁL. Sim.

SÓC. Bem assim um navio. Não é?

CÁL. Sim.

SÓC. E, sem dúvida, diremos o mesmo de nosso corpo?

CÁL. Perfeitamente.

SÓC. E nossa alma? Será boa desordenada, ou quando tenha certa ordem e proporção?

CÁL. É forçoso admiti-lo, depois das concessões anteriores.

SÓC. Que nome tem, no corpo, a resultância da ordem e proporção?

CÁL. Queres, talvez, dizer saúde e robustez?

SÓC. Sim, e agora, a resultância, na alma, da ordem e proporção? Procura descobrir e dizer o nome, como no caso anterior.

CÁL. Por que não o dizes tu mesmo, Sócrates?

SÓC. Pois não, vou dizê-lo eu, se o preferes; tu, se parecer que acerto, confirma-o; se não, refuta-me, sem contemplação. Segundo me parece, o nome da ordem no corpo é higidez, da qual provêm a saúde e virtudes físicas em geral. É isso, ou não é?

CÁL. É.

SÓC. A ordem e proporção na alma chama-se moral e disciplina, causa de haver cidadãos obedientes às leis e morigerados; nisso consiste a justiça e cordura. Concordas, ou não? d

CÁL. Vá lá.

SÓC. É, pois, de olhos postos nesse objetivo que o orador em questão, o entendido e probo, assentará nas almas quantos discursos proferir e tôdas as suas ações, e abonará dotações <sup>(147)</sup>, se as abonar, ou coletará o tributo que coletar; sua preocupação constante é plantar nas almas de seus concidadãos a justiça e delas extirpar a iniquidade, implantar a sabedoria e extirpar a licença, implantar a virtude em geral e eliminar o vício. Concordas, ou não? e

CÁL. Concordo.

SÓC. Com efeito, Cálicles, a um corpo doente, em estado grave, de que serve dar comida copiosa ou bebidas, ou o que seja de mais agradável sabor, se isso, por vêzes, sôbre não lhe fazer nenhum bem, ao contrário, bem pensando, até lhe causará algum mal? Não é assim?

CÁL. Vá lá.

SÓC. Porque, creio eu, não adianta nada a uma pessoa viver com um corpo em péssimo estado, pois

147. Por exemplo, a divisão de butins, os subsídios a jurados, a distribuição de ingressos aos espetáculos etc.

assim levará necessariamente péssima vida. Ou não é assim?

CÁL. É.

SÓC. A quem está bem de saúde, os médicos — não é verdade? — permitem as mais das vêzes a satisfação dos desejos, por exemplo, comer quando tem apetite, beber quando tem sede; ao doente, porém, nunca, por assim dizer, deixam saciar do que deseja. Admites isso também tu?

CÁL. Sim. b

SÓC. Mas, excelente, amigo, o princípio não é o mesmo quanto à alma? Enquanto fôr má, por desso, intemperança, injustiça ou impiedade, é mister privá-la da satisfação dos desejos e deixá-la fazer apenas o que redunde em sua melhora. Concordas, ou não?

CÁL. Concordo.

SÓC. Pois assim, certamente, é melhor para a alma mesma?

CÁL. Perfeitamente.

SÓC. Privá-la das coisas que deseja é reprimi-la?

CÁL. Sim.

SÓC. Por conseguinte, para a alma, melhor é a repressão que o desenfreio, que há pouco imaginavas preferível.

CÁL. Eu não sei o que pretendes, Sócrates; passa a interrogar qualquer outro. c

SÓC. Este homem <sup>(148)</sup> não tolera que lhe façam bem; não suporta o benefício de que estamos falando, a repressão.

CÁL. Ora, a mim não interessa nenhum de teus assuntos; se te respondi, foi em atenção a Górgias.

148. Este protesto parodia o de Cálicles em 489-b e o que Polo ia formular em 467-b.

SÓC. Está bem; mas que vamos fazer? Vamos deixar o debate em meio?

CÁL. Faze como quiseres.

SÓC. Mas, segundo dizem, nem mesmo historietas se devem abandonar em meio; só depois de rematá-las com a cabeça, para que não saiam a vagar decapitadas. Responde, pois, até o fim, para que também nosso debate ganhe uma cabeça.

CÁL. Que despotismo, Sócrates! Se me queres dar ouvidos, manda êste debate às urtigas, ou, então, dialoga com outra pessoa.

SÓC. Quem mais estará disposto? Ora, não vamos deixar nosso debate inacabado!

CÁL. Não serias capaz de prosseguir por ti mesmo o debate, falando sozinho, ou respondendo a tuas perguntas?

SÓC. Para se aplicarem a mim as palavras de Epicarmo (149), que basto sozinho para dizer o que até aqui requeria dois homens? Bem; provavelmente assim terá de ser por força. Mas, se assim procedermos, faz-se mister porfiarmos todos nós em distinguir, na matéria em debate, a verdade e o erro, pois o esclarecimento dêsse ponto é um benefício comum a todos. Eu vou discorrer, expondo o meu pensamento; se algum de vós achar que concedo a mim mesmo dados irrealis, tem o dever de intervir e refutar-me. Porquanto não digo o que digo porque o saiba; estou apenas investigando, em comum convosco; por isso, se eu achar que acerta quem me contradisser, serei o primeiro a re-

149. Poeta cômico, nascido em Cós, cêrca de 540 a. C., viveu na côrte de Hierão, em Siracusa. Dotou a comédia de entrecho regular. Muito citado, por sentencioso. Platão, no *Teeteto*, 152-e, o qualifica como ápice da comédia.

conhecê-lo. Digo isso para o caso de julgardes de bom alvitre levar a têrmo o debate; se não o quiserdes, renunciemos a êle e separemo-nos.

GÓRGIAS. Na minha opinião, Sócrates, em vez de nos separarmos, deves expor o teu pensamento; os outros, parece-me, pensam também assim. Pessoalmente, desejo ouvir-te a exposição do restante.

SÓC. Da minha parte, Górgias, eu folgaria de continuar o debate aí com Cálicles, até poder, em retribuição à citação de Zeto (150), citar-lhe Anfíon. Mas pôsto que tu, Cálicles, não queres ajudar-me a levar a têrmo o debate, pelo menos, escuta-me e não deixes de intervir quando, no teu entender, eu disser alguma coisa errada. Se me confutares, eu não me agastarei contigo, como tu comigo, mas ficarás registrado como o meu maior benfeitor.

CÁL. Vai falando tu mesmo, bom homem, e leva a cabo.

SÓC. Então, escuta-me, que vou retomar a questão desde o início. Por ventura o prazer e o bem não são a mesma coisa?

— Não são a mesma coisa, como eu e Cálicles conviemos.

— Devemos deparar o prazer com vistas ao bem, ou o bem com vistas ao prazer?

— O prazer com vistas ao bem.

— O prazer é aquilo cuja presença nos alegra e o bem aquilo cuja presença nos torna bons?

— Perfeitamente.

— Mas é graças à presença de certa virtude que somos bons nós e tudo que é bom?

150. V. 485-e, bem como a nota 102.

— A mim, pelo menos, Cálicles, isso parece forçoso.

— Pois bem; a boa qualidade de cada coisa, utensílio, corpo, alma, qualquer vivente, não lhe advém do acaso, mas deve-se a uma boa ordem, uma correção, uma arte apropriada a cada um desses seres. Será assim?

— Eu digo que sim.

— Portanto, a boa qualidade de cada coisa é algo bem ordenado e proporcionado.

— Eu diria que sim.

— É, pois, uma determinada ordem inerente a cada ser, própria de cada um, que torna bom cada um dos seres?

— Assim me parece.

— E uma alma possuidora da ordem que lhe é própria é melhor que a desordenada?

— Necessariamente.

— Pois bem; a alma possuidora de ordem é uma alma ordeira?

— Como não há de ser?

— E a ordeira é sábia (151)?

— Tem que ser por força.

— A alma sábia é, pois, boa. Eu, meu caro Cálicles, não tenho nada a contrapor a essas afirmações; se tu tens, dá-no-lo a conhecer. 507

CÁL. Continua, bom homem.

151. *Sófrôn*, ao pé da letra, significa *são de espírito*; corresponde a um conceito complexo, que engloba praticamente todas as boas qualidades: bom senso, temperança, castidade, modéstia, simplicidade, docilidade, cordura, prudência; em suma, inteligência e virtude.

SÓC. Digo, pois, que, se a sábia é boa, a de qualidade oposta à sábia é má; essa será a estouvada e intemperante.

— Perfeitamente.

— Ora, a sábia comporta-se da maneira conveniente tanto em relação aos deuses, como em relação aos homens; pois não seria cordata, se praticasse inconveniências.

— Assim tem de ser necessariamente. b

— Ora, comportando-se da maneira conveniente em relação aos homens, estaria praticando a justiça; e, em relação aos deuses, a piedade; e quem pratica a justiça e a piedade é necessariamente justo e piedoso.

— Assim é.

— De mais a mais, é necessariamente valente, pois não é por certo de homem sábio perseguir nem fugir o que não deve, mas fugir e perseguir o que deve, coisas ou pessoas, prazeres ou sofrimentos e, quando preciso, agüentar de pé firme; assim, pois, Cálicles, é de todo em todo forçoso que o sábio, por ser, como dizíamos, justo, bravo e piedoso, seja perfeitamente bom; que as ações do bom sejam boas e belas; seja feliz e ditoso quem procede bem, mas desditoso o mau, que pratica o mal; êste seria o de comportamento oposto ao do sábio, isto é, o desenfreado, que decantavas. Esses os princípios que admito e cuja verdade sustento; sendo eles verdadeiros, quem de nós quer ser feliz, deve, naturalmente, buscar e exercitar a sabedoria, e fugir ao desenfreado quanto lhe consentem as pernas, diligenciando acima de tudo não ter a mínima precisão de castigo, mas impor uma pena, aplicar uma punição a quem venha precisar, seja êle próprio, seja alguém da família, seja um particular, c d

seja um Estado, para que possa ser feliz. Proceder de tal sorte que estejam presentes a justiça e a sabedoria para haver felicidade, eis, a meu ver, o alvo que se deve ter em mira na vida, sôbre êle concentrando tôdas as energias pessoais e do Estado, em vez de deixar sem repressão e tentar satisfazer as paixões, um mal que não tem fim, vivendo como um quadrilheiro. Realmente, pessoa assim não pode manter amizade com outra, nem com um deus, pois é insociável e sem associação não há amizade. Segundo os sábios <sup>(152)</sup>, Cálicles, o céu, a Terra, os deuses e os homens estão unidos pela comunhão, amizade, ordem, cordura e justiça; por isso, meu amigo, chamam ao universo o "cosmo", isto é, a boa ordem e não desordem, nem desenfreado. Tu me parece não atentar nisso, a despeito de seres um sábio, esquecendo a onipotência da igualdade geométrica <sup>(153)</sup> assim entre

508

152. Isto é, os pitagóricos.

153. Por igualdade aritmética, entende-se a de dois valores,  $a = b$ ; por igualdade geométrica, a de duas razões, ou proporção. Assim explica Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, V, 6, 7. Diz Platão, em *Leis*, 757-a: "É ditado antigo e verdadeiro que a igualdade faz a amizade; está formulado com correção e elegância, mas qual vem a ser a igualdade possuidora dêsse condão, por ser por demais obscuro, deixa-nos por demais perplexos." (757-b) Igualdades existem duas, com o mesmo nome, porém de certo modo opostas nos efeitos práticos; uma, a que é igual em medida, peso e número, têm competência para aplicá-la todos os Estados e legisladores, quando conferem honras, regulando por sorteio a distribuição. Já a igualdade mais verdadeira, a melhor, nem todos a sabem discernir facilmente. É o critério de Zeus, que, se prevalece entre os homens, é sempre em escala mínima, mas toda vez que prevalece entre cidades ou entre particulares, o resultado é tudo que há de bom. (757-c) Ao maior ela atribui mais; ao menor, menos, dispensando a cada um conforme sua na-

160

os deuses como entre os homens; tu imaginas que cumpre envidar esforços para prevalecer; é que descuras a geometria. Pois bem, impende ou confundar essa teoria, mostrando que não é pela aquisição da justiça e temperança que os felizes são felizes e pela da maldade que são infelizes os infelizes, ou, se é verdadeira, examinar as suas decorrências. As decorrências, Cálicles, são tôdas aquelas afirmações de antes, sôbre as quais me perguntavas se eu falava sério, quando dizia necessário acusar a si mesmo, ao filho, ao amigo, caso cometesse uma injustiça, e recorrer para êsse fim à oratória; eram, ademais, verdadeiros os princípios que, a teus olhos, Polo me concedera por acanhamento, ou seja: "ser autor duma injustiça é tanto pior quanto mais vergonhoso do que ser a vítima" e "quem pretende ser um orador às direitas precisa ser justo e ter a ciência da justiça <sup>(154)</sup>", ponto que, por sua vez, Polo acusava a Górgias de ter concedido por acanhamento. Assim sendo, examinemos as críticas que me fazes; há ou não razão para me declarares incapaz de defender e salvar dos maiores perigos a minha pessoa ou a de qualquer dos amigos e familiares? Estou à mercê de qualquer um, como os degradados da cidadania estão à mercê de quem estiver pronto, se lhe aprover, segundo tua petulante expressão, a esbofeteá-lo, ou tomar-lhe os bens, ou bani-lo, ou, por derradeiro, matá-lo? Tal situação é a mais aviltante de tôdas, no teu sentir? O

tureza; em particular quanto às honras, atribui maiores aos maiores em merecimento; menores aos de condição oposta quanto ao mérito e educação".

154. Catão definia o orador como *vir bonus dicendi peritus*.

6

161



meu, embora já expresso tantas vezes, nada impede  
seja repetido mais uma. Eu afirmo, Cálicles, que a  
maior das humilhações não é levar sopapos injustos,  
nem sofrer mutilações no corpo ou na bôlsa; desonra  
maior e mal pior é bater-me, mutilar-me injustamente  
o corpo ou os bens; roubar-me, escravidar-me, assaltar-me  
a casa, em suma, cometer qualquer iniquidade em  
minha pessoa ou meus bens é pior e mais desonroso para  
o autor do que para mim, a vítima. Esses princípios,  
provados, tais como os formulados, no decorrer do debate,  
acham-se seguros e presos, ainda que um tanto forte a  
imagem, por argumentos de ferro e de aço; pelo menos,  
assim parece; se tu não os soltares, ou alguém mais  
forçoso, só pode disparatar quem disser outra coisa do  
que estou dizendo agora; aliás, eu vivo a repetir a  
mesma coisa; eu não entendo disso, mas das pessoas  
que tenho encontrado, como desta feita, nenhuma é  
capaz de sustentar outro modo de ver, sem cair no  
ridículo. Eu, pois, dou por assentado que assim é.  
Se, pois, é assim, se a injustiça é o maior dos males  
para seu autor e ainda maior, se possível, do que  
êsse, já tão grande, é não expiar o culpado sua falta,  
que proteção seria de veras ridículo não poder  
alguém assegurar a si próprio? Não seria aquela  
que nos preservasse do maior dos danos? Ora, isto é  
mais do que evidente; em matéria de proteção, a maior  
vergonha é não poder assegurar essa nem a si mesmo,  
nem aos amigos e familiares. Vem em segundo lugar  
defender-se do segundo maior mal, e em terceiro, do  
terceiro, e assim por diante; quanto maior é um mal,  
mais belo está apto para a defesa e maior vergonha  
não o estar. Porventura é assim, Cálicles, ou não é?  
CAL. É bem assim.

SÓC. Entre os dois males, o de praticar uma injustiça  
e o de sofrê-la, declaramos maior o cometê-la e menor  
o sofrê-la. Como, pois, deve a gente aparelhar-se para  
a própria defesa lucrando ambos êsses proveitos, o de  
não praticar e o de não sofrer a injustiça? Com a  
fôrça ou a vontade? Quero dizer o seguinte: para não  
sofrer uma injustiça, basta não o querer, ou só não a  
sofrerá quem se aperceba de fôrça para não a sofrer?

CÁL. A última suposição é evidente, a da fôrça.

SÓC. E quanto a cometer a injustiça? Acaso basta  
à gente não querer praticá-la — pois não a praticará  
— ou também para isso impende adquirir certa fôrça  
e ciência, sob pena de cometê-la caso não se instrua  
numa e exercite na outra? Por que não me responderes  
precisamente à seguinte pergunta, Cálicles? Foi com  
boa razão ou não, que eu e Polo tivemos de convir no  
debate anterior, quando reconhecemos que ninguém  
comete injustiça por querer, mas quantos a praticam  
o fazem mau grado seu?

CÁL. Vá lá que seja assim, Sócrates, para podê-  
res levar a têrmo a tua exposição.

SÓC. Então, também para não cometermos injustiça  
é mister, parece, adquirir certa fôrça e ciência?

CÁL. Perfeitamente.

SÓC. E qual ciência nos aparelharia a não sofrer a  
injustiça, ou sofrê-la o mínimo possível? Vê se  
somos do mesmo parecer. O meu é êste: é preciso  
exercer no Estado o govêrno ou mesmo a tirania, ou  
ser amigo da facção dominante.

CÁL. Vês, Sócrates, como estou pronto a aprovar-  
te quando falas com acêrto? Isso disseste, a meu  
ver, com carradas de razão.

SÓC. Examina, então, se te pareço estar certo tam-  
bém quando digo o seguinte. Na minha opinião,

cada qual, como diziam os sábios de antanho, é tanto mais amigo de outro quanto mais igual fôr a. êle (155). Não pensas assim?

CÁL. Penso.

SÓC. Portanto, onde quer que o poder é exercido por um tirano rude e inculto, se houver na cidade alguém muito melhor do que êle, por certo o tirano o temerá e não poderá ser seu amigo do fundo do coração. c

CÁL. Assim é.

SÓC. Tampouco se houver alguém muito mais perverso do que êle, pois o tirano lhe votará desprezo e jamais um apêgo de amigo.

CÁL. Isso também é verdade.

SÓC. Resta, pois, a semelhante pessoa somente um amigo digno de menção: quem, de caráter igual ao seu, condenando ou aprovando as mesmas coisas, se sujeite de bom grado a obedecer submisso à autoridade. Tal pessoa terá naquele Estado, um poder imenso e ninguém a agravará sem pagar por isso. Não é assim? d

CÁL. É.

SÓC. Imaginemos, pois, que, no suposto Estado, um môço refletisse assim: "De que maneira poderei adquirir um poder imenso, sem receber nenhum agravo?" Seu caminho, acho, será êste: habituar-se desde a juventude a folgar ou agastar-se com os mesmos motivos que o seu amo e diligenciar por assemelhar-se a êle tanto quanto possível. Não é assim?

155. A idéia está em Homero, *Odisséia*, XVII, 218; Platão repete-a em *Protágoras*, 337-d, *Banquete*, 195-b, e *Lísis*, 214-b.

CÁL. Sim.

SÓC. Aí está, portanto, segundo nosso raciocínio, quem terá conseguido, no Estado, forrar-se a agravos e desfrutar um poder imenso. e

CÁL. Perfeitamente.

SÓC. Mas terá igualmente conseguido não cometer injustiça? Ou estará longe disso, pois será igual ao governante, que é iníquo, e terá imenso poder junto dêle? Não, penso eu; muito ao contrário, êle se terá apercebido para praticar quantas injustiças puder e, depois de cometê-las, não as expiar. Não acha?

CÁL. Parece.

SÓC. Por conseguinte, será seu quinhão o maior dos males, a maldade e ruína da alma, graças à imitação de seu amo e ao poder. 511

CÁL. Não entendo, Sócrates, como podes, volta e meia, torcer e virar de cangalhas os raciocínios; então, não compreendes que tal imitador, quando quiser, fará morrer quem não imita o tirano e tomará os seus bens?

SÓC. Compreendo, excelente Cálicles — ou, então, seria obtuso — pois ouço o que tu dizes, o que Polo acaba de repetir tantas vêzes e pensam quase todos em Atenas. Porém, ouve tu também a mim: êle o matará, se quiser, mas será sempre um indivíduo refece assassinando um homem de bem. b

CÁL. E não é êsse o aspecto revoltante da coisa (156)?

156. O contraste entre a vítima virtuosa e o assassino infame, na opinião de Cálicles, devia causar a Sócrates tanto maior revolta. Não está aqui exprimindo um sentimento seu. Situação similar é a de 470-a; v. nota 66.

SÓC. Não para quem tem bom senso, como o raciocínio demonstra. Ou cuidas seja dever do homem aprestar-se para viver o mais longamente possível e praticar as artes que nos salvam de todos os perigos, como essa oratória, cuja prática me recomendas como salvatério nos tribunais?

CÁL. Sim, por Zeus! e um conselho acertado!

SÓC. Que mais, excelente homem? Achas um conhecimento notável saber nadar?

CÁL. Não, por Zeus!

SÓC. Não obstante, êle também salva as pessoas da morte, quando defrontam perigos que reclamam essa aptidão. Mas se essa te parece de somenos, citarei outra maior, a praticagem: ela salva dos maiores perigos não só as almas, mas também os corpos e os bens, tal como a oratória. É, porém, retraída e modesta; não estadeia méritos, como se efetuasse algum trabalho maravilhoso; prestando, embora, o mesmo serviço que a oratória judiciária, cobra dois óbolos<sup>(157)</sup>, creio, para nos trazer sãos e salvos de Egina; quando do Egito ou do Ponto, ou de muito longe, por êsse benefício imenso de trazer a salvamento, como dizia há pouco, a gente, os filhos, os haveres e a mulher, cobra-nos duas dracmas depois de nos desembarcar no pôrto; e o possuidor de tal ciência, realizado êsse feito, desembarca e passeia à beira-mar, ao pé de seu navio, numa compostura modesta. Êle, imagino, sabe refletir como é incerto distinguir a quem dentre os passageiros terá prestado um serviço e a quem um malefício não os deixando afundar, pois sabe que não

157. Um óbolo era a sexta parte duma dracma, moeda de prata que pesava entre 431 e 432 centigramas.

os desembarcou nada melhores do que tinham embarcado, nem de corpo, nem de alma. Êle avalia que, se alguém, atacado de graves e incuráveis moléstias do corpo, não se afogou, êsse é um coitado por não ter morrido e não lhe deve nenhum bem; outrossim, se algum, na parte mais preciosa que o corpo, a alma, é enfêrmo de inúmeros males incuráveis, êsse não deve viver; nenhum serviço lhe terá prestado com salvá-lo ou do mar, ou do tribunal, ou de qualquer outro perigo; êle compreende que para homem ruim é preferível não viver, pois fôrça é que sofra na vida. Por isso não costuma o pilôto enfatuar-se, embora nos salve; nem tampouco, meu admirável amigo, o construtor de máquinas de guerra, capaz não raro de salvar não menos pessoas do que, já não digo um pilôto, mas um general, ou quem quer que seja, pois salva por vêzes cidades inteiras. Êle não te parece ombrear com um causídico? Todavia, Cálicles, se quisesse falar como vós outros, encarecendo seu trabalho, êle podia esmagar-vos sob argumentos, persuadindo-vos da conveniência de vos tornardes construtores de máquinas de guerra e que tudo o mais nada vale; e teria argumentos sólidos. Tu, porém, nem por isso o desdenhas menos, a êle e a sua arte; atirar-lhe-ias o nome de construtor de máquinas como um baldão e não quererias dar a mão de filha tua a filho dêle, nem tomar a filha dêle por espôsa. Contudo, considerados os méritos que alardeias em tua arte, com que direito desprezas o construtor de máquinas e os demais mesterais que referi há pouco? Dirias, bem sei, seres melhor do que êles e de melhor origem. Mas, se ser melhor não consiste no que digo e a prestância está precisamente em salvar a si mesmo e seus bens, valha cada um o que valer,

é ridículo o teu menoscabo da construção de máquinas, da medicina e de quantas artes mais se criaram com o fito de salvar. Mas, meu caro, vê lá se a nobreza e o bem não diferem de salvar do perigo outras pessoas e a própria; essa preocupação de quantos anos viver, um homem deveras homem <sup>(158)</sup> e deve pô-la de lado; em vez de apegar-se à vida, deve confiar êsse cuidado à divindade, crer nas mulheres, quando dizem que ninguém escapa à sua sina, e examinar o corolário, isto é, qual a maneira mais digna de passar êsse tempo que vai viver; se, por ventura, não será conformando-se com o regime político sob o qual se vive, e nesse caso tu deves assemelhar-te o mais possível ao *demo* de Atenas, para gozares de sua estima e teres imenso poder no Estado; vê se nos serve a ti e a mim essa maneira, meu ditoso amigo, para não nos acontecer como, segundo dizes, às bruxas da Tessália, quando fazem descer a Lua <sup>(159)</sup>; nessa escolha do poder no Estado, arriscamos o que temos de mais caro. Se acreditas que alguém neste mun-

513

158. Sócrates responde aqui à crítica de Cálicles em 485-d.

159. As téssalas, gozando da proteção de Hécate, deusa noturna, passavam por hábeis feiticeiras, entendidas em venenos. Tinham o poder de baixar a Lua até a Terra, mas com isso se arriscavam a cegueira e entrecimento, pois a deusa não o consentia. Fábula oferecida à meditação dos revolucionários apressados, que não meditam a História e não medem conseqüências; aliás, saberiam que os revolucionários mais autênticos são as primeiras vítimas desenganadas das revoluções; em geral, obtida a vitória, guardam-se os estandartes, arquivam-se os ideais e cuida-se apenas de consolidar posições pessoais tomadas de assalto. Com a vitória dos ideais dos Gracos triunfou a ditadura de César; caiu a república dos Cípiões e aprumou-se o império dos Tibérios e Calígulas.

do te haja de transmitir ciência tal que te confira imenso poder nesta cidade, quer para o bem, quer para o mal, enquanto divergires dela em princípios políticos, estás, a meu ver, enganado, Cálicles; se queres travar uma amizade sincera com o *demo* de Atenas e, por Zeus! com Demo, filho de Pirilampes <sup>(160)</sup>, também, importa seres com efeito não um imitador dêles, mas um seu igual por natureza. Quem te assemelhar a êles o mais possível é que fará de ti, como ambicionas, um político e um orador; um e outro gostam de ouvir palavras em harmonia com sua própria índole e aborrecem as discordantes. Isto, se não tens um parecer diferente, meu dileto amigo. Faremos alguma objeção, Cálicles?

CÁL. Não sei como, Sócrates, tu me pareces ter razão; sucede-me, todavia, o mesmo que à maioria; não me convenceste de todo <sup>(161)</sup>.

SÓC. É porque, alojado em teu coração, Cálicles, o amor do *demo* me oferece resistência; mas talvez fiques convencido, se examinarmos muitas vezes e melhor essa mesma ordem de idéias. Não te esqueças, porém, que dizíamos existirem dois métodos de tratar quer o corpo, quer a alma; um visa ao prazer; o outro, ao maior bem, recorrendo, não a complacências, mas à energia. Não eram essas as definições então formuladas?

CÁL. Perfeitamente.

SÓC. Assim, um, o do prazer, é ignóbil e não passa de lisonjaria; não é?

160. Cf. 481-d.

161. V nota 88. É que a inteligência se curva fatalmente à evidência da verdade; a vontade, porém, é mais difícil de dobrar.

CÁL. Vá lá que seja assim, se o queres.

SÓC. E o outro tende à maior perfeição do objeto da solicitude, corpo ou alma?

CÁL. Perfeitamente.

SÓC. Portanto, cumpre que, servindo à cidade e aos cidadãos, seja nosso empenho tornar os próprios cidadãos tão bons quanto possível; não é? Aliás, como verificamos antes, de nada valerá deparar-lhes qualquer outro benefício, se não fôr honesto o pensamento das pessoas que hão de empolgar grossas quantias, o poder, ou qualquer outra autoridade. Diremos que é assim?

CÁL. Perfeitamente, se isso te dá prazer.

SÓC. Se, pois, Cálicles, com a tenção de nos dedicarmos ao serviço público no ramo da construção, nos estimulássemos um ao outro, às edificações mais importantes, muralhas, arsenais, templos, não nos cumpria examinar-nos a nós mesmos, verificando se conhecemos ou não a arte de construir e de quem a aprendemos? Cumpria, ou não?

CÁL. Perfeitamente.

SÓC. Em segundo lugar — não é? — examinar se alguma vez construímos algum edifício privado, para algum amigo, ou para nós próprios, e se tal edifício saiu bonito ou feio; se, por êsse exame, averiguamos que tivemos mestres competentes e bem conceituados e nós, quando em companhia dos mestres erguemos muitos edifícios bonitos e, por nós mesmos, já desligados dos mestres, edificamos muitos outros, nessas condições poderíamos, em sã juízo, acometer obras públicas; se, porém, não pudéssemos alegar o nome de nosso mestre e, quanto a construções, nenhuma, ou muitas de ne-

nhum valor, nessas condições seria, por certo, insensatez meter ombros a obras públicas e estimular-nos mutuamente a elas. Isso está bem pensado, ou diremos que não?

CÁL. Muito bem pensado.

SÓC. Assim em tudo o mais — não é verdade? Principalmente, caso nos exortássemos reciprocamente a prestar serviços ao povo na condição de médicos capazes, por certo nos examinaríamos, eu a ti e tu a mim. “Vejamos, pelos deuses! Pessoalmente, como vai Sócrates de saúde física? Algum doente, escravo ou livre <sup>(162)</sup>, já foi curado por Sócrates?” Eu, de minha parte, suponho, faria idênticas indagações a teu respeito. Se averiguássemos que ninguém, estrangeiro ou cidadão, homem ou mulher, melhorara fisicamente sob nossos cuidados — por Zeus, Cálicles! — não seria na verdade ridículo levarmos o estouvamento ao ponto de, antes de longamente praticar, bem ou mal, em caráter privado, antes de muito acertar e bem adestrar-nos na medicina, nos abalançarmos, como se diz, a aprender cerâmica no jarro <sup>(163)</sup>, metendo-nos a atender ao público e convidando outros como nós a imitar nosso exemplo? Não te pareceria absurdo semelhante procedimento?

CÁL. Pareceria.

162. Lodge, citando *Leis*, 720-c, aventa que os escravos seriam atendidos por médicos menos habilitados. A nosso ver não é êsse o pensamento de Platão nesta passagem; êle diz “livres e escravos”, como adiante “cidadão ou estrangeiro”, “homem ou mulher”, para significar “tôda gente”, pois quem não está numa das condições está na outra.

163. Com risco de inutilizar o material.

SÓC. E agora, meu excelente amigo, como tu próprio apenas comesças a intervir na vida pública e a mim me exortas a fazer o mesmo, censurando-me a abstenção, não é oportuno examinar-nos mutuamente? Vejamos; Cálicles já tornou melhor algum cidadão? Há alguém, forasteiro ou ateniense, escravo ou livre, que, tendo sido antes mau, injusto, estróina e estabanado, se tenha convertido, graças a Cálicles, em homem de bem?" Dize-me, Cálicles; se te submeterem a tal exame, que dirás? Que pessoa apontarás, a quem haja melhorado a tua convivência? Por que hesitas em responder, se é que realizaste alguma coisa, ainda como simples particular, antes de cometeres a vida pública?

CÁL. Tu és pervalaz, Sócrates!

SÓC. Se pergunto, não é por pervalácia, mas pelo desejo sincero de saber como, no teu entender, se deve politizar nesta cidade. Ou, uma vez empenhado nos negócios públicos, teu interesse por nós será outro, que não o de sermos cidadãos tão bons quanto possível? Não admitimos já tantas vezes ser esse o dever do político? Admitimos, ou não? Responde. Admitimos; eu responderei por ti. Se esse é o serviço que o homem honesto deve prestar a sua cidade, recorda os homens há pouco mencionados por ti, Péricles, Cimão, Milcíades e Temístocles, e dize-me se ainda achas terem sido bons estadistas.

CÁL. Acho.

SÓC. Logo, se eram bons, evidentemente cada um deles tornava melhores os cidadãos, de piores que eram. Tornava, ou não?

CÁL. Sim.

SÓC. Logo, ao tempo dos primeiros discursos de Péricles na assembléia, os atenienses eram piores do que ao dos últimos (164)?

CÁL. É provável.

SÓC. Provável, não, meu bom amigo; necessário, de acôrdo com os pontos admitidos, se êle era de fato um bom estadista.

CÁL. E daí?

SÓC. Nada. Mas dize-me, mais, se consta hajam os atenienses melhorado graças a Péricles, ou se, inteiramente ao avêso, foram por êle corrompidos, pois, segundo tenho ouvido, Péricles, instituindo a remuneração do serviço público, tornou os atenienses indolentes, poltrões, tagarelas e avaros.

CÁL. Essa balela, Sócrates, tu a tens ouvido a gente de orelha rasgada (165).

SÓC. Êste outro fato, porém, já não o tenho ouvido, mas eu e tu o sabemos com certeza; de comêço, gozava Péricles de bom nome e os atenienses, então piores, não pronunciaram contra êle nenhuma sentença infamante; contudo, pelo fim da vida de Péricles, após se tornarem probos graças a seus esforços, êles o pronunciaram culpado de roubo e pouco faltou para o condenarem à morte, por o considerarem mau, é evidente (166).

164. V. nota 12. Esta pergunta equivale à seguinte: "Logo, os atenienses, no início do governo de Péricles, eram piores do que no fim?"

165. Muitos simpatizantes de Esparta, por imitação, praticavam ginástica e atletismo; no pugilato, enluvavam as mãos com tiras de couro, que freqüentemente feriam orelhas. A alusão envolve todos os simpatizantes de Esparta, inclusive Sócrates, suspeito de laconismo.

166. Foi em 430 a. C. Os espartanos tinham invadido a Ática e grassava a peste em Atenas. Péricles regres-

CÁL. E daí? Só por isso Péricles era ruim?

SÓC. Um tratador de burros, de cavalos ou de bois, será considerado ruim, se estiver no mesmo caso, isto é, se eles não coiceavam, nem chifravam, nem mordiam, quando lhe foram entregues, mas, quando os devolve, fazem tudo isso, de bravios. Ou não consideras ruim um tratador qualquer de um animal qualquer, que devolva mais bravio o que recebeu mais manso? Consideras, ou não?

CÁL. Perfeitamente, para te dar êsse prazer.

SÓC. Então, dá-me o prazer de responder se o homem pertence ao gênero animal, ou não.

CÁL. Como não?

SÓC. Não é verdade que Péricles tratava de homens?

CÁL. Sim.

SÓC. E daí? Êstes, como admitimos há pouco, não deviam ter-se convertido de iníquos em justos, graças a êle, se deveras tivesse tido competência política para tratar dêles?

CÁL. Perfeitamente.

SÓC. Os justos, dizia Homero, são mansos<sup>(167)</sup>; tu o que achas? Não és da mesma opinião?

CÁL. Sim.

---

sava duma excursão marítima à costa do Peloponeso. A oposição a seu poder crescia. Em vão tentou o grande estratega reerguer a moral do povo e seu prestígio pessoal; foi destituído e multado, em 15 talentos, segundo uns; em 50, segundo outros.

167. Assim formulado, não se encontra êsse pensamento em Homero; nas passagens habitualmente apontadas (*Odisséia*, VI, 120 e VIII, 575) alia-se a injustiça ao estado selvagem.

SÓC. Péricles, porém, os devolveu mais bravios do que os recebera, ademais, contra êle próprio, como menos desejara!

CÁL. Queres que concorde contigo?

SÓC. Se, a teu ver, estou com a razão.

CÁL. Vá lá que assim seja.

SÓC. Se mais bravios, também mais injustos e piores, não é verdade?

CÁL. Seja.

SÓC. Segundo se infere de tal argumento, Péricles carecia de competência política.

CÁL. É o que tu pensas.

SÓC. Tu também, por Zeus! conforme os pontos que admitiste. Mas falemos agora de Cimão; não o condenaram ao ostracismo<sup>(168)</sup> aquêles de quem êle tratara, para não terem de ouvir a sua voz durante dez anos? A Temístocles não fizeram a mesma coisa, exilando-o, de mais a mais? A Milcíades, vencedor de Maratona<sup>(169)</sup>, não sentenciaram ao báratro e, não fôra a intervenção do prítane<sup>(170)</sup>, não teria sido precipitado? Ora, tais homens, se fôssem bons, jamais teriam sofrido aquelas penas. Pelo menos, os bons cocheiros, se, de comêço, não caem da boléia, muito menos vêm a cair mais tarde, após adestrarem os cavalos e se tornarem êles próprios melhores boleiros; isso não acontece na arte de bolear, nem em qualquer outra. Ou achas que sim?

---

168. Banimento temporário, impôsto pelo voto popular.

169. Ter sido combatente em Maratona (v. nota 146) constituía como que um título de nobreza.

170. Membro do conselho dos Quinhentos (v. nota 22).

CAL. Eu? Não.

SÓC. Portanto, segundo parece, tínhamos razão antes, quando dizíamos que jamais tivemos nesta cidade um estadista perfeito. Tu o admitiste quanto aos de hoje, mas não quanto aos antigos, e distinguias as mencionadas personalidades. Elas, porém, revelaram-se tais quais as de agora; portanto, se foram oradores, não empregaram a oratória sincera, aliás não teriam caído, nem a de bajulice.

CAL. Todavia, Sócrates, as de hoje estão muito longe de ter concluído trabalhos que se comparem às realizações de qualquer daqueles, à tua escolha (171).

SÓC. Meu bem-aventurado amigo, como servidores do Estado, tampouco eu lhes aponto defeitos; ao contrário, na minha opinião, foram mais serviçais que os de hoje e mais capazes de satisfazer aos anseios da população. Quanto, porém, a transformar os desejos em vez de ceder a êles, inculcando e impondo aos cidadãos providências que os houvessem de tornar melhores, aquêles nada, por assim dizer, diferiam dêstes; e nisso consiste tôda a tarefa do bom estadista (172). Navios, muralhas, arsenais e quejandas fábricas inúmeras, concedo-te eu também terem sido êles mais hábeis do que êstes em arranjá-las. Mas estamos eu e tu laborando numa cavaqueira ridícula; em todo o tempo de nossa conversa, não cessamos de andar em roda, sem compreendermos o pensamento um do outro.

171. Nôvo exemplo de argumentação retórica, que, torcendo o pensamento de Sócrates, dá a impressão de que êle está denegrindo figuras históricas veneradas.

172. Raros podem colher aplausos prometendo ao povo, como Churchill, "sangue, suor e lágrimas".

Eu, de minha parte, penso teres muitas vêzes concordado e reconhecido — não é assim? — a existência como que de dois processos de servir o corpo, ou a alma; um é servil e possibilita a obtenção de alimentos, quando nosso corpo tem fome; de bebida, quando tem sede e, quando tem frio, de mantos, cobertas, calçado e outros bens que pode o corpo desejar. Falo empregando as mesmas figuras, de propósito, para mais facilmente me entenderes. Mercar êsses bens é serviço de vajejista, atacadista, ou produtor de algum dêles, padreiro, cozinheiro, tecelão, sapateiro, curtidor; não é de admirar que tais profissionais passem por servidores do corpo aos seus próprios olhos e aos de quantos ignoram que, além de tôdas essas atividades, existem certas ciências, a ginástica e a medicina, que são o verdadeiro serviço do corpo e a elas, outrossim, incumbiria governar tôdas aquelas profissões e utilizar os produtos delas, porque conhecem, entre os alimentos ou bebidas, qual o bom e qual o nocivo à excelência do corpo, quando tôdas as mais ignoram isso. Por isso aquelas, as demais artes relativas ao cuidado do corpo, são próprias de escravos, de criados, servis, ao passo que a ginástica e a medicina são, por direito, senhoras delas. Enquanto estou dizendo que o mesmo se passa com a alma, parece, tu o compreendes e concordas comigo, como se tivesses entendido o meu pensamento, mas pouco depois me vens dizer que houve em Atenas bons estadistas; quando pergunto quais, tu me apontas, no terreno da política, pessoas cuja indicação, sem tirar nem pôr, é como se, à pergunta de quais, no terreno da ginástica, foram ou são os bons no tratamento do corpo, me respondes-



ses, em tom sério, designando Tearião, o padeiro, Miteco, o autor do tratado sobre a cozinha siciliana (173), e Sarambo, o taberneiro, e explicando que esses eram admiráveis no tratamento do corpo, por prepararem produtos extraordinários: pães, o primeiro; iguarias, o segundo, e o terceiro, vinho. Talvez, até, te agastasses, se eu replicasse: "Homem, tu nada entendes de ginástica; mencionas pessoas a serviço da satisfação de apetites, que não têm, a respeito destes, nenhum conhecimento válido; pode ser que repletem e engordem o corpo dos fregueses e ganhem os seus elogios, mas acabarão por arruinar-lhes a carnadura que tinham de início; êstes, porém, por ignorância, não imputarão a quem os nutre a culpa de suas doenças e a perda das carnes de antes; ao contrário, quando, passado longo tempo, lhes tiver essa gula acarretado a doença, por ter existido sem o cuidado da saúde, se houver pessoas presentes a dar-lhes conselhos, a essas é que eles hão de incriminar, argüir e maltratar, se puderem, ao passo que, para aquêles primeiros, os culpados dos males, só terão louvores. É o que tu, Cálicles, estás fazendo, sem tirar nem pôr; enalteces pessoas que regalaram êste povo com as iguarias que êle desejava e, segundo voz corrente, engrandeceram a cidade; mas de que ela está inchada e desensarada por dentro, por obra daqueles antigos, ninguém se dá conta. Eles, com efeito, sem critério nem justiça, encheram a cidade de portos, arsenais, muralhas, tributos e outras inânias; quando, pois, sobrevier o esperado ata-

173. Famosa pela variedade ainda ao tempo de Horácio (v. *Odes*, III, 1, 18). Os sicilianos passavam por sibaritas.

que de fraqueza, vão inculpar a quem estiver então ao pé a dar conselhos, e enaltecerão a Temístocles, Cimão e Péricles, os culpados dos males (174); talvez se voltem contra ti, se não te precaveres, e contra meu amigo Alcibíades (175), quando perderem, além dos bens adquiridos, mais os de antes, embora não sejais os culpados dos males, mas, talvez, co-responsáveis. Contudo, um fato absurdo vejo ocorrer atualmente e ouço contar dos homens de antanho. Segundo observo, quando a cidade trata os políticos como criminosos, eles se indignam e revoltam, como vítimas de iniquidade; segundo alegam, prestaram à cidade serviços sem conta e agora ela os desgracia injustamente. Mentira de cabo a rabo; jamais pode um chefe de Estado ser injustiçado pelo Estado mesmo que êle chefia. É provável que os pretensos estadistas estejam no mesmo caso dos pretensos sábios. Com efeito, os sofistas, sábios no mais, cometem, sem embargo, uma inépcia absurda; apregoam-se mestres de virtude, mas não raro acusam os discípulos de agravá-los, negando-lhes o pagamento e qualquer gratidão pelos benefícios que deles receberam; haverá sem-razão maior que essa queixa? Homens tornados bons e justos, com a injustiça extirpada pelo mestre e de posse da justiça, haviam de delinqüir por obra dum vício que já não têm? Não achas isso absurdo, meu amigo?

174. Leitor môço, relê, por favor, êste parágrafo e o precedente; reflete quantos Cálicles conheces por aí, pasmados ante a ostentação de progresso meramente material, enquanto os valores morais vão submergindo cada vez mais fundo.

175. V. nota 93. Sugerimos a leitura da biografia em Plutarco.

Negando-te a responder, Cálicles, obrigaste-me a uma verdadeira arenga de tribuno popular (176).

CÁL. Não serias capaz de falar sem interlocutor que te responda?

SÓC. Talvez. Pelo menos agora estou estirando discursos enormes, por te recusares a responder. Mas, excelente amigo, dize-me, por Zeus da Amizade; não achas descabido uma pessoa, que apregoa ter tornado boa uma outra, vituperá-la porque, tendo-se tornado boa graças a ela e sem deixar de o ser, lhe sai má?

CÁL. Acho.

SÓC. Não tens ouvido queixas semelhantes aos que se apregoam mestres de virtude?

CÁL. Sim, mas para que falarmos de lagalhés? 520

SÓC. E que dirias daqueles que, apregoando chefiar uma cidade e zelar para que seja a melhor possível, depois a acusam, em dado momento, de péssima? Vês alguma diferença entre êstes e aquêles? Como eu dizia a Polo (177), a arte de um sofista (178), se não é a mesma que a de um retor, é quase a mesma; mas tu, iludido, consideras sumamente bela uma das duas, a oratória, e desprezas a outra. Em verdade, a beleza da sofística supera tanto a da oratória, quanto a da legislação à da judicatura e a da ginástica à da medicina. Eu cá pensava que apenas a tribunos populares e a sofistas não assiste o direito de argüir a disciplina por êles próprios ensinada de ruindade para com êles,

176. Cf. 482-c.

177. Em 465-c.

178. Entendido no sentido primitivo, de professor. educador.

sem, do mesmo passo, com êsse mesmo argumento, a si próprios acusarem de não ter feito benefício algum às pessoas a quem alegam ter beneficiado. Não é assim?

CÁL. Perfeitamente.

SÓC. E, se falam verdade, só a êles, naturalmente, seria possível prodigalizar benefícios sem aspirar a recompensas. Alguém contemplado com outra sorte de benefício, por exemplo, alguém que o mestre de ginástica houvesse tornado veloz, é admissível que lhe sonegasse gratidão, se o mestre de ginástica lhe tivesse dispensado lições gratuitas, ao invés de ir recebendo o pagamento convencional, na medida em que lhe comunicasse velocidade. Não é, suponho, em virtude de lentidão, mas de injustiça, que as pessoas delinquem. Não é?

CÁL. Sim.

SÓC. Portanto, se alguém extirpa precisamente a injustiça, não pode sofrer vislumbre de injustiça; só êle prodigaliza, a salvo de danos, êsse benefício, se é que pode realmente alguém tornar bons os outros. Não é fato?

CÁL. Concordo.

SÓC. Por isso, aparentemente, não há desdouro em receber dinheiro em paga de conselhos nas demais matérias, por exemplo, na construção e nas artes em geral.

CÁL. Sim, aparentemente.

SÓC. Quando, porém, se trata de como ser o melhor possível e administrar o melhor possível sua casa e sua cidade, considera-se desdouro a recusa a dar conselhos a não ser mediante pagamento. Não é?

CÁL. Sim.

c

d

e

SÓC. A razão é evidente; de todos os benefícios somente esse desperta no beneficiado o desejo de retribuir; assim, quando o autor desse benefício é beneficiado com a retribuição, isso é um bom indício; mau, quando não. Não se passam assim as coisas?

CÁL. Sim.

521

SÓC. A qual das duas maneiras de servir a cidade me exortas? Explica-mo, sim? à de usar de energia para com os atenienses, como um médico, para que sejam os melhores possíveis, ou à de, como um serviçal, cuidar apenas de agradar? Dize-me a verdade, Cálicles; é de justiça continuares a dizer o que sentes, usando para comigo da mesma franqueza do comêço. Fala-me agora com o mesmo destemor.

CÁL. Pois bem, é à maneira de um serviçal.

SÓC. Então, meu tão nobre amigo, tu me exortas a proceder como um bajulador? b

CÁL. Ou como um mísio <sup>(179)</sup>, Sócrates, se preferes dizer assim; porquanto, se procederes doutro modo...

SÓC. Não vás repetir o que disseste tantas vezes, que quem quiser me há de matar; aliás, também eu por minha vez terei de repetir que será um refece assassinando um bom <sup>(180)</sup>; nem que me tomará o que eu possuir; aliás, também eu terei de repetir que não lhe fará bom proveito o que me tiver tomado, mas assim como de modo injusto mo tomou,

179. Era proverbial a abjeção dos escravos procedentes da Mísia, região ao sul da cadeia do Ida, sujeita ao império persa.

180. Cf. 511-b.

de modo injusto o empregará e, se injusto, vergonhoso; se vergonhoso, funesto. c

CÁL. Quão persuadido me pareces, Sócrates, de que não poderias sofrer nenhum desses agravos, como se vivesses fora do alcance e não te pudesse arrastar a um tribunal uma pessoa talvez de todo perversa e baixa!

SÓC. Sou deveras parvo, Cálicles, se acredito que, nesta cidade, quem quer que seja está a salvo de agravos quaisquer que sejam. Mas duma coisa tenho certeza: se, por acaso, eu ingressar num tribunal, com o risco de uma das penas a que aludes, quem ali me levar há de ser um indivíduo refece, pois nenhum homem probo levaria um inocente; e não seria nada estranho que eu tivesse de morrer <sup>(181)</sup>. Queres que te diga por que penso assim? d

CÁL. Perfeitamente.

SÓC. Dos atenienses, creio, sou um dos poucos, para não dizer o único, a cultivar a verdadeira arte política <sup>(182)</sup>; a praticá-la hoje em dia, o único; como jamais falo com o propósito de agradar, senão sempre tendo em vista o maior bem em vez do maior prazer, nem estou disposto à prática das tais *agudezas* <sup>(183)</sup> a que me aconselhas, não saberei o que dizer no tribunal. Acode-me a mesma imagem que descrevi a Polo <sup>(184)</sup>; eu serei julgado como seria, entre crianças, um médico acusado por um cozinheiro. Examina, com efeito, que alega- e

181. Como de fato aconteceu.

182. Como a definia em 517-b. Sócrates jamais militou na política, nem exerceu cargos administrativos.

183. Cf. 486-c e 497-a. É mais uma crítica que Sócrates devolve.

184. Em 464-d.

ria em sua defesa tal homem perante tais juízes, se o acusassem dizendo: “Meninos, êsse homem vos tem causado inúmeros males; êle vos deforma, sem poupar sequer os mais novos dentre vós, com suas incisões e cautérios; emagrecendo-vos e sufocando-vos, êle vos desarvora, dando-vos as tisanas mais amargas e forçando-vos a passar fome e sêde, não como eu, que vos regalava com tantas iguarias saborosas e variadas.” Que imaginas havia de dizer um médico em tais apuros? Suponhamos dissesse, acaso, a verdade: “Meninos, eu fazia tôdas essas coisas visando à vossa saúde”; imaginas a grita que ergueriam semelhantes juízes? Seria medonha, não seria (<sup>185</sup>)?

CÁL. Talvez. É o que se deve imaginar.

SÓC. Não achas que êle se veria no maior dos embaraços sôbre o que dizer?

CÁL. Perfeitamente.

SÓC. Pois bem, eu, ingressando num tribunal, ficaria numa situação semelhante. Com efeito, sôbre não poder alegar prazeres proporcionados a êles — o que êles consideram benefício e serviços — não invejo as pessoas que os proporcionam, nem aquelas a quem são proporcionados; e se me argüires de deformar a juventude desconcertando-a, ou de ultrajar os velhos com palavreado acrimonioso em particular ou em público, eu nem poderei dizer, conforme a verdade: “Tudo isso eu digo com espírito de justiça, senhores juízes, e meus atos visam ao vosso interêsse”; nem alegar nenhuma outra defesa; assim, minha sorte seria a que houvesse de ser.

185. Foi o que aconteceu quando Sócrates se defendia no tribunal. Cf. *Apologia*, 30-c.

CÁL. Pois bem, Sócrates; achas bonito estar um homem em semelhante situação em sua terra, incapaz de valer a si mesmo?

SÓC. Sim, Cálicles, se nêle houver aquêle único merecimento, que tantas vêzes reconheceste, o de a si mesmo ter defendido de proferir ou praticar tôda injustiça, seja para com os homens, seja para com os deuses, porquanto essa, como tantas vêzes reconhecemos, é a melhor das defesas. Pudes-se alguém provar minha incapacidade de acudir a mim próprio ou a outrem com essa defesa, então, sim, eu coraria de ser confundido perante muitas, ou poucas, ou nenhuma testemunha, e doer-me-ia ter de morrer por causa dessa incapacidade; se, porém, eu tivesse de chegar ao fim por falta da oratória de bajulice, tenho certeza, tu me verias suportar a morte fâcilmente, pois não é da morte que se arreceia quem não seja de todo em todo parvo e poltrão, mas de cometer uma injustiça, porque o extremo dos males é chegar ao Hades uma alma carregada de iniquidades. Se queres, estou pronto a narrar-te uma estória de como é assim (<sup>186</sup>).

CÁL. Ora, tu já levaste a cabo os outros pontos; podes levar mais êsse.

SÓC. Pois então, como se costuma dizer (<sup>187</sup>), escuta uma estória muito bonita, que tu, suponho, tomarás por fábula, mas eu considero um relato, pois

186. O mito é uma estória ou dissertação fantasiosa, a que Platão recorre amiúde, não destinada a provar, mas a persuadir pelo esclarecimento.

187. O convite “escuta uma estória muito bonita” constituía, aparentemente, ao tempo de Platão, fórmula introdutória, como hoje “era uma vez”.

relatarei como fatos verídicos as coisas que vou dizer. Segundo conta Homero (<sup>188</sup>), tendo herdado de seu pai o poder, Zeus, Posidão e Plutão o dividiram. Ora, a respeito da humanidade, existia, sob Crono, a seguinte lei, em vigor entre os deuses até hoje sem interrupção: dentre os homens, quem b viveu todo o tempo em justiça e santidade, passa, após a morte, a residir nas Ilhas Afortunadas, numa felicidade perfeita, a salvo de males (<sup>189</sup>); quem viveu na injustiça e impiedade, vai para o calabouço da expiação e da pena, a que chamam Tártaro. Ao tempo de Crono e ainda recentemente, no comêço do reinado de Zeus, juizes em vida davam, assim, sentenças sôbre pessoas vivas, julgando-as no dia em que elas iam morrer. Ora, prolatavam-se sentenças erradas; por isso Plutão e os

188. *Ilíada*, XV, 187 e seguintes. "Somos três irmãos, filhos de Crono, que Réia deu à luz: Zeus, eu e, em terceiro lugar, Hades, que reina sôbre os mortos. O universo foi dividido em três partes e cada qual teve o seu quinhão de majestade; deitadas as sortes, coube a mim, por morada, para sempre, o branco mar; a Hades, a treva nevoenta; a Zeus, o vasto céu, no éter e nas nuvens; a Terra e o alto Olimpo continuam comuns a todos."

189. Formula-se aqui a teoria dos novíssimos do homem: morte, juízo, inferno ou paraíso, encontrável igualmente na *Apologia*, 40-c e seguintes; no *Fédon*, 107 e seguintes; na *República*, 614-b e seguintes. Em Homero, *Ilíada*, VIII, 14 e 479, o inferno, ou Tártaro, é prisão dos Titãs; os amados de Zeus, Radamanto e Menelau (*Odisséia*, IV, 563), seguem para a Planície do Elísio. Vêm de Hésíodo (*Trabalhos e Dias*, 170 e 171) as Ilhas Afortunadas; para lá vão as almas dos heróis da guerra de Tróia e os da quarta raça. Com o tempo elas vieram a constituir o paraíso dos bons, graças sobretudo a Píndaro (*Olimpicas*, II, 75 e seguintes). De Platão, se não dos órficos, parece ser a conversão do Tártaro em cárcere de malfetores, bem como a concepção do purgatório.

vigilantes das Ilhas Afortunadas foram contar a Zeus que iam ter, tanto com aquêlo como com êstes, pessoas que não mereciam os respectivos destinos. Disse, então, Zeus: "Pois bem; eu vou pôr fim a isso. Atualmente", acrescentou, "saem desencontradas as sentenças, por estarem vestidas as pessoas em julgamento, julgadas que são em vida. Muitos homens de alma ruim", prosseguiu, "estão revestidos de corpo bonito, de nobre linhagem e de riqueza; outrossim, por ocasião do julgamento, acorrem testemunhas suas em grande número a depor que êles viveram em justiça; os judicantes deixam-se impressionar por estas; além disso, êles próprios, quando julgam, estão revestidos e têm a alma coberta pelos olhos, ouvidos e todo o corpo. Todos êsses revestimentos, os seus e os dos julgados, os atrapalham (<sup>190</sup>). A primeira providência, pois", disse, "é abolir o conhecimento prévio da hora da morte, pois atualmente a conhecem de antemão. Quanto a isso, Prometeu (<sup>191</sup>) já tem ordens para o abolir. Depois, devem ser julgados despídos de todos êsses empedros, pois têm de ser julgados na morte. Igualmente, o juiz deve estar despído, morto, contemplando com a sua alma a alma de cada um imediatamente após a morte, longe de todos os parentes, abandonado sôbre a Terra todo

190. Cf. *Fédon*, 65-a, -b, -c.

191. Filho do titã Iápeto, roubou fogo da forja de Hefesto para o subministrar à humanidade, a quem ensinou as artes úteis. Em castigo, mandou Zeus que o acorrentassem a um penhasco no tôpo do Cáucaso, onde, de dia, uma águia lhe comia o figado, que, de noite, se recompunha. No *Prometeu Acorrentado*, de Esquilo, entre os benefícios que êle se gaba de ter proporcionado aos homens se conta a supressão do conhecimento prévio da hora da morte.

aquele aparato, para sair justa a sentença. Com efeito, antes de vós eu já verificara isso e criara juízes filhos meus, dois da Ásia, Minos<sup>(192)</sup> e Radamanto, e um da Europa, Éaco; êstes, pois, depois de morrerem, vão dar audiência na campina<sup>(193)</sup>, na encruzilhada de onde partem duas estradas, uma para as Ilhas Afortunadas, outra para o Tártaro. Aos da Ásia julgará Radamanto; aos da Europa, Éaco. A Minos darei a prerrogativa da sentença final, caso os outros dois sintam algum embaraço, a fim de que seja a mais justa possível a decisão da estrada a tomar pelos homens.” Aí está, Cálicles, o que eu ouvi contar e creio ser verdade. Tiro dêsse relato a seguinte conclusão. A morte vem a ser, na minha opinião, apenas a separação de duas coisas, alma e corpo<sup>(194)</sup>; depois de se apartarem um do outro, cada qual mantém o seu próprio estado, não muito inferior ao de quando o homem estava vivo. O corpo conserva a sua natureza e, visíveis, todos os bons e maus tratamentos recebidos. Por exemplo, se alguém, por natureza ou por alimentação, ou por ambas as causas, era corpulento em vida, depois que morrer, seu cadáver será grande; se gordo, gordo também depois da morte, e assim por diante; de igual modo, se deixava crescer o cabelo, cabeludo será também seu cadáver; igualmente, se alguém era um malhadiço e trazia no corpo marcas de vergasta-

524

b

c

192. Minos, rei e legislador de Creta, filho de Zeus e Europa. Radamanto, irmão de Minos, a quem temia, refugiou-se na Beócia, onde se distinguiu pela justiça de seus atos; Éaco, filho de Zeus e Egina, foi rei dos mirmidones.

193. Reminiscência do Vergel dos Asfódelos (*Odisseia*, XI, 539 e 573, XXIV, 13).

194. Cf. *Fédon*, 64-c, *passim*.

das, isto é, vergões impressos pelos açoites ou por outras pancadas em vida, mesmo depois da morte se podem ver conservados pelo corpo; ou, ainda, se alguém tinha em vida membros quebrados ou tortos, isso pode-se ver no defunto. Em suma, por algum tempo após a morte será visível tudo, ou quase tudo, que uma pessoa deparou a seu corpo durante a vida. A mesma coisa, Cálicles, se passa, no meu entender, com a alma; depois que ela despe o corpo, torna-se visível tudo que nela existe, tanto o que vem da natureza, quanto os influxos, que o homem guarda na alma, da prática de cada um de seus atos. Quando comparecem a juízo, os da Ásia apresentam-se a Radamanto; êle os detém e examina a alma de cada um, sem saber de quem se trata; muitas vêzes, deitando a mão ao Rei da Pérsia<sup>(195)</sup>, ou qualquer outro monarca ou potentado, verifica não haver nada sadio na alma, avergoada e cheia de cicatrizes dos perjúrios e iniquidades; são mossas impressas em sua alma por cada um de seus atos; tudo a mentira e impostura entortou, e nada resta direito por ter êle vivido sem verdade; Radamanto vê a alma carregada de desproporções e feiúra, efeito da licença, da voluptuosidade, da insolência e intemperança de seus atos; vendo isso, êle a expede, despojada de honras, diretamente para o calabouço, aonde chegada deverá sofrer a pena competente. Ora, a cada castigado, quando lhe impõem a pena acertada, o que compete é ou tirar proveito e tornar-se melhor, ou servir de escarmento a outros, para que, vendo-o sofrer a punição infligida, sintam medo

d

e

525

b

195. A quem aludiu Polo em 470-e como expoente de felicidade.

e melhorem. Tiram proveito da expiação imposta pelos deuses ou pelos homens os inquinados de pecados sanáveis; mesmo êsses, chega-lhes o proveito através de sofrimentos e dores, aqui e no Hades, pois não há outra maneira de se forrarem à iniquidade. Mas os que cometeram os deradeiros pecados e se tornaram por isso incuráveis, êsses servem de escarmento; se êles próprios já não tiram nenhum proveito, por incuráveis, seu exemplo aproveita a outros, a quantos os vêem sofrer, pela eternidade, por causa dos pecados, os maiores, mais dolorosos e temíveis sofrimentos — meros avisos pendurados lá no Hades, no calabouço, para espetáculo e advertência perpétua aos faltosos, à medida que chegam. Dêses eu digo que Arquelau será um, se Polo conta a verdade, e assim quem mais seja tirano, como êle. Creio mesmo que a maioria daqueles exemplos provenha dentre tiranos, reis, potentados e governantes dos Estados; êsses, mercê de sua autoridade, cometem os pecados mais graves e mais ímpios. Homero também dá testemunho disso; são reis e potentados aquêles que êle descreve<sup>(196)</sup> sofrendo, no Hades, penas perpétuas: Tântalo, Sísifo e Títio; a Tersites, como a al-

196. Cf. *Odisséia*, VI, 576 a 600 e *Ilíada*, II, 211 e 277. Tântalo, rei da Lídia, por ter traído segredos de Zeus, foi condenado a sede no Inferno; mergulhado em água, esta lhe fugia toda vez que tentava beber. Sísifo, rei de Corinto, avaro e fraudulento, sofre, no Inferno, a pena de rolar para o alto dum monte um bloco de mármore, que degradingola apenas chegado ao cume. Títio, gigante de Eubéa, tentou violentar Artemis; abatido pelo raio de Zeus, jaz estendido no Tártaro, onde abutres lhe devoram o fígado. Tersites, na *Ilíada*, não passa de um pobre diabo disforme e linguarudo, que Odisseu castiga com uma pancada do cetro na cabeça.

gum outro mau, que tenha sido mero particular, ninguém representa submetido a pesados castigos, como incurável, pois, imagino, faltaram-lhe meios de o ser; por isso, era mais feliz do que os outros, que os tinham. Sim, Cálicles, os homens mais perversos pertencem ao número dos poderosos; nada impede, contudo, haja mesmo entre êles homens bons; tanto mais forte razão de admirar aquêles que o são, pois é árduo, Cálicles, é altamente elogiável passar a vida nos limites do que é justo, quando sobeja a franquia de praticar injustiças. Êsses, porém, são poucos; não obstante, tanto em Atenas como alhures, penso, houve e haverá homens probos, tão virtuosos que manejem com integridade o que lhes fôr confiado; um houve, que desfrutou o mais honroso conceito em toda a Grécia: foi Aristides<sup>(197)</sup>, filho de Lisímaco; mas a maioria dos poderosos, meu excelente amigo, são ruins. Como estava dizendo, quando o dito Radamanto recebe alguém dessa espécie, a seu respeito êle nada mais sabe — nem quem é, nem de que família — senão que é mau sujeito; verificado isso, expede-o para o Tártaro, apondo-lhe, conforme o tiver achado, a marca de curável, ou de incurável; o réu, em lá chegando, sofre a pena competente. Vez por outra se lhe

197. Cognominado o *Justo*, herói de Maratona, sofreu ostracismo por intrigas de Temístocles. Em 480 a. C., ainda exilado, armou pequena tropa e, capitaneando-a, desalojou o inimigo na batalha de Salamina. Revocado do destêrro, comandou os atenienses em Platéias. Chefiando a Confederação Marítima, redigiu as leis que a regiam e ficou as contribuições das cidades confederadas. Morreu tão pobre, que o Estado teve de lhe dotar as filhas. Não era personagem que merecesse a admiração de Cálicles; por isso não é nomeado entre os seus ídolos, em 503-c.

depara uma alma diferente, que levou vida santa e dentro da verdade, a dum particular, ou de algum outro, ou, as mais das vêzes — pelo menos, Cálicles, assim entendo — a de um filósofo, que, quando vivo, só cuidou de sua vida e não quis abarcar o mundo com as pernas; então, com prazer, o expede para as Ilhas Afortunadas. É êsse, sem tirar nem pôr, o procedimento de Éaco. Cada um dos dois, de vara em punho, vai sentenciando, enquanto, sentado, os fiscaliza Minos, único a segurar o cetro de ouro; assim conta tê-lo visto Odisseu, em Homero, “segurando o cetro de ouro, entronado como juiz dos mortos” (198). Por mim, Cálicles, acredito nesse relato e trato de poder mostrar ao juiz uma alma tão sadia quanto possível; mando, pois, às urtigas as honrarias da maior parte dos homens e, pela pesquisa da verdade, procurarei ser deveras na vida e, quando morrer, na morte, tão bom quanto puder. Tanto quanto posso, aos homens em geral, especialmente a ti, retribuindo o teu convite (199) com um contrário, exorto a êsse modo de vida e à disputa dêsse prêmio, que eu declaro mais valioso que todos os prêmios cá de cima; reprocho-te que não serás capaz de valer a ti mesmo no processo e julgamento há pouco referidos; chegado diante do juiz filho de Égina (200), quando êle puser a mão sôbre ti e te levar, tu não ficarás lá menos boquiaberto e ourado (201) do que eu aqui e talvez alguém te esbofeteie e achincalhe com tudo quanto é baldão. 527

198. *Odisséia*, XI, 569.

199. Cf. 486-c.

200. Éaco.

201. Cf. 486-b; mais uma crítica devolvida.

Talvez aches isto meros contos da carochinha e os desprezes; talvez, com inteira razão os desprezássemos, se, pesquisando, tivéssemos descoberto outros, melhores e mais verdadeiros; como, porém, estás vendo, vós outros, tu, Polo e Górgias, sendo três pessoas, por sinal as mais sábias da Grécia de hoje, não podeis apontar outra vida melhor de viver do que essa, que precisamente se revela vantajosa lá em baixo. De tantos argumentos, confutados os demais, só um permanece incólume — que mais nos devemos precaver de cometer injustiças do que de sofrê-las e que o principal cuidado do homem deve ser, não o de parecer, mas o de ser bom, quer em particular, quer na vida pública; que, se alguém fôr mau nalguma coisa, precisa ser punido; que o segundo bem, abaixo do de ser justo, é vir a sê-lo e, punido, expiar a falta; que cumpre evitar tôda bajulice, seja para consigo, seja para com os outros, quer para com poucos, quer para com a maioria; e que a oratória, como as atividades em geral, devemos empregar sempre a serviço da justiça. Dá-me, pois, ouvidos e acompanha-me até onde, chegado, serás feliz na vida e na morte, como indica a razão. Deixa que te desprezem como parvo e te insultem, se quiserem, e, por Zeus! agüenta corajosamente que te pespeguem o tal ignominioso sopapo (202); não sofrerás nada de terrível, se és realmente um homem às direitas, praticante da virtude. Exercitemo-nos assim primeiramente; depois, se parecer necessário, dedicar-nos-emos à política; ou, se achares melhor outra atividade, deliberaremos então, quando mais

202. Cf. 486-c e *Mateus*, V, 39: “*Si quis te percusserit in dexteram maxillam tuam, praebe illi et alteram.*”



capazes de fazê-lo do que agora. Desaire será, no estado que ora apresentamos, pavonear-nos, como rapazolas, de ser alguma coisa, quando jamais mantemos uma opinião sôbre as coisas, mesmo as mais graves, tal a nossa ignorância. Valha-nos a razão, que agora se nos revelou, como um guia; e ela nos ensina que a melhor maneira de viver consiste em praticar a justiça e demais virtudes na vida e na morte. Sigamos essa e exortemos os outros a segui-la, em vez do outro ideal, em que acreditavas e a que me exortavas, porque êle, Cálicles, não vale um caracol (<sup>203</sup>).

---

203. Cf. 492-c e nota 112.

★

Este livro foi composto e impresso pela

EDIPE

*Artes Gráficas*

Rua Domingos Paiva, 60

SÃO PAULO